

Beija-flores do Brasil

Riqueza, distribuição e
status de conservação

Terra de Beija-flores

Lista das 359 espécies
de beija-flores de todo
o mundo.

Agência Ambiental Pick-upau
Programa Petrobras Socioambiental

Série Científica v.33, n.33 - Janeiro de 2020
ISSN 2316-106X

Casa de Cuitelinhos

Brasil abriga 84 espécies
e 103 subespécies em
todo território





Beija-flores e onde habitam

Expediente



Magazine
Darwin Society
Ciência para todos

CNPJ: 07.449.261.0001-32
MTB: 35.491
CRBio: 97710/01-D
RENASEM: SP-14923/2014
ISSN 2316-106X

Agência Ambiental Pick-upau
São Paulo – SP – Brasil
darwin@pick-upau.org.br

www.pick-upau.org.br
www.cecfloa.org.br
www.refazenda.org.br
www.darwin.org.br
www.atmosfera.org.br
www.projetoaves.org.br
www.redesementes.org.br

PRESIDÊNCIA

Profa. Dra. Heloisa Candia Hollnagel

VICE PRESIDÊNCIA

Andrea Nascimento

CEO

Julio Andrade

DIRETORIA FINANCEIRA

Andrea Nascimento

BIÓLOGA-CHEFE

Viviane Rodrigues Reis

PICK-UPAU

Alex do Nascimento

Carlos Alberto da Fonseca Funcia

Eliane Gomes da Silva

Fernanda Falbo Bandeira de Mello

Cel. Gilmar Ogawa

Dr. Luiz Miguel Menezes Freitas

Neuza Regina Oliveira Silva

Pedro Isal

Wilson Najjar Mahana

ORGANIZAÇÃO E PESQUISA

Viviane Rodrigues Reis

Julio Andrade

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

Agência Ambiental Pick-upau

Projeto Darwin

Projeto Aves: Mata Atlântica

Centro de Estudos e Conservação da Flora - CECFLORA

PATROCÍNIO

Petróleo Brasileiro S. A. – Petrobras

Programa Petrobras Socioambiental

Governo Federal

Mitsubishi Motors

AGRADECIMENTOS

Jonas D'Abrozio

FOTOS

Agência Ambiental Pick-upau

ILUSTRAÇÕES

Viviane Rodrigues Reis

REALIZAÇÃO



APOIO



Magazine
Darwin Society
Ciência para todos

Índice

	RESUMO.....	10
	ABSTRACT.....	11
01	INTRODUÇÃO.....	14
02	MATERIAL E MÉTODOS.....	24
03	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
04	CONCLUSÃO.....	39
05	TABELA DE ESPÉCIES E SUBESPÉCIES.....	42
06	FICHAS DE CATALOGAÇÃO.....	92
07	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142
08	QUEM SOMOS.....	144



No trânsito, dê sentido à vida.



MUNDO MIT

CONHEÇA NO ON
O QUE NOSSOS CLIENTES
CONHECEM NO OFF.

DESCUBRA O MUNDOMIT, A PLATAFORMA DA MITSUBISHI MOTORS QUE REÚNE O MELHOR CONTEÚDO 4X4 DO BRASIL EM UM ÚNICO LUGAR. LÁ, VOCÊ ACOMPANHA TUDO SOBRE RALIS, ESPORTES DE AVENTURA, EMBAIXADORES, FÃ-CLUBES, CURSOS, EXPEDIÇÕES E MUITO MAIS. VENHA FAZER PARTE! ACESSO MUNDOMIT.COM.BR



MUNDOMIT.COM.BR

[mitsubishimotorsbr](https://www.instagram.com/mitsubishimotorsbr) [mundomit](https://www.instagram.com/mundomit)



MITSUBISHI MOTORS
Drive your Ambition

empty

Beija-flores do Brasil

Riqueza, Distribuição e Status de Conservação.

Agência Ambiental Pick-upau
Programa Petrobras Socioambiental



TOPETINHO-VERDE

As fêmeas de *Lophornis chalybeus* distinguem-se entre si pelo padrão ventral que é bastante manchado de branco e canela

Beija-Flores – Riqueza, Distribuição e Status de Conservação

Agência Ambiental PICK-UPAU ¹

RESUMO

Os beija-flores ocorrem somente no continente americano e sua evolução ocorreu a partir dos Andes, especificamente no Equador. São bastante agressivos, devido à disputa pelos recursos alimentares, principalmente o néctar, carboidrato que fornece a energia necessária para as intensas atividades de voo. Ao contrário das abelhas que preferem flores com concentrações de até 70% e 80%, os beija-flores tem preferência por flores com néctar diluído, pouco acima de 20%. Este estudo teve como objetivo verificar a riqueza de espécies de beija-flores no mundo e no Brasil e levantar informações sobre seus habitats, status de conservação e características das espécies brasileiras. A família Trochilidae possui em torno de 359 espécies, 508 subespécies e estão reunidas em 106 gêneros. O Brasil possui 84 espécies e 103 subespécies incluídas em 33 gêneros. Os países que mais possuem beija-flores são a Colômbia com 163 espécies e Equador com aproximadamente 132. No Brasil, *Phaethornis* é o gênero com mais espécies e subespécies, dezoito e dezenove, respectivamente. Dezesesseis beija-flores (19%) ocorrem somente no Brasil. No domínio da Mata Atlântica, a família Trochilidae é uma das mais numerosas, ocupando a quinta posição com quarenta e duas espécies, metade do total de espécies. Quarenta espécies estão ameaçadas mundialmente, 10 estão em perigo crítico, 18 estão em perigo, 12 vulneráveis e 21 estão quase ameaçadas. Quatro destas espécies ocorrem no Brasil: *Glaucis dohrnii* e *Thalurania watertonii* estão em perigo tanto na classificação mundial quanto na brasileira, *Phaethornis aethopygus* e *Lophornis gouldii* estão vulneráveis em ambas as classificações.

Palavras-chave: Beija-flores, Brasil, Riqueza de espécies, Trochilidae.

¹ PICK-UPAU; REIS, V. R.; ANDRADE, J. Beija-Flores – Riqueza, Distribuição e Status de Conservação. São Paulo, Brasil. Série Especial Programa Petrobras Socioambiental. Darwin Society Magazine. São Paulo. v.33 n.33, 146 p, 2020.

Hummingbirds – Wealth, Distribution and Conservation Status

PICK-UPAU Environmental Agency ¹

ABSTRACT

Hummingbirds occur only on the American continent and their evolution occurred from the Andes, specifically in Ecuador. They are very aggressive due to the competition for food resources, especially nectar, carbohydrate that provides the energy needed for intense flight activities. Unlike bees that prefer flowers with concentrations up to 70% and 80%, hummingbirds prefer flowers with diluted nectar, just above 20%. This study aimed to verify the richness of hummingbird species in the world and in Brazil and to gather information about their habitats, conservation status and characteristics of Brazilian species. The family Trochilidae has around 359 species, 508 subspecies and are grouped in 106 genera. Brazil has 84 species and 103 subspecies included in 33 genera. The countries that have the most hummingbirds are Colombia with 163 species and Ecuador with approximately 132. In Brazil, *Phaethornis* is the genus with the most species and subspecies, 18 and 19, respectively. Sixteen hummingbirds (19%) occur only in Brazil. In the Atlantic Forest domain, the Trochilidae family is one of the most numerous, occupying the fifth position with forty-two species, half of the total species. Forty species are threatened worldwide, 10 are critically endangered, 18 are endangered, 12 are vulnerable and 21 are almost threatened. Four of these species occur in Brazil: *Glaucis dohrnii* and *Thalurania watertonii* are endangered in both world and Brazilian classification, *Phaethornis aethopygus* and *Lophornis gouldii* are vulnerable in both classifications.

Keywords: Hummingbirds, Brazil, Species richness, Trochilidae.

Mais de 7 mil metros de profundidade. 300 km da costa.

Superamos desafios para transformar a riqueza do pré-sal em valor. Queremos ser cada vez melhores, porque sendo melhores, seremos melhores para você.

Petrobras
Energia para transformar



Saiba mais em:

petrobras.com.br/nossaenergia



1. INTRODUÇÃO

1.1 BEIJA-FLORES

Evolução e distribuição

Os beija-flores ocorrem exclusivamente no continente americano, do Alasca a Terra do Fogo, mas o fóssil mais antigo conhecido de beija-flor é da Europa, indicando uma alteração na distribuição geográfica da família. Todos descendem de um único ancestral comum e exclusivo, formando assim um grupo natural. Seus parentes mais próximos são os andorinhões (família Apodidae) que juntos formam a ordem Apodiformes. Somente duas subfamílias eram reconhecidas: Phaethornithinae que abrigava os beija-flores ermitões (balança-rabos, rabo-brancos) e Trochilinae que abrigava os beija-flores “clássicos” (todos os demais), porém de acordo com estudos genéticos recentes há pelo menos nove linhagens dentro da família Trochilidae (Piacentini, 2017).

A família é uma das mais numerosas da Classe Aves e a diversidade elevada de espécies é consequência de mais de 30 milhões de anos de evolução. Vivem desde o nível do mar até aproximadamente 5.000 metros de altitude em diversos tipos de ambientes, sobretudo em áreas montanas tropicais (Piacentini, 2017).

A evolução ocorreu a partir dos Andes, especificamente no Equador, país que abriga o maior número de representantes, inclusive em altitudes acima de 800 metros. A ocorrência em altitudes de 5.000 metros é encontrada nos arredores de Chimborazo e Cotopaxi, no Equador. Dos Andes se espalharam até a Terra do Fogo e o Alasca, reduzindo em número à medida que avançavam. Os *Phaethornis* que são beija-flores florestais sedentários evoluíram mais intensamente (Sick, 1985).

Alguns representantes como os *Augastes* são admiráveis endemismos da parte oriental do planalto central. A evolução dos *Threnetes*, beija-flores florestais da Amazônia, se destaca pelo colorido das retrizes que ficam expostas quando abrem a cauda. A população de *Threnetes niger* que ocorre na Guiana Francesa e tem

cauda negra uniforme é o tipo menos avançado (Sick, 1985).

Os *Lophornis* também evoluíram de modo fascinante; as espécies deste gênero se destacam pela formação e pelo colorido dos tufo laterais do pescoço, essenciais para a cerimônia nupcial. O Brasil oriental também se tornou um centro de evolução de beija-flores: *Ramphodon* e *Stephanoxis* são gêneros que ocorrem somente nesta região. *Aphantochroa* e *Leucochloris* possuem distribuição parecida. *Phaethornis* ocorre no Brasil com cinco formas endêmicas: *P. squalidus*, *P. maranhaoensis*, *P. aethopygus*, *P. margarettae* e *P. idaliae*. *Stephanoxis*, típico dos cumes das montanhas altas do Sudeste (Serra do Mar, Mantiqueira) e extremo sul, é um dos poucos beija-flores brasileiros serranos (Sick, 1985).



BALANÇA-RABO-DE-BICO-TORTO *Glaucis hirsutus*. Possui o lado dorsal verde-bronze; lado ventral marrom-avermelhado; cauda com retrizes centrais verde-escuras com pontas brancas, as laterais marrom-avermelhadas.

Morfologia

As menores espécies que ocorrem no Brasil são *Lophornis magnificus* (6,8 cm; 1,5-2,8 g), *Heliactin bilophus* (8 cm; 1,8-2 g), *Phaethornis ruber* (8,6 cm; 1,8-2,5 g), e *Calliphlox amethystina* (7,5-8,6 cm; 2,3-2-8 g). O maior beija-flor de todos é a espécie *Patagona gigas* que ocorre somente nos Andes, tem de 20 a 22 cm e entre 18,5 e 20,2 gramas. Este gênero representa uma linhagem própria, subfamília Patagoninae. Já no Brasil, as maiores espécies é *Topaza pella* (20 cm; 13-18 g), *Eupetomena macroura* (15 -19 cm; 6-11 g) e *Ramphodon naevius* (14-16 cm; 9-10 g) (Sick, 1985).

O bico dos beija-flores é longo e fino e a língua é comprida e extensível; bífida e capilar na ponta. Alguns representantes como *Ramphodon*, *Glaucis*, *Colibri* e *Avocettula* apresentam a parte terminal da maxila serrilhada. A ponta do bico de *Avocettula recurvirostris* é recurvada para cima. *Ramphodon* tem dimorfismo sexual de bico, sendo que o do macho termina em um gancho e da fêmea é suavemente curvo, possivelmente devido a uma diferença na alimentação (Sick, 1985).

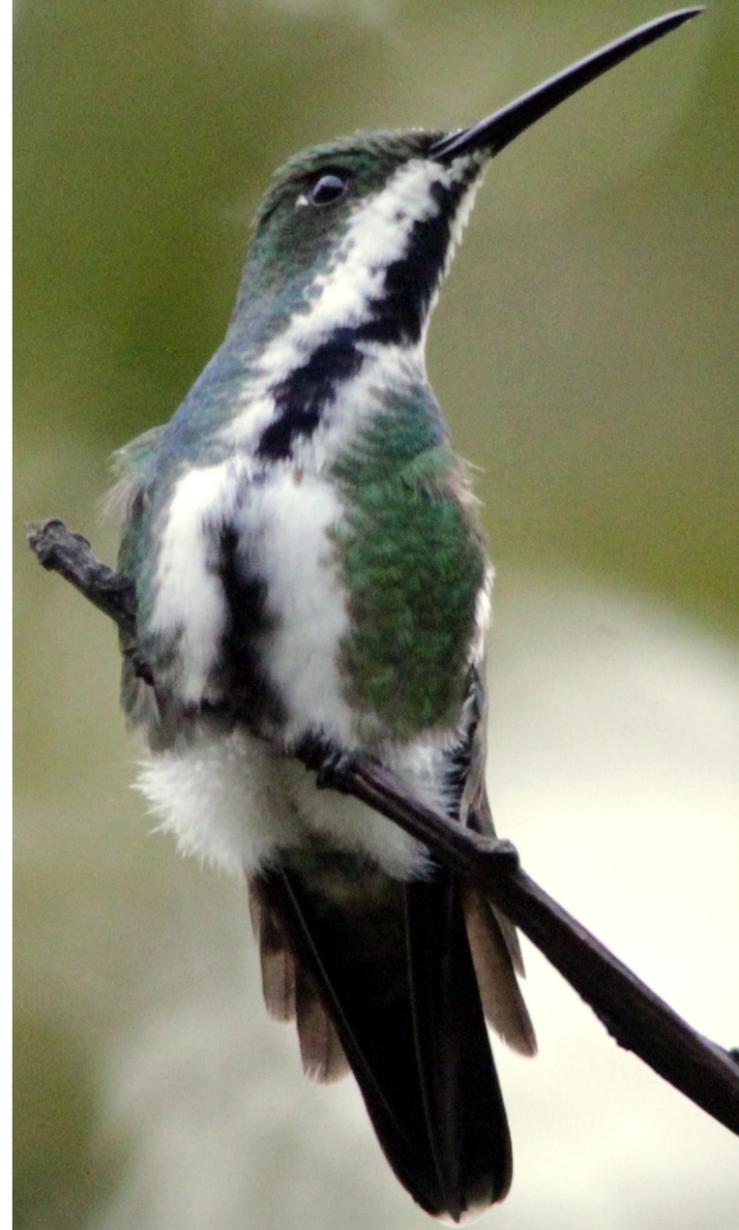
A asa é longa e a mão é maior ou igual ao braço. O osso esterno é relativamente muito grande, pois sustentam os músculos do voo que compreendem um quarto ou até um terço do peso total do beija-flor. Possuem 10 penas primárias grandes e somente 6 a 7 penas secundárias. Possuem pés pequenos com unhas afiadas em formato de gancho, impedindo-os de andarem, mas permitindo-lhes agarrar-se a galhos finos. Alguns representantes utilizam os pés para segurar-se nas flores, ao mesmo tempo em que batem as asas (Sick, 1985).

Como os beija-flores são extremamente ativos, o coração deles é relativamente muito grande, atingindo 19,8% a 22% do peso total do corpo (2,4 g a 5 g), o de um pardal, por exemplo, que tem 27 g no total, tem o coração pesando somente 13,9%. Para facilitar a alta frequência da respiração, os pulmões são relativamente muito grandes com estrutura simples e sem válvulas (Sick, 1985).

BEIJA-FLORES-DE-VESTE-PRETA

Anthracothorax nigricollis (fêmea)

ocorre no oeste do Panamá e Colômbia para leste até Trinidad e Tobago e Guianas e em todo o Brasil.





BEIJA-FLOR-DE-BANDA-BRANCA

Amazilia versicolor. A garganta das subespécies varia do branco puro ao verde. Se diferenciam por detalhes da cor do crisso, brilho da garganta e/ou tamanho.

As cores iridescentes de tons metálicos que diferenciam os beija-flores são resultado da difração e reflexão da luz pela microestrutura das penas, alterando-se desse modo com a direção da entrada dos raios solares. A produção dos efeitos cromáticos das penas com luz incidente e transparente ocorre quando o beija-flor movimenta determinadas áreas da plumagem como o topete e os tufos laterais do pescoço para, por exemplo, exibir-se para a fêmea (Sick, 1985).

Manifestações sonoras

Os beija-flores, em sua maioria, apresentam voz aguda lembrando insetos e morcegos. Às vezes, não é possível ouvir a vocalização, mas conseguimos verificar que o indivíduo está vocalizando por meio de movimentos que faz com a cabeça ou por meio das penas da garganta. Movimentos da mandíbula também mostram que algumas espécies estão cantando como em *Hylocharis chrysura* (Sick, 1985).

Leucochloris, *Heliodoxa*, *Ramphodon*, *Glaucis*, *Phaethornis* e *Aphanthochroa* apresentam voz forte. Algumas espécies cantam em grupo e mantêm o território coletivo por anos. *Colibri serrirostris* e *Augastes* cantam incansavelmente. *Leucochloris albicollis* apresenta dois tipos de canto. As fêmeas possuem a vocalização menos elaborada (Sick, 1985).

Alimentação

Os beija-flores alimentam-se, sobretudo, de néctar, carboidrato que fornece a energia necessária para as atividades de voo contínuo. Ao contrário das abelhas que preferem flores com concentrações de até 70% e 80%, os beija-flores tem preferência por flores com néctar diluído, pouco acima de 20% (Sick, 1985).

Para satisfazer suas necessidades energéticas, precisam visitar muitas flores. Em corolas pequenas, *Thalurania glaucopis* nem precisa enfiar o bico, pois sua língua estendida pode alcançar até 4 cm, já em flores com corolas maiores, enfiam inteiramente a cabeça.

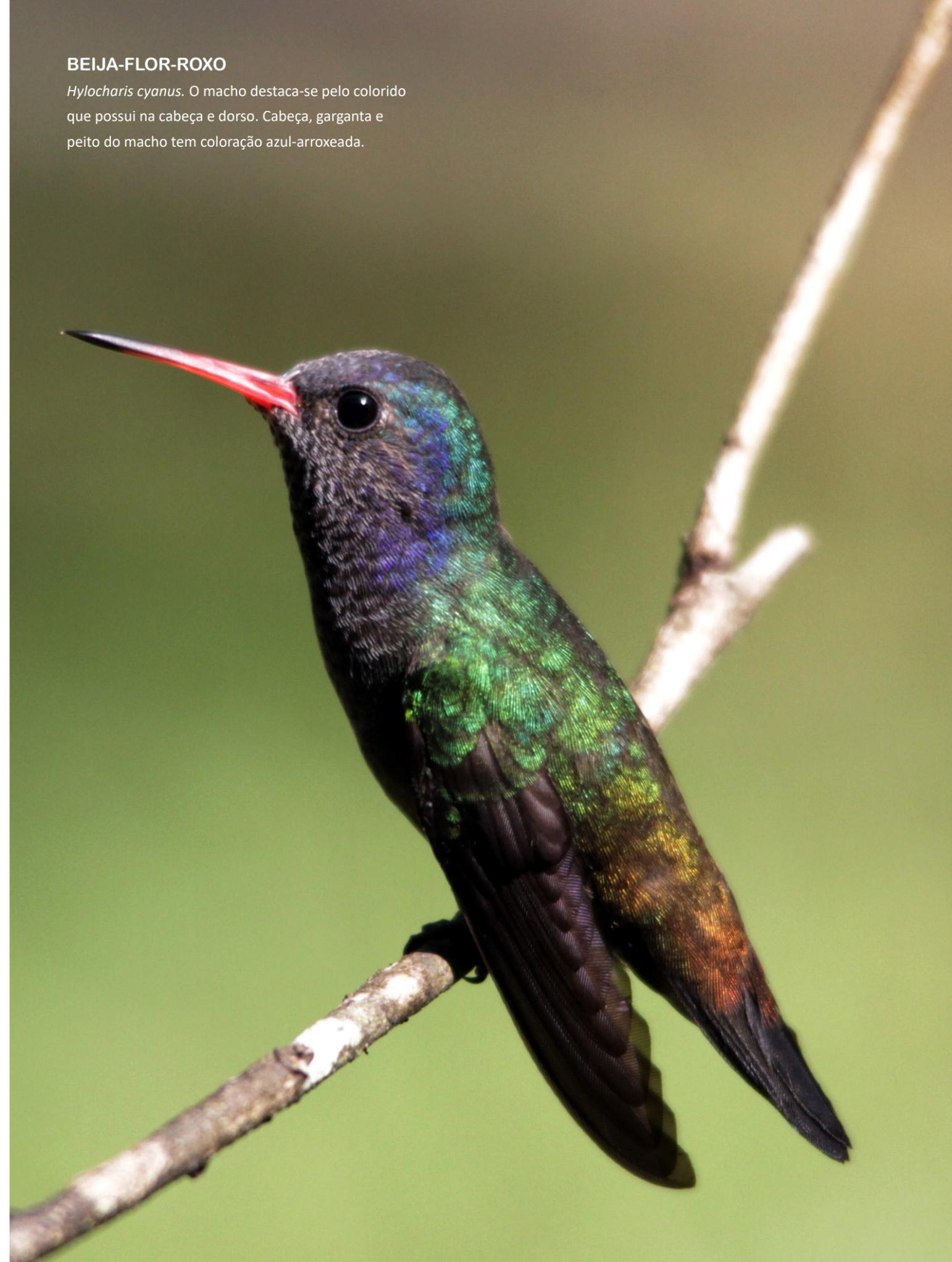
O bico de *Phaethornis superciliosus* e *P. malaris* é muito longo, possivelmente evoluíram para explorar flores com corolas bem profundas, já *Calliphlox* e *Lophornis* apresentam bico curto e investigam flores pequenas. Às vezes, *Thalurania glaucopis* e *Phaethornis ruber* perfuram o tubo de flores pelo lado externo como de *Malvaviscus arboreus* visando atingir mais rápido o néctar ou aproveitam-se de rasgos ocasionados pelos cambacicas (*Coereba flaveola*) (Sick, 1985).



CECFLORA Beija-flores visitam e vivem no Centro de Estudos e Conservação da Flora, em São Paulo. Beija-flor-cinza (*Aphanthochroa cirrochloris*) e Estrelinha-ametista (*Calliphlox amethystina*).

BEIJA-FLOR-ROXO

Hylocharis cyanus. O macho destaca-se pelo colorido que possui na cabeça e dorso. Cabeça, garganta e peito do macho tem coloração azul-arroxeadada.



BEIJA-FLOR-DE-VESTE-PRETA

Anthracothorax nigricollis Macho com o lado dorsal verde-bronze-dourado; lado ventral preto.



Os beija-flores investigam qualquer objeto colorido em jardins. A cor vermelha é tida como a preferida pelos beija-flores, porém a experiência individual e a capacidade que possuem de aprenderem a explorar as melhores fontes disponíveis no momento são fatores importantíssimos. Gravatás em floração com flores bem pequenas e de cor mais modesta também são visitadas. Bromélias epífitas e terrestres com cores vermelhas e amarelas estão entre as plantas mais procuradas pelos beija-flores. Também procuram bastante as flores brancas de eucalipto, laranjeiras e ingazeiros. Flores das “ervas-de-passarinho” (*Psittacanthus*) que crescem e permanecem na periferia das copas de árvores como figueiras, mirtáceas e ipês também atraem muitas espécies de beija-flores (Sick, 1985).

Os beija-flores procuram principalmente flores das famílias Vochysiaceae, Bombacaceae, Lamiaceae, Malvaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae, Caricaceae, Combretaceae, Onagraceae, Verbenaceae, Bignoniaceae, Acanthaceae, Musaceae, Marantaceae, Zingiberaceae, Gesneriaceae, Campanulaceae, Tropaeolaceae, Proteaceae e Orquidaceae (Ruschi, 1995).

Além do carboidrato, os beija-flores também necessitam de proteínas, importante, sobretudo para o crescimento dos indivíduos jovens. Os beija-flores adquirem a proteína consumindo insetos e aracnídeos que capturam em voo, pairando diante de um enxame de pequenos dípteros ou voando e retornando a um galho. Coletam insetos presos em teias de aranha, em frestas e buracos de paredes como faz *Phaethornis pretrei*,

conhecido como limpa-casa. Também coletam insetos pequenos sobre folhas, na superfície da água e em corolas de orquídeas e bromélias, por exemplo (Sick, 1985).

Banho

Os beija-flores tomam banhos diariamente e várias vezes ao dia. Os *Lophornis* tomam banho no orvalho das folhas ou flores; os colibris tomam nas gotículas de água das cascatas; alguns *Thalurania* e *Topaza* mergulham totalmente o corpo na água; os *Phaethornis* atiram-se à água e levantam voo do mesmo local; alguns *Augastes* deslizam na água e abrem a cauda em leque, utilizando-a como flutuador, por mais de um metro, em seguida pousam em um ramo e retornam por duas ou mais vezes à água e finalmente param em um ramo e higienizam a plumagem com o bico. Também tomam banho de chuva em locais abertos com as penas eriçadas, a cauda e as asas abertas. Diariamente tomam banho de sol, movimentando a cabeça para trás para que os raios solares penetrem nas penas do mento e do peito (Rusch, 1995).

Lutas

Os beija-flores são bastante agressivos, devido à disputa pelos recursos alimentares. Podem brigar por determinado local no território ou por um setor como uma árvore florida, pois pode ocorrer de um indivíduo em floração apresentar mais de cinquenta beija-flores.

Quando há um invasor, o beija-flor o agride, acompanhando-o por longas distâncias, causando às vezes ferimentos no papo do intruso, levando-o a morte, pois utiliza o bico como se fosse um lança para causar injúrias (Rusch, 1995).

Espreguiçamento

Rusch (1995) relata que após despertarem, depois de um repouso de mais de 20 minutos, os beija-flores se espreguiçam, antes de alçarem voo.

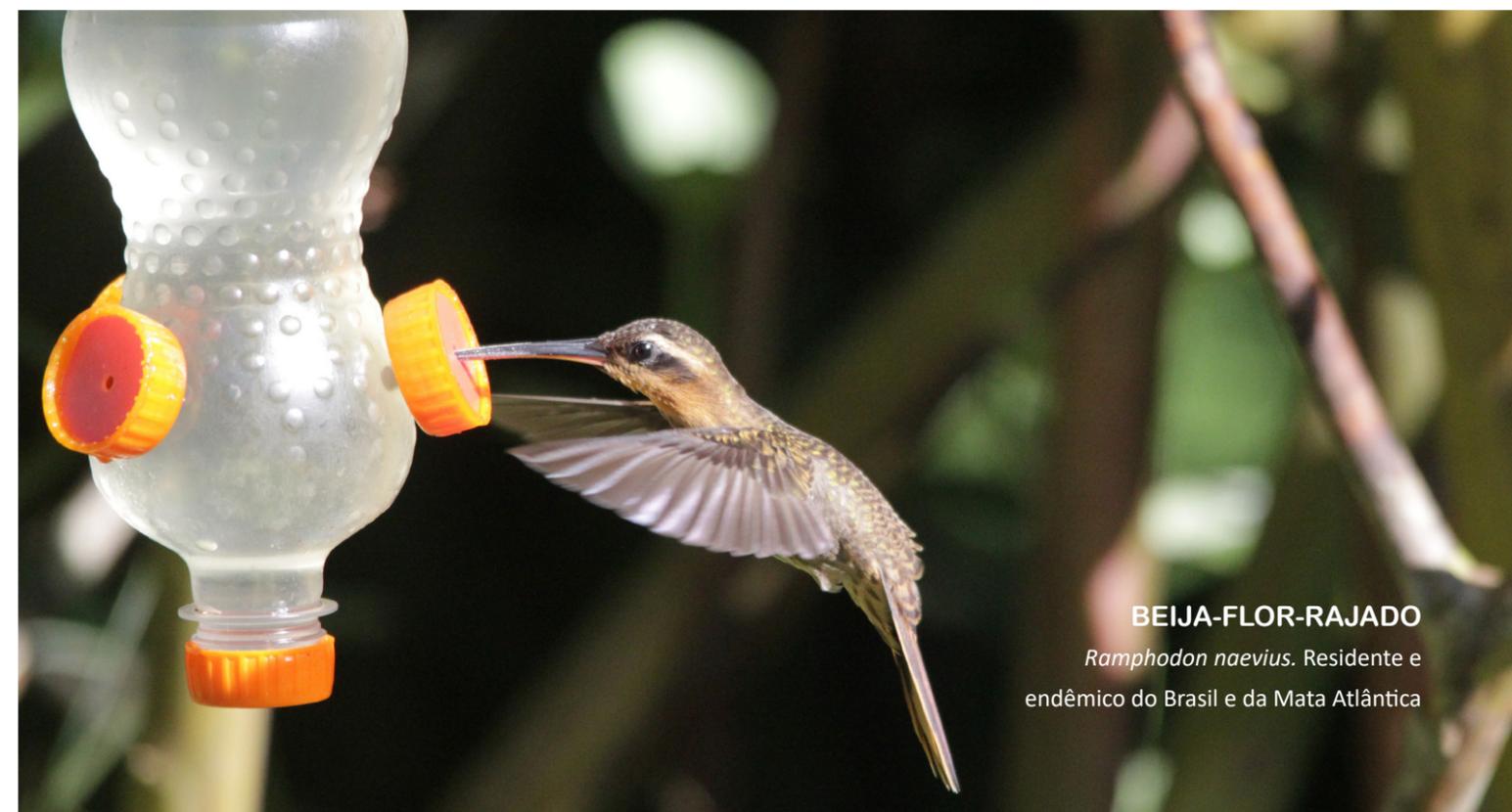
O espreguiçamento se divide em três fases: 1ª) estende a asa direita ao mesmo tempo em que estende em leque metade da cauda direita; 2ª) estende a asa esquerda e também o lado esquerdo da cauda em leque; 3ª) estende as duas asas, erguendo-as, ao mesmo tempo em que abre toda a cauda em leque; em todas essas fases elevam a cabeça e o bico em um movimento de esforço.

Longevidade e migração

Na natureza, os beija-flores sobrevivem entre cinco e oito anos, mas em cativeiro podem viver até 16 anos.

Após o quinto ano, muitas espécies tornam-se lentas, e são capturadas mais facilmente por predadores como cobras, alguns marimbondos e aranhas caranguejeiras. A maioria dos beija-flores é sedentária, mas há dois grupos que são migratórios: os que emigram até 500 quilômetros e os que migram até acima de 2.000 km, estes últimos podem percorrer 900 quilômetros continuamente por 20 horas, após armazenarem muita reserva de energia. Depois, eles param em um novo local e em 15 dias adquirem novamente os dois gramas de gordura para iniciarem uma nova jornada de voo. Realizam esta tarefa até chegarem ao local de reprodução e após este período, regressam ao local de origem. A velocidade máxima de voo é obtida por *Heliactin bilophus* que podem voar 60 km por hora (Rusch, 1995).

No sudeste do Brasil ocorrem migrações altitudinais nas serras da Mantiqueira e do Mar durante o inverno. Populações de *Colibri serrirostris* e *Leucochloris* que vivem em altitudes de 700 a 1400 metros na primavera e verão, se deslocam para altitudes menores no outono. *Stephanoxis* que também permanece no verão em áreas mais elevadas das serras da Mantiqueira e do Mar e no planalto rio-grandense, voa em parte, para áreas mais baixas no inverno (Sick, 1985).



BEIJA-FLOR-RAJADO

Ramphodon naevius. Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica

BEIJA-FLOR-RUBI

Heliodoxa rubricauda (fêmea). Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica.

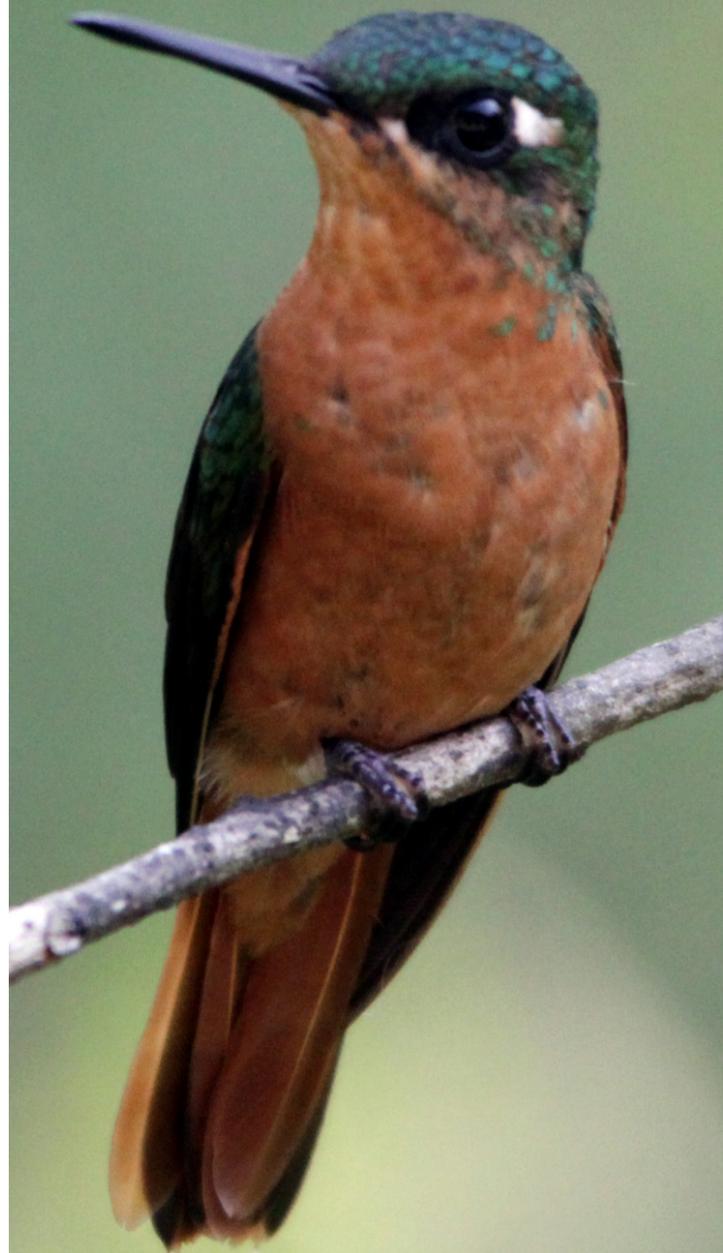
Estado de torpor

Segundo Sick (1985) os beija-flores, muitas vezes, durante o frio caem num sono letárgico e conseguem sobreviver a reduções drásticas de temperatura. No Chile foram encontrados beija-flores em fendas de rochas por baixo de neve. Em noites frias no Brasil, *Eupetomena* e *Chrysolampis* já foram observados imóveis durante algumas horas, sendo possível pegá-los na mão.

Durante um dia quente, a temperatura dos beija-flores é de 40° a 42°C, mas à noite durante o sono cai para 24°C (Sick, 1985). Rusch (1995) relata que a temperatura normal varia entre 39° a 45°C, dependendo da espécie. Esta última temperatura é encontrada no beija-flor-cinza (*Aphantochroa cirrhochloris*). Após pegar no sono, a temperatura cai em torno de 7°C; nesse ponto, tem início o estado de torpor, podendo ser reduzida até 14°C. Nesta ocasião, o beija-flor pode ser manipulado por mais de 40 minutos sem que acorde, ao contrário de quando está apenas dormindo, que desperta somente ao ser tocado. Entram neste estado todas as noites, exceto se apresentar bastante reserva alimentar. Os batimentos cardíacos que chegam a 2.850 vezes por minuto caem para 30 vezes por minuto quando estão neste estado (Ruschi, 1995).

Área territorial e área de nidificação

A área territorial individual dos beija-flores é muito grande e é delimitada pela área de alimentação, porém a área de nidificação é bastante restrita e está inserida dentro da área territorial. A tendência é a fêmea nidificar sempre no mesmo local e em muitos casos como em *Chlorostilbon lucidus pucherani* e *Phaethornis p. petrei*, chega a ocorrer superposição de 3 a 5 ninhos, para só mais tarde nidificarem ao lado dos ninhos anteriores. Somente quando ocorre algum acidente ou o local é perturbado por alguns animais que alteram a área de nidificação. Algumas espécies podem procurar alimento a mais de 50 km e regressarem depois ao local de repouso (Rusch, 1995).



Tipos de ninhos

De acordo com Sick (1985), existem três tipos de construção de ninhos entre os beija-flores brasileiros.

1 – *Ramphodon*, *Glaucis* e *Threnetes* fazem ninho com formato alongado, terminando em um apêndice caudal que fornece equilíbrio ao ninho. Utilizam para confecção raízes finas, fibras e até crina e o resultado é um trançado reticulado de onde é possível visualizar os ovos. Colocam alguns líquens e detritos vegetais nas paredes externas e os instalam em folhas de palmeira, helicônias etc.

2 – Os ninhos de *Phaethornis* possuem formato cônico alongado, com um penduricalho mais ou menos longo. O tipo de construção é parecido com a dos gêneros anteriores, porém o material utilizado é diferente, é macio: acumulam uma espessa camada de paina e detritos vegetais. Instalam os ninhos de modo suspenso na face interior das folhas de palmeiras, samambaias, musáceas, helicônias etc., em raízes finas pendentes embaixo de barrancos sombreados. O folíolo ou a ponta da folha se dobra com o peso do ninho e o restante da folha acaba protegendo o ninho. *Phaethornis pretrei* também utiliza pendentes elétricos em locais expostos em residências.

3 – Os ninhos da maioria das espécies possuem formato de tigela sólida e é feito com paina de gravatá e outros materiais macios como fiapos de lâminas de xaxim; na parede externa, fragmentos de folhas, líquens e musgo são colados com teias de aranha, dando firmeza ao ninho. A superfície desses ninhos podem lembrar os ninhos de alguns andorinhões como do gênero *Panyptila*.

3.1 – *Eupetomena*, *Colibri*, *Anthracothorax*, *Chrysolampis*, *Lophornis*, *Thalurania*, *Leucochloris*, *Polytmus*, *Amazilia*, *Aphanthochroa*, *Heliodoxa*, *Topaza*, *Augastes* e *Calliphlox* instalam seus ninhos abertamente sobre um ramo mais ou menos na horizontal ou em uma forquilha.

3.2 – *Stephanoxis*, *Chlorostilbon* e *Hylocharis* fixam seus ninhos sobre um colmo de capim, em uma raiz fina e até mesmo em um arame pendente.

3.3 – *Florisuga*, *Chlorestes* e *Heliiothryx* colocam seus ninhos na parte dorsal de uma folha grossa horizontal.

Os beija-flores colocam dois ovos alongados e brancos e ocorre polimorfismo em ovos postos pela mesma fêmea. Os ovos são grandes em relação ao corpo da fêmea, por exemplo, enquanto a mãe de *Chlorostilbon lucidus* pesa 3 gramas, seu ovo pesa 0,42 gramas.

O período de incubação varia de acordo com a espécie e as condições meteorológicas. Geralmente dura de 13 a 17 dias, mas a maioria das espécies brasileiras incubam em 14 dias (Rusch, 1995). *Thalurania glaucopsis* em torno de 15 dias, *Lophornis magnifica* entre 12 a 13 dias.

Somente as fêmeas incubam os ovos e cuidam dos filhotes (Piacentini, 2017). Os filhotes nascem com algumas filoplumas; abrem os olhos após o 8º dia e entre 20 e 35 dias no máximo deixam o ninho, porém se o alimento estiver muito longe ou for mais escasso, a fêmea demora mais para alimentar os filhotes (Rusch, 1995). Em torno de três semanas os filhotes deixam o ninho e se a alimentação for insuficiente, os jovens podem permanecer no ninho por até 35 dias como em *Eupetomena macroura*.

Este estudo teve como objetivo verificar a riqueza de espécies de beija-flores no mundo e no Brasil e informações sobre seus habitats, status de conservação e características das espécies brasileiras.



UBATUBA Sítio Folha Seca. O local virou uma referência para a prática do *birdwatching* (observação de aves) no litoral norte de São Paulo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para listar a relação dos beija-flores a nível mundial utilizou-se a versão 9.2 de 2019 da Comunidade Internacional de Ornitólogos – IOC na sigla em inglês, cujos editores são Gill & Donsker.

As espécies e subespécies que ocorrem no Brasil tem como referência a última edição do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, publicada em 2015.

Para a descrição da morfologia e distribuição geográfica utilizou-se a bibliografia Aves do Brasil de Rolf Grantsau (2010).

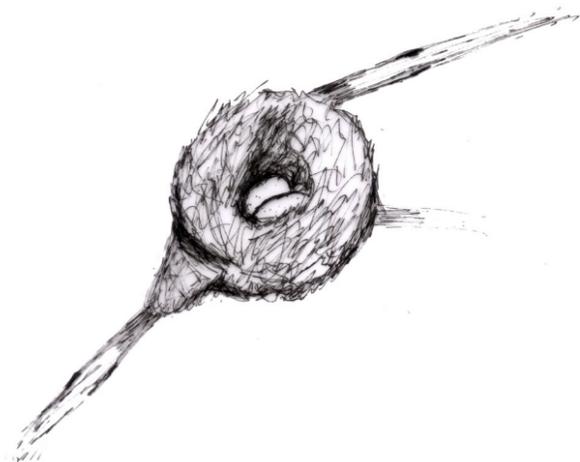
Para o status de conservação mundial utilizou-se a lista vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza e para a regional utilizou-se a lista do Instituto Chico Mendes para Conservação da Biodiversidade de 2014.

A distribuição geográfica, taxonomia e a morfologia de algumas espécies foram retiradas do livro Beija-flores-do-Brasil de Piacentini (2017).

O status de ocorrência para o Brasil seguiu o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos e para a Mata Atlântica Moreira-Lima (2013).

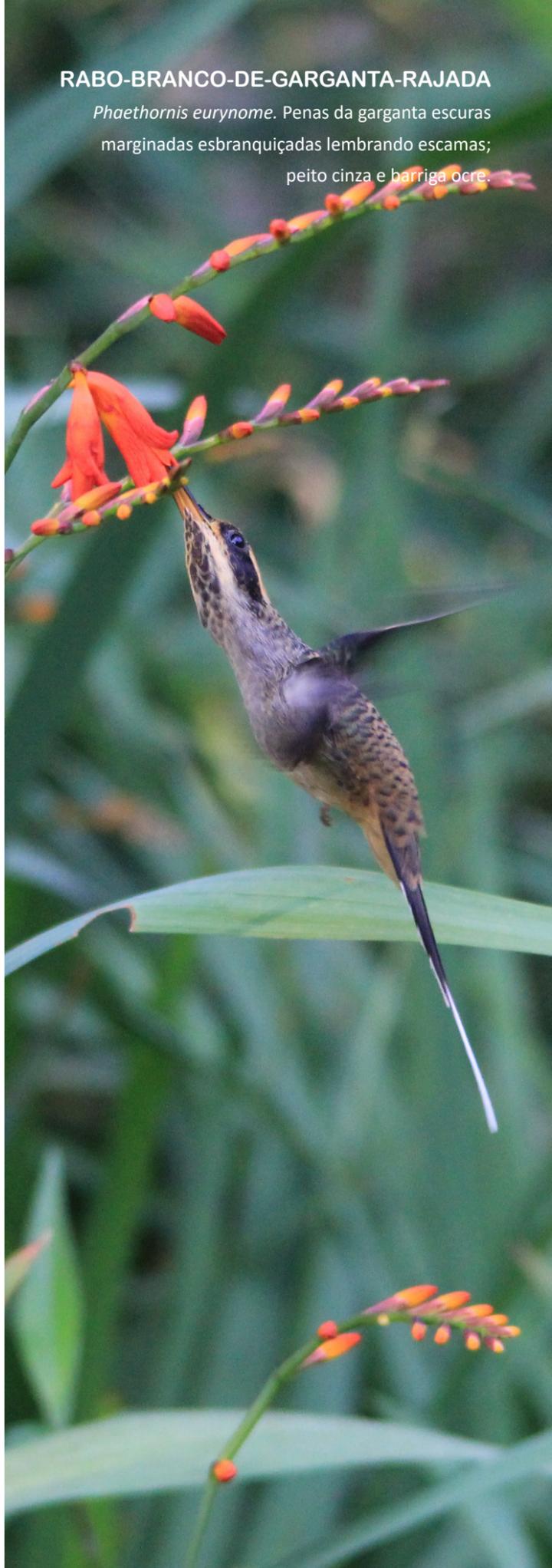
Para listar as espécies que ocorrem no domínio da Mata Atlântica utilizou-se Moreira-Lima (2013).

Para a descrição do habitat dos beija-flores, inclusive a nomenclatura, utilizou-se Tomas Sigrist (2014).



RABO-BRANCO-DE-GARGANTA-RAJADA

Phaethornis eurynome. Penas da garganta escuras marginadas esbranquiçadas lembrando escamas; peito cinza e barriga ocre.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o IOC (2019) a família Trochilidae possui 359 espécies reunidas em 106 gêneros e 508 subespécies. O Brasil possui segundo o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2015) 84 espécies reunidas em 33 gêneros e 103 subespécies, (Figura 1)

Gêneros, espécies e subespécies de beija-flores no continente americano e no Brasil

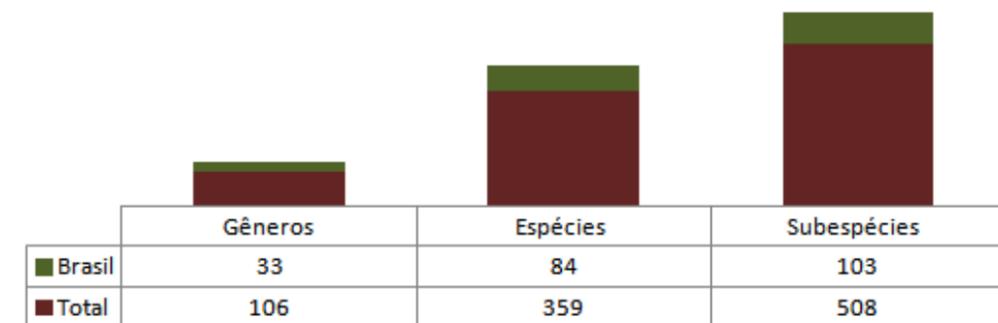


FIGURA 1 – Número de gêneros, espécies e subespécies de beija-flores no continente americano e no Brasil.

Os países que mais possuem beija-flores são a Colômbia com 163 espécies e Equador com aproximadamente 132 (Piacentini, 2017).

Número de beija-flores na Colômbia, Equador e Brasil

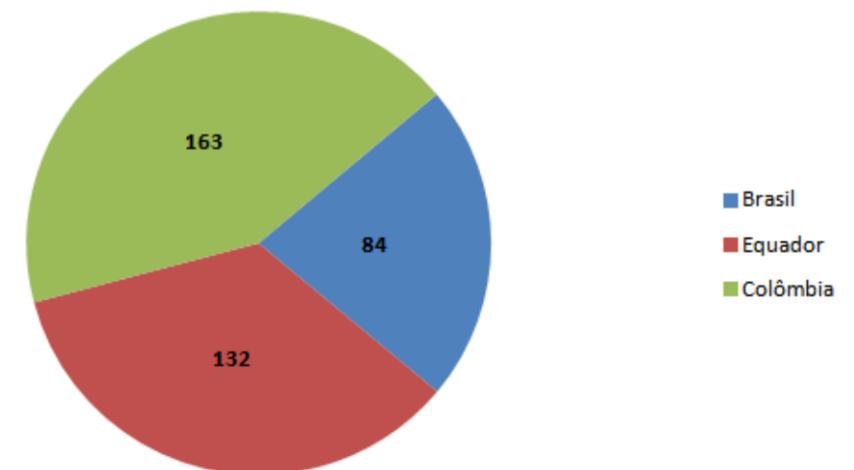


FIGURA 2 – Número de beija-flores na Colômbia, Equador e Brasil.

Amazilia é o gênero com mais espécies (31) e subespécies (81). Em seguida *Phaethornis* com 27 espécies e 44 subespécies. *Coeligena* e *Thalurania* também possuem mais de 20 subespécies, 31 e 21 respectivamente. O gênero *Coeligena* não ocorre no Brasil, suas espécies distribuem-se pela Venezuela, Equador, Colômbia, Peru e Bolívia, Figura 3..

Gêneros de beija-flores com mais espécies e subespécies no continente americano

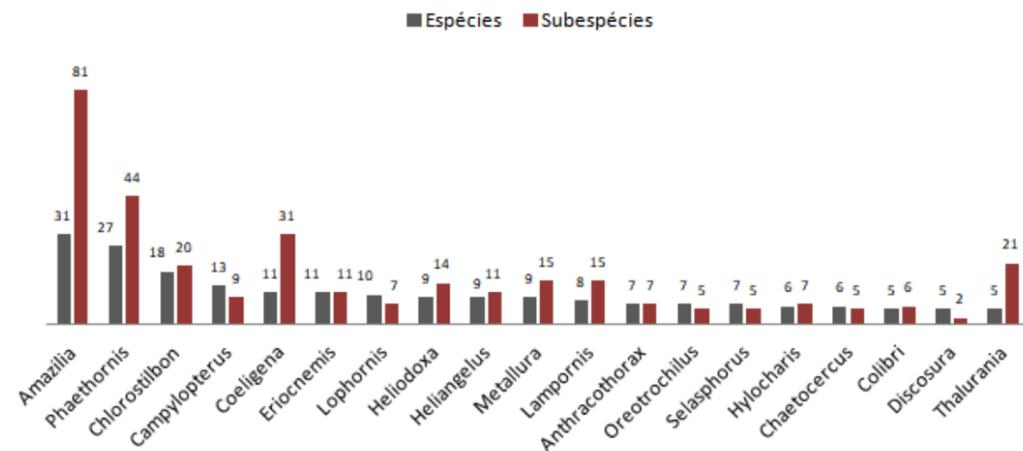


FIGURA 3 – Gêneros de beija-flores com mais espécies e subespécies no continente americano.

No Brasil, *Phaethornis* é o gênero com mais espécies e subespécies, 18 e 19, respectivamente (CBRO, 2015). (Figura 4). Segundo Grantsau (1988) todas as espécies deste gênero são eremitas e apenas os machos de algumas espécies cantam em grupos no período reprodutivo. Consomem principalmente aranhas e insetos pequenos. Preferem flores vermelhas com formato comprido e fino como helicônias, bananeiras e bromélias.

TOPETINHO-VERDE

Os machos das duas subespécies possuem as penas dos tufos laterais verdes com pequenas pontas brancas.



Número de espécies e subespécies por gênero no Brasil

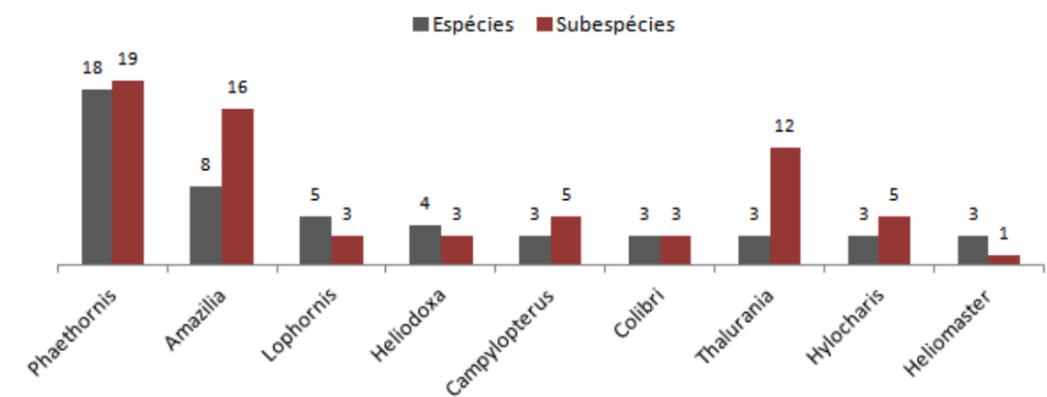
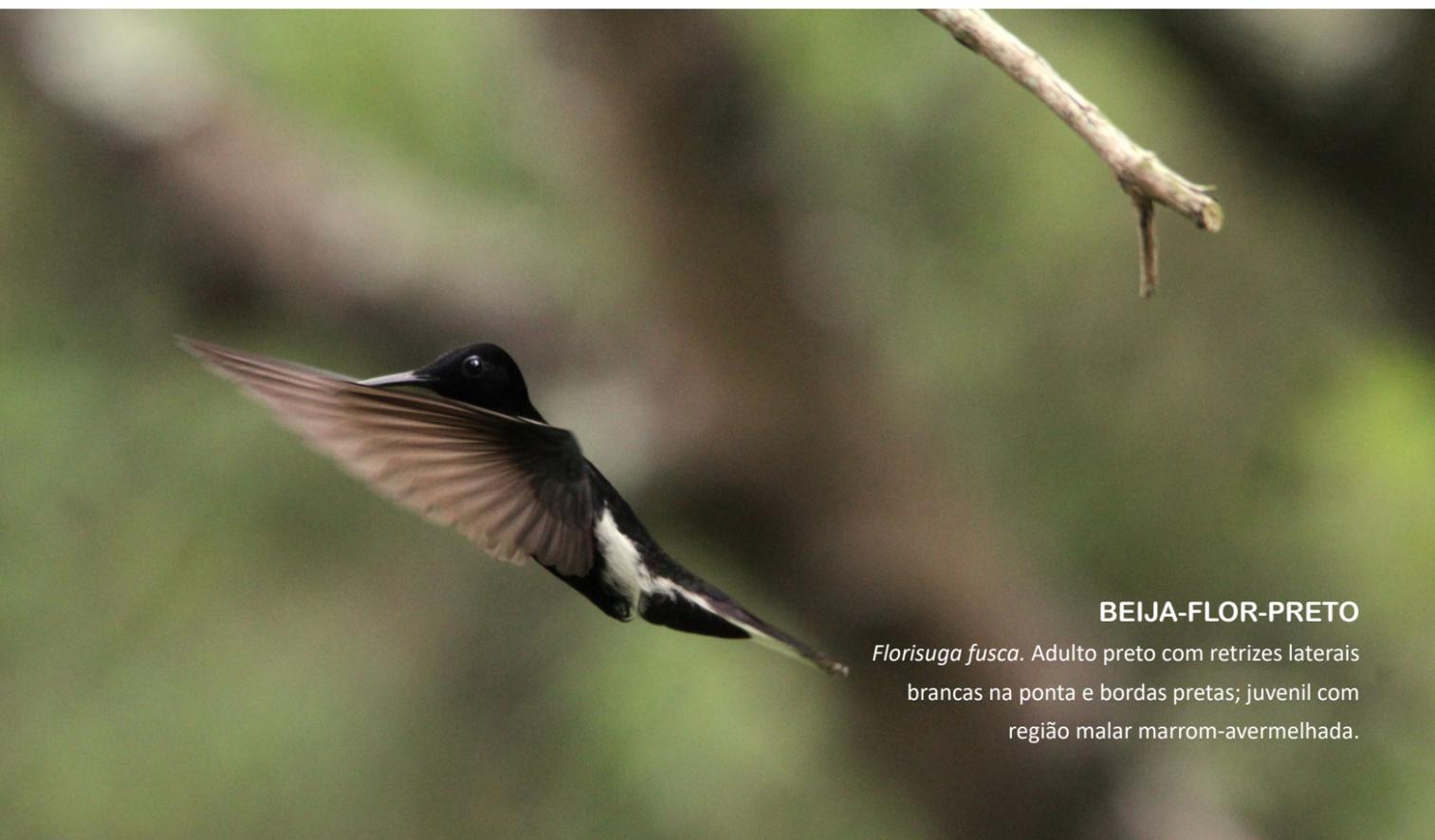


FIGURA 4 – Número de espécies e subespécies dos gêneros mais representativos no Brasil.

O segundo gênero com mais espécies e subespécies é *Amazilia* com 8 e 16, respectivamente. Este gênero reúne espécies de porte médio, com bico reto ou levemente curvado e um pouco mais comprido que a cabeça; a coloração é preponderantemente verde, e raramente com azul ou marrom-avermelhado; apresentam cauda reta ou um pouco arredondada e os sexos são idênticos (Grantsau, 1988).

Quatorze gêneros é monotípico no Brasil, ou seja, possuem apenas uma espécie e 41 espécies não possuem subespécies (48%). (Figura 5 e Tabelas 1 e 2).



BEIJA-FLOR-PRETO

Florisuga fusca. Adulto preto com retrizes laterais brancas na ponta e bordas pretas; juvenil com região malar marrom-avermelhada.



BEIJA-FLOR-DE-FRONTE-VIOLETA

Thalurania glaucopis (macho). Passa muitas horas em atividade e costuma ser agressivo com outros indivíduos.

Número de gêneros e espécies monotípicas no Brasil

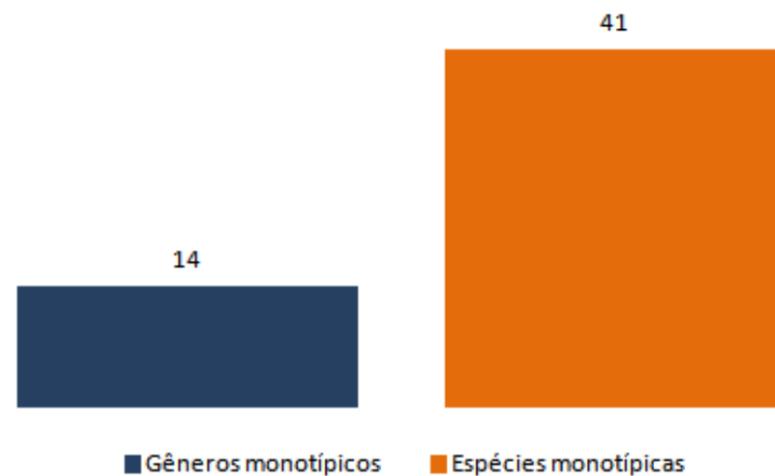


FIGURA 5 – Número de gêneros e espécies com apenas um representante no Brasil.

Gêneros de beija-flores monotípicos no Brasil

TABELA 1 – Relação dos gêneros monotípicos no Brasil.

<i>Ramphodon</i>	<i>Anopetia</i>
<i>Doryfera</i>	<i>Aphantochroa</i>
<i>Eupetomena</i>	<i>Avocettula</i>
<i>Chrysolampis</i>	<i>Chlorestes</i>
<i>Chrysuronia</i>	<i>Leucochloris</i>
<i>Leucippus</i>	<i>Heliathryx</i>
<i>Heliactin</i>	<i>Calliphlox</i>

BEIJA-FLOR-CINZA

Ocorre no nordeste, sudeste, centro-oeste e sul do Brasil.



Espécies monotípicas no Brasil

TABELA 2 – Relação das espécies no Brasil que não apresentam subespécies.

<i>Ramphodon naevius</i>	<i>Glaucis dohrnii</i>	<i>Anopetia gounellei</i>
<i>Phaethornis hispidus</i>	<i>Phaethornis philippii</i>	<i>Phaethornis pretrei</i>
<i>Phaethornis subochraceus</i>	<i>Phaethornis squalidus</i>	<i>Phaethornis idaliae</i>
<i>Phaethornis nattereri</i>	<i>Phaethornis aethopygus</i>	<i>Phaethornis maranhaoensis</i>
<i>Phaethornis malaris</i>	<i>Campylopterus hyperythrus</i>	<i>Aphantochroa cirrochloris</i>
<i>Florisuga fusca</i>	<i>Colibri serrirostris</i>	<i>Anthracothorax viridigula</i>
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	<i>Avocettula recurvirostris</i>	<i>Chrysolampis mosquitus</i>
<i>Stephanoxis lalandi</i>	<i>Stephanoxis loddigesii</i>	<i>Lophornis ornatus</i>
<i>Lophornis gouldii</i>	<i>Lophornis magnificus</i>	<i>Discosura longicaudus</i>
<i>Thalurania watertonii</i>	<i>Thalurania glaucopsis</i>	<i>Hylocharis sapphirina</i>
<i>Hylocharis chrysura</i>	<i>Leucochloris albicollis</i>	<i>Leucippus chlorocercus</i>
<i>Amazilia rondoniae</i>	<i>Heliodoxa rubricauda</i>	<i>Heliodoxa aurescens</i>
<i>Augastes lumachella</i>	<i>Heliactin bilophus</i>	<i>Heliomaster squamosus</i>
<i>Heliomaster furcifer</i>	<i>Calliphlox amethystina</i>	

Dezesseis beija-flores ocorrem somente no Brasil (CBRO, 2015): *Ramphodon naevius*, *Glaucis dohrnii*, *Anopetia gounellei*, *Phaethornis squalidus*, *Phaethornis maranhaoensis*, *Phaethornis aethopygus*, *Phaethornis idaliae*, *Phaethornis margaretae*, *Stephanoxis lalandi*, *Lophornis magnificus*, *Thalurania watertonii*, *Amazilia rondoniae*, *Heliodoxa rubricauda*, *Augastes scutatus*, *Augastes lumachella* e *Heliomaster squamosus* (Figura 6).

Além de ocorrerem somente no Brasil, *Ramphodon naevius*, *Glaucis dohrnii*, *Phaethornis squalidus*, *Phaethornis idaliae*, *Phaethornis margaretae*, *Stephanoxis lalandi*, *Thalurania watertonii*, *Heliodoxa rubricauda*, *Augastes scutatus* e *Augastes lumachella* também são exclusivos do domínio da Mata Atlântica. *Phaethornis eurynome*, *Stephanoxis loddigesii* e *Thalurania glaucopsis* ocorrem somente no domínio da Mata Atlântica, porém não são endêmicos do Brasil. *Aphantochroa cirrochloris* é quase endêmico da Mata Atlântica (Moreira-Lima, 2013).



BESOURINHO-DE-BICO-VERMELHO

Chlorostilbon lucidus. Macho verde-brilhante com reflexos variando do dourado ao azulado.

Endemismos do Brasil e da Mata Atlântica

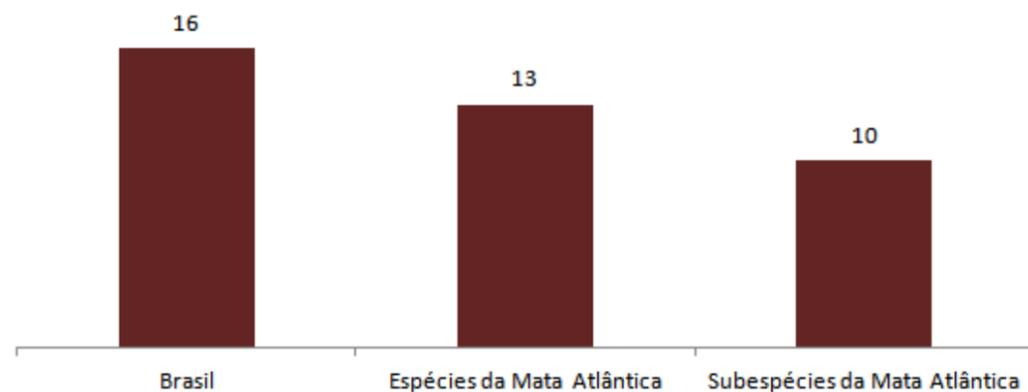
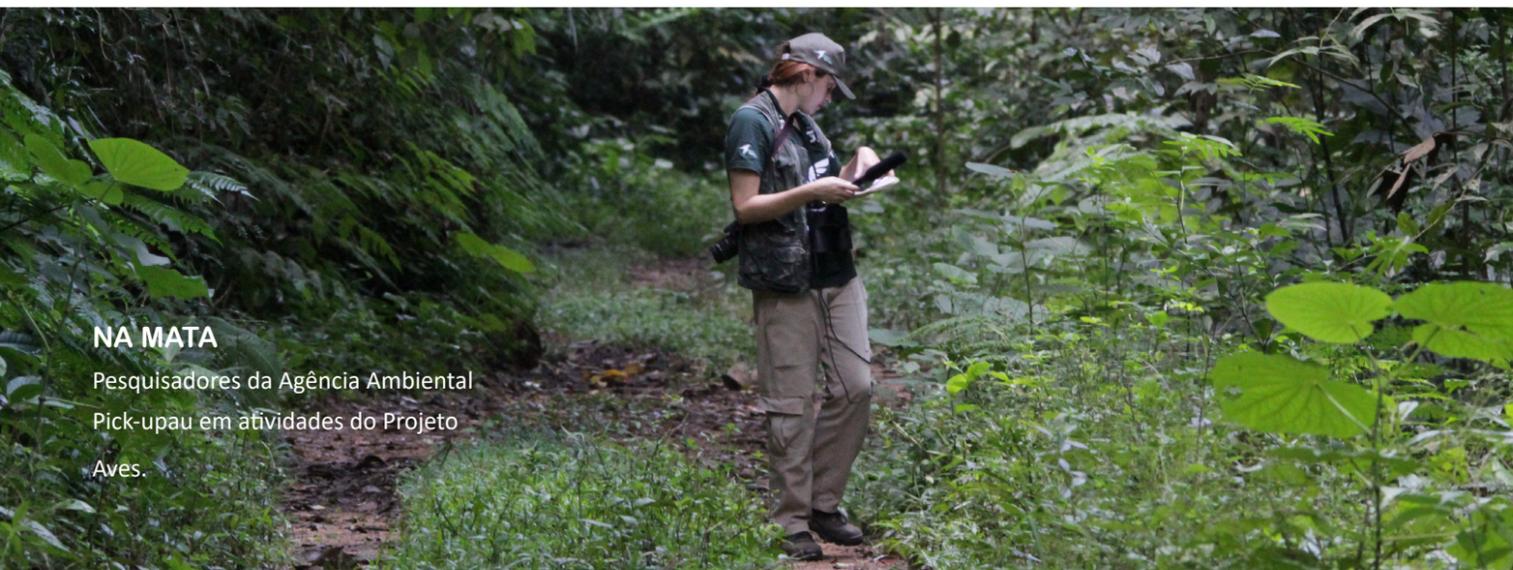


FIGURA 6 – Número de espécies endêmicas no Brasil, espécies e subespécies endêmicas na Mata Atlântica.



Também são endêmicas da Mata Atlântica as subespécies *Phaethornis margarettae camargoi*, *Campylopterus largipennis diamantinensis*, *Eupetomena macroura cyanoviridis*, *Lophornis chalybeus chalybeus*, *Discosura langsdorffi langsdorffi*, *Hylocharis cyanus cyanus*, *Hylocharis cyanus griseiventris*, *Amazilia leucogaster bahiae*, *Amazilia versicolor versicolor* e *Amazilia fimbriata*

tephrocephala (Moreira-Lima, 2013).

Segundo Moreira-Lima (2013) a ordem dos beija-flores (Apodiformes que reúne também os andorinhões – família Apodidae) é um das mais numerosas da Mata Atlântica (excluindo os Passeriformes) (Figura 7) assim como sua família (Figura 8).

Ordens mais numerosas da Mata Atlântica

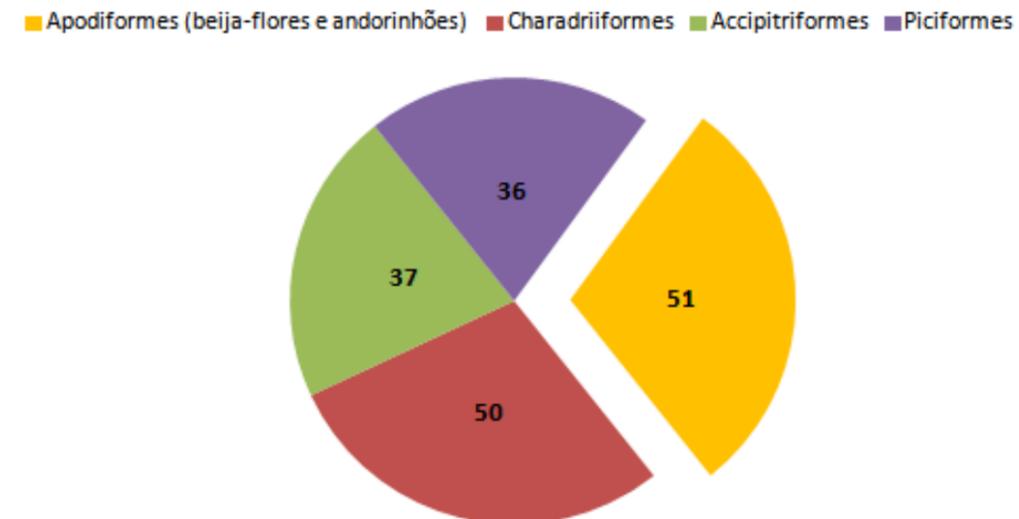


FIGURA 7 – Ordens mais numerosas da Mata Atlântica, excluindo os Passeriformes.

A família Trochilidae é uma das mais numerosas da Mata Atlântica, ocupando a quinta posição com quarenta e duas espécies de beija-flores ocorrendo neste domínio, quase metade do total de espécies, (50%). (Figura 8).

Famílias mais numerosas da Mata Atlântica

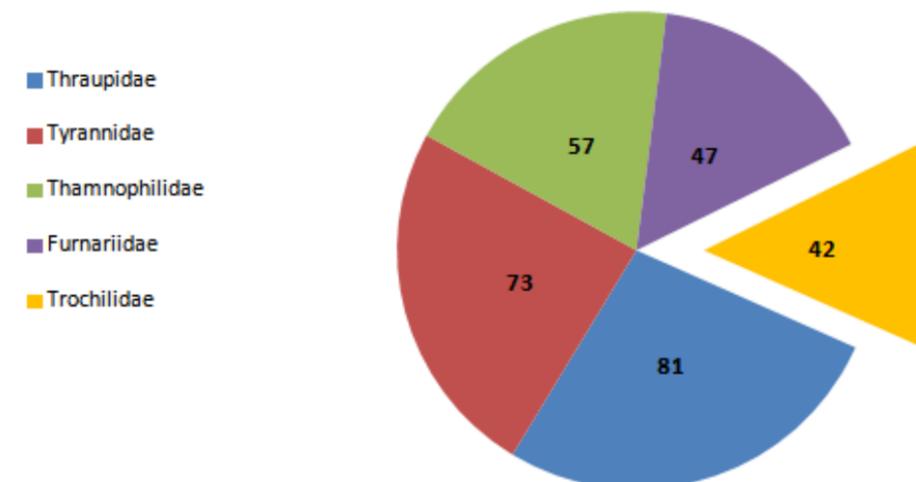


FIGURA 8 – Famílias mais numerosas da Mata Atlântica.

Das espécies que ocorrem no domínio da Mata Atlântica, trinta e quatro são residentes, ou seja, não realiza migrações. Sete espécies são parcialmente migratórias, pois parte de suas populações fazem deslocamentos no domínio como o beija-flor-cinza (*Aphantochroa cirrochloris*), beija-flor-preto (*Florisuga fusca*), beija-flor-de-orelha-violeta (*Colibri serrirostris*), beija-flor-de-veste-preta (*Anthracothorax nigricollis*), beija-flor-vermelho (*Chrysolampis mosquitos*), beija-flor-dourado (*Hylocharis chrysura*) e o bico-reto-de-banda-branca (*Heliomaster squamosus*). O bico-reto-azul (*Heliomaster furcifer*) é migrante não reprodutivo, pois ocorre regularmente, mas sem populações reprodutivas na Mata Atlântica. (Figura 9).

Status das espécies de beija-flores que ocorrem na Mata Atlântica

Status das espécies de beija-flores da Mata Atlântica

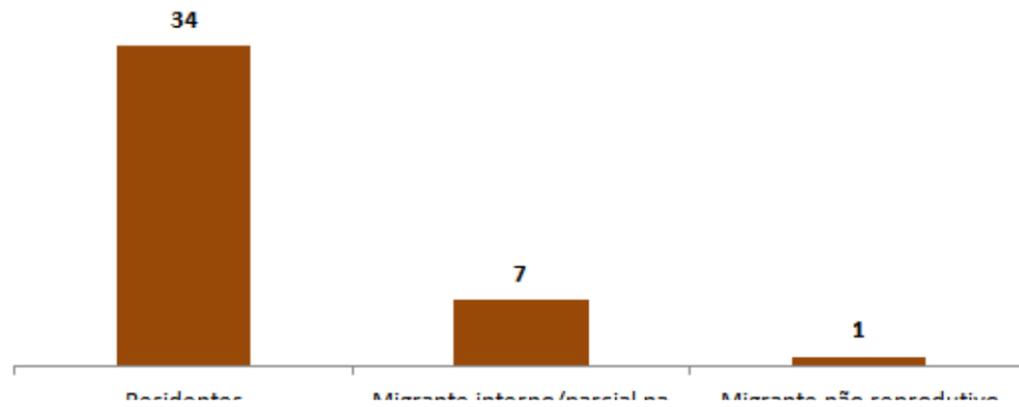


FIGURA 9 – Status das espécies de beija-flores que ocorrem no domínio da Mata Atlântica.

Alguns municípios do leste da Mata Atlântica, principalmente entre o Espírito Santo e o litoral norte de São Paulo se destacam pelo número de espécies, pois abrigam próximo de 25 espécies. No Rio de Janeiro e em Santa Teresa no Espírito Santo também é possível observar em torno de 27 espécies (Piacentini, 2017).

No entanto outras regiões como o Cerrado (Brasília) e Amazônia (Manaus, Alta Floresta) também abrigam muitas espécies, pois perpassam o total de 20 espécies. O município de Caracará em Roraima se destaca nacionalmente, pois abriga no mínimo 30 espécies conhecidas e com mais pesquisas na região, este número pode aumentar para em torno de 35 espécies. Este município apresenta um mosaico singular de tipos distintos de formação vegetacional de terras baixas e espécies alto-montanas exclusivas (Piacentini, 2017).

Em São Paulo é possível observar 20 espécies de beija-flores, segundo o Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo de 2018.

Os beija-flores vivem, sobretudo, em áreas florestais (Figura 10). Trinta e uma espécies habitam campos e campinaranas. As campinaranas são ecossistemas da bacia amazônica, compostos por vegetação rasteira com poucas árvores emergentes ou com buritis (*Mauritia flexuosa*) (Sigrist, 2014). O segundo habitat que mais abriga beija-flores no Brasil são as matas de transição e as matas ripárias ribeirinhas, pois 30 espécies vivem nestes ambientes. A Floresta Atlântica e as ilhas fluviais abrigam 29 espécies e 27 beija-flores ocorrem em matas ciliares e em áreas antrópicas.

Número de beija-flores e seus respectivos habitats

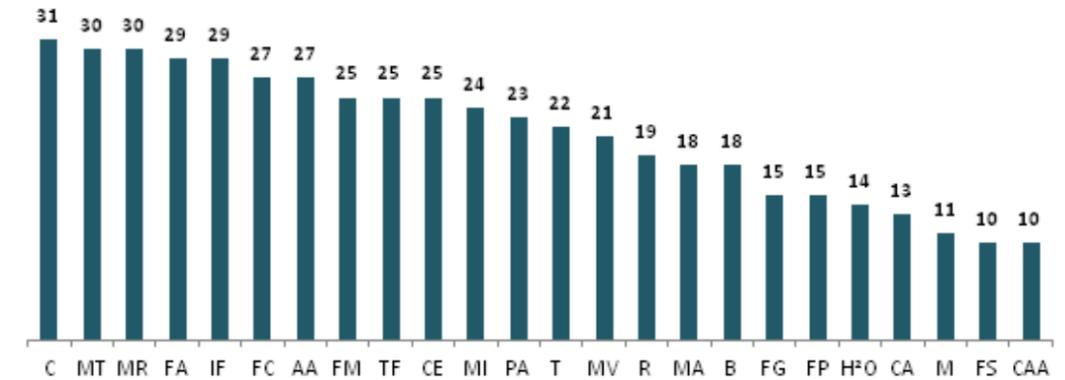


FIGURA 10 – Número de beija-flores e habitats onde vivem.

Legenda: C – Campos e Campinaranas; MT – Mata de Transição; MR – Mata Ripária Ribeirinha; FA – Floresta Atlântica; IF – Ilhas Fluviais; FC – Floresta Ciliar; AA – Áreas Antrópicas; FM – Floresta Mesófila; TF – Mata de Terra Firme; CE – Cerrado; MI – Mata de Igapó; PA – Pantanal; T – Tepuis; MV – Mata de Várzea; R – Restinga; MA – Mata de Araucária; B – Buritizais e Matas de Galeria; FG – Floresta de Galeria; FP – Floresta Paludosa Amazônica; H,O – Ambiente Aquático e Áreas Alagadas; CA – Caatinga Amazônica ou Lavrados; M – Manguezais; FS – Floresta Subtropical; CAA – Caatinga.

Os habitats Caatinga e Floresta Subtropical são os que possuem a menor diversidade, pois 10 beija-flores vivem nestes ambientes, seguido dos manguezais com 11 espécies (Sigrist, 2014).

No que se refere ao grau de ameaça, mundialmente, 40 espécies estão ameaçadas, 10 estão em perigo crítico, 18 estão em perigo, 12 vulneráveis além de 21 que estão quase ameaçadas (IUCN, 2020) (Figura 11).

BEIJA-FLORES-DE-BANDA-BRANCA

Amazilia versicolor. O principal diagnóstico do grupo é a cauda bronze com tênue faixa subterminal escura nos pares laterais.



Número de beija-flores ameaçados mundialmente

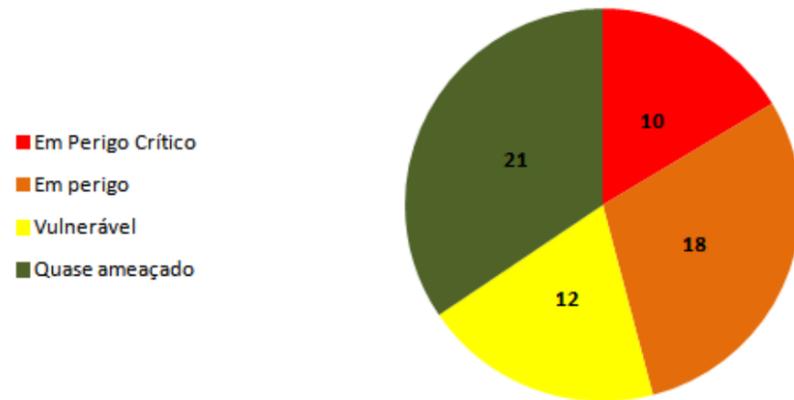


FIGURA 11 – Número de beija-flores ameaçados e quase ameaçados mundialmente.

O país com a maior diversidade de beija-flores (Colômbia com 162 espécies) é também o que mais abriga espécies ameaçadas, 25. Em seguida o Peru com 13 espécies e Equador com 11 beija-flores ameaçados (IUCN, 2020). (Figura 12)

Países com mais beija-flores ameaçados

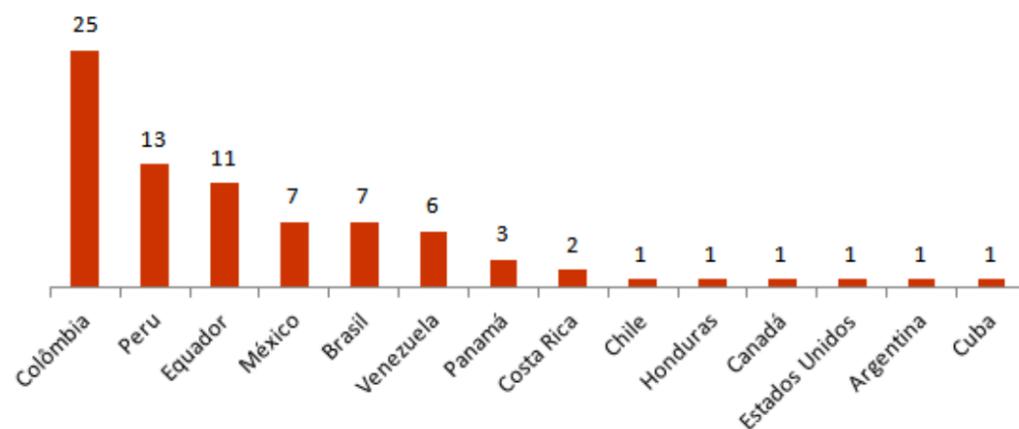


FIGURA 12 – Países que mais abrigam espécies de beija-flores ameaçados.

Das 40 espécies ameaçadas mundialmente, 4 ocorrem no Brasil. *Glaucis dohrnii* e *Thalurania watertonii* estão em perigo tanto na classificação mundial quanto na brasileira (ICMBIO, 2014). *Glaucis dohrnii* está ameaçado devido à grande perda de seu habitat que ocorre na Mata Atlântica da Bahia e Espírito Santo, sendo que neste último estado já pode estar extinto, pois não há registros recentes. *Thalurania watertonii* possui distribuição restrita e vive em ambientes florestais bem preservados, que foram muito reduzidos e fragmentados. Seu habitat são as florestas de Mata Atlântica do nordeste do Brasil, particularmente Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Há registros para Sergipe e Bahia, porém a ocorrência nestes estados necessita de documentação apropriada (Piacentini, 2017).

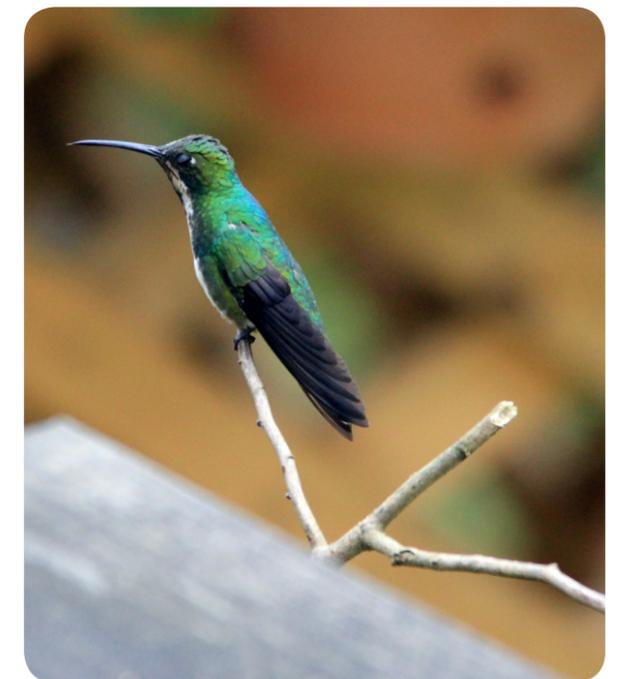
Phaethornis aethopygus e *Lophornis gouldii* estão vulneráveis em ambas as classificações. O rabo-branco-do-tapajós (*Phaethornis aethopygus*) ocorre nas florestas de Terra Firme na Amazônia brasileira, entre os rios Tapajós-Teles Pires e Xingu, e normalmente é associado a cursos d'água. Era considerado por muitos pesquisadores, um híbrido entre o rabo-branco-rubro e a forma amazônica do rabo-branco-do-rupununi, entretanto é na verdade um dos rabo-brancos mais distintos, pois a base das penas da cauda é branca, criando uma característica singular dentro do gênero. O topetinho-do-brasil-central (*Lophornis gouldii*) ocorre em bordas de mata e formações savânicas no extremo sudeste da Amazônia até o Brasil central (Piacentini, 2017).

O beija-flor-rajado (*Ramphodon naevius*) está quase ameaçado pela IUCN, porém no Brasil está listado como pouco preocupante. O topetinho-verde (*Lophornis chalybeus*) e o beija-flor-de-gravata-vermelha (*Augastes lumachella*) também estão quase ameaçados na classificação mundial, mas no Brasil somente o beija-flor-de-gravata-vermelha está ameaçado, na classificação em perigo. (IUCN, 2020; ICMBIO, 2014).

Augastes lumachella habita os campos rupestres alto-montanos de toda a Chapada Diamantina e região do Boqueirão da Onça. Sua área de ocorrência permaneceu desconhecida durante quase cem anos, sendo

redescoberto somente no fim da década de 1920. Na avaliação brasileira, a subespécie *Phaethornis bourcierii major* está vulnerável. Esta subespécie tem uma distribuição mais restrita, ocorrendo entre o rio Tapajós e o Xingu (Piacentini, 2017).

O rabo-branco-de-margarette (*Phaethornis margaritae*) está em perigo e sua subespécie *Phaethornis m. camargoi* está em perigo crítico. *Phaethornis margaritae* habita a Mata Atlântica e relaciona-se aos rabo-brancos do grupo *P. superciliosus* que ocorrem na Amazônia. Foi descrito, originalmente no Espírito Santo, porém já pode estar extinto neste estado, pois os registros recentes são das florestas de baixada do litoral da Bahia e. Na Mata Atlântica de Alagoas e Pernambuco é representado pela subespécie *P. m. camargoi* que tem coloração mais pálida e está criticamente ameaçada.



BEIJA-FLORES-DE-VESTE-PRETA *Anthracothorax nigricollis*
A fêmea tem o lado ventral branco com uma faixa larga preta do mento até o cristo.

Número de beija-flores ameaçados no Brasil

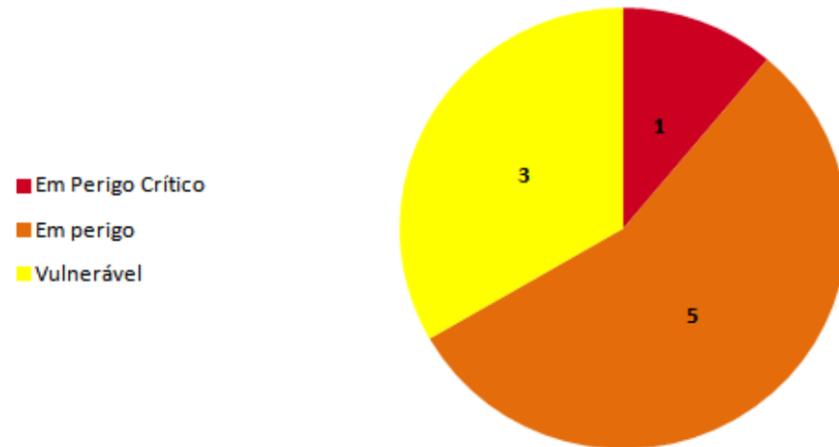


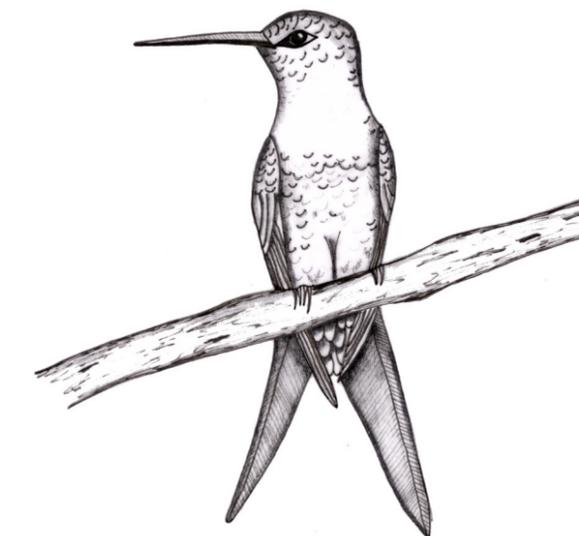
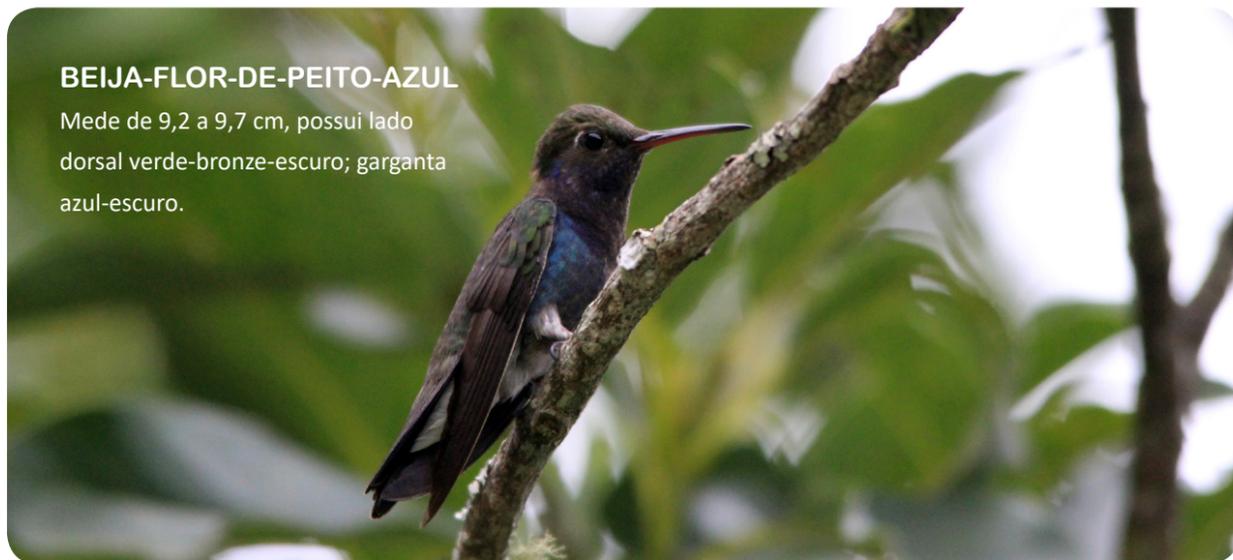
FIGURA 13 – Número de beija-flores ameaçados no Brasil.

A subespécie *Discosura langsdorffi langsdorffi* está em perigo. Sua ocorrência abrange o sudeste da Bahia, Espírito Santo e leste do Rio de Janeiro, mas provavelmente está extinto nestes dois últimos estados (Piacentini, 2017).

Diante do exposto, ainda que a riqueza atual ou potencial de beija-flores no Brasil seja pequena, quando comparada com países andinos tropicais como Colômbia e Equador, é considerável o número de espécies que ocorrem no país. As características distintas destas espécies são impressionantes e dificilmente uma pessoa não conheça algum beija-flor. São polinizadores eficientes de muitas plantas nativas e atraem pessoas de várias partes do mundo que querem admirá-los como acontece no sítio do Sr. Jonas D’Abronzo em Ubatuba. Que o Brasil invista cada vez mais no turismo de observação de aves, de modo saudável e sempre respeitando as espécies, pois o país possui elevada diversidade de aves, incluindo os beija-flores que são incríveis.

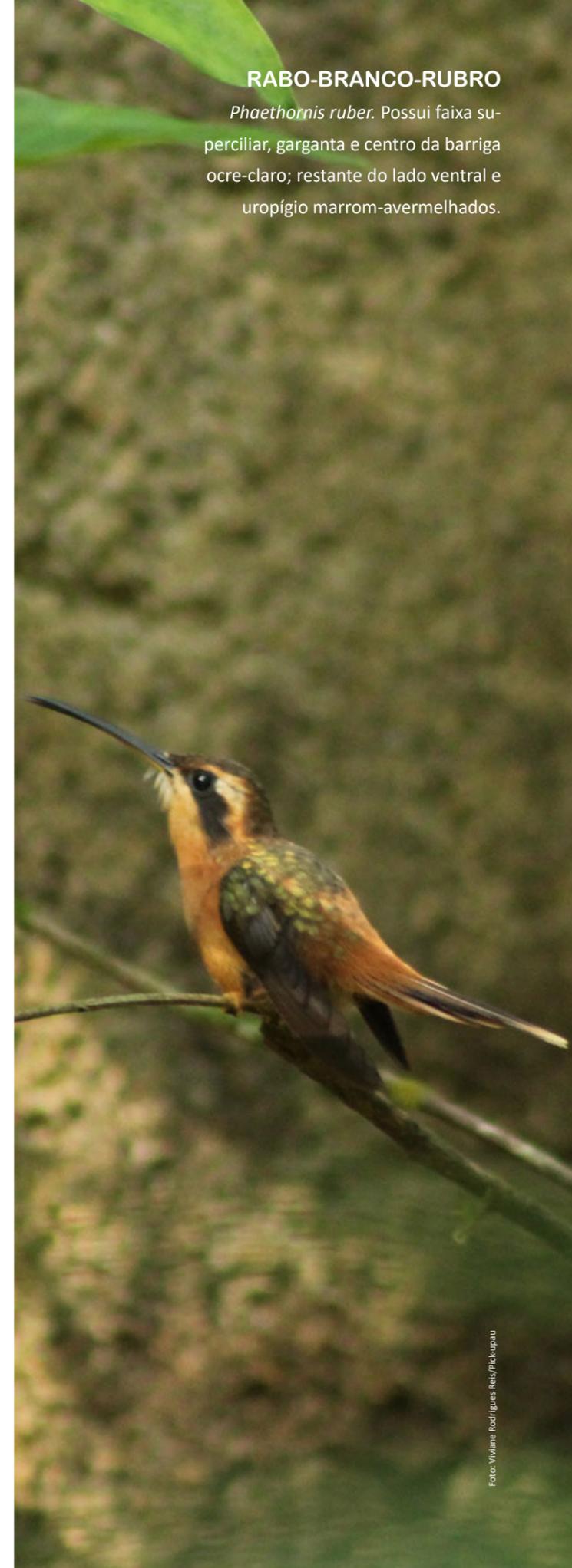
BEIJA-FLORES-DE-PEITO-AZUL

Mede de 9,2 a 9,7 cm, possui lado dorsal verde-bronze-escuro; garganta azul-escuro.



RABO-BRANCO-RUBRO

Phaethornis ruber. Possui faixa superciliar, garganta e centro da barriga ocre-claro; restante do lado ventral e uropígio marrom-avermelhados.



4. CONCLUSÃO

1. A Colômbia (163) e o Equador (132) são os países com a maior riqueza de beija-flores.

2. *Amazilia* é o gênero que mais possui espécies e subespécies no continente americano com 31 e 81 respectivamente.

3. O Brasil possui 84 espécies e 103 subespécies reunidas em 33 gêneros.

4. No Brasil quem mais se destaca em número de espécies (18) e subespécies (19) é o gênero *Phaethornis*.

5. No Brasil, 14 gêneros são monotípicos, ou seja, reúnem apenas uma espécie e 41 espécies não possuem subespécies.

6. Dezesesseis espécies ocorrem somente no Brasil.

7. Treze espécies e 10 subespécies ocorrem exclusivamente no domínio da Mata Atlântica.

8. Em relação aos beija-flores que ocorrem na Mata Atlântica, 34 são residentes e 7 são parcialmente migratórios.

9. Trochilidae é a quinta família mais numerosa da Mata Atlântica.

10. Quarenta espécies estão em algum grau de ameaça em nível mundial.

11. A Colômbia é o país que mais abriga espécies ameaçadas (25) seguido do Peru (13).

12. Nove espécies estão ameaçadas no Brasil, principalmente pela perda e fragmentação de habitat.



BEIJA-FLOR-RUBI

Heliodoxa rubricauda. Macho com o lado dorsal e barriga verde-escuro; fronte e peito verde-grama-brilhante.

ESPÉCIES E SUBESPÉCIES

Beija-flores do mundo



Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Ramphodon</i>	<i>naevius</i>		Lesson, R, 1830 (Dumont, 1818)	Saw-billed Hermit	Sudeste do Brasil
<i>Eutoxeres</i>	<i>aquila</i>		Reichenbach, 1849 (Bourcier, 1847)	White-tipped Sicklebill	Costa Rica ao norte do Peru Leste da Costa Rica ao oeste da Colômbia Sudoeste da Colômbia ao oeste do Equador Leste da Colômbia ao norte do Peru
		<i>salvini</i>	Gould, 1868		
		<i>heterurus</i>	Gould, 1868		
		<i>aquila</i>	(Bourcier, 1847)		
	<i>condamini</i>		(Bourcier, 1851)	Buff-tailed Sicklebill	Sudeste da Colômbia ao noroeste da Bolívia Sudeste da Colômbia ao norte do Peru Peru ao noroeste da Bolívia
		<i>condamini</i>	(Bourcier, 1851)		
		<i>gracilis</i>	von Berlepsch & Stolzmann, 1902		
<i>Glaucis</i>	<i>dohrnii</i>		Boie, F, 1831 (Bourcier & Mulsant, 1852)	Hook-billed Hermit	Sudeste do Brasil
	<i>hirsutus</i>		(Gmelin, JF, 1788)	Rufous-breasted Hermit	Panamá ao sudeste do Brasil Grenada, Trindade, Tobago Panamá e oeste da Colômbia, Venezuela e Guianas ao Brasil e norte da Bolívia
		<i>insularum</i>	Hellmayr & Seilern, 1913		
		<i>hirsutus</i>	(Gmelin, JF, 1788)		
	<i>aeneus</i>		Lawrence, 1868	Bronzy Hermit	Honduras ao Equador
<i>Threnetes</i>	<i>ruckeri</i>		Gould, 1852 (Bourcier, 1847)	Band-tailed Barbthroat	Guatemala a Venezuela e Equador Norte e oeste da Colômbia e oeste do Equador Noroeste da Venezuela Leste da Guatemala e Belize ao Panamá Guiana Francesa e nordeste do Brasil Nordeste do Brasil e norte da Amazônia Nordeste do Brasil e norte da Amazônia
		<i>ruckeri</i>	(Bourcier, 1847)		
		<i>venezuelensis</i>	Cory, 1913		
		<i>ventosus</i>	Bangs & Penard, TE, 1924		
	<i>niger</i>		(Linnaeus, 1758)	Sooty Barbthroat	Nordeste do Brasil e norte da Amazônia Nordeste do Brasil e norte da Amazônia
		<i>niger</i>	(Linnaeus, 1758)		
		<i>loehkeni</i>	Grantsau, 1969		
	<i>leucurus</i>		(Linnaeus, 1766)	Pale-tailed Barbthroat	Amazônia Leste da Colômbia, leste do Equador, leste do Peru e oeste do Brasil Peru ao noroeste da Bolívia Venezuela ao Suriname, Brasil amazônico e norte da Bolívia Nordeste do Brasil e sul da Amazônia
		<i>cervinicauda</i>	Gould, 1855		
		<i>rufigastra</i>	Cory, 1915		
		<i>leucurus</i>	(Linnaeus, 1766)		
		<i>medianus</i>	Hellmayr, 1929		
<i>Anopetia</i>	<i>gounellei</i>		Simon, 1918 (Boucard, 1891)	Broad-tipped Hermit	Leste do Brasil
<i>Phaethornis</i>	<i>yaruqui</i>		Swainson, 1827 (Bourcier, 1851)	White-whiskered Hermit	Oeste da Colômbia e Equador
	<i>guy</i>		(Lesson, R, 1833)	Green Hermit	Costa Rica ao sudeste do Peru Norte da Colômbia e noroeste da Venezuela ao sudeste do Peru Costa Rica ao noroeste da Colômbia Colômbia Nordeste da Venezuela e Ilha de Trindade
		<i>apicalis</i>	(Tschudi, 1844)		
		<i>coruscus</i>	Bangs, 1902		
		<i>emiliae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		
		<i>guy</i>	(Lesson, R, 1833)		
	<i>hispidus</i>		(Gould, 1846)	White-bearded Hermit	Amazônia
	<i>longirostris</i>		(Delattre, 1843)	Long-billed Hermit	Sul do México ao norte da Colômbia, oeste do Equador e noroeste do Peru Sul do México ao norte de Honduras Leste de Honduras ao noroeste da Colômbia Norte da Colômbia
		<i>longirostris</i>	(Delattre, 1843)		
		<i>cephalus</i>	(Bourcier & Mulsant, 1848)		
		<i>susurrus</i>	Bangs, 1901		
		<i>baroni</i>	Hartert, 1897		
	<i>mexicanus</i>		Hartert, 1897	Mexican Hermit	Oeste do Equador, noroeste do Peru Oeste e sudoeste do México

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição		
<i>Phaethornis</i>	<i>superciliosus</i>	<i>griseoventer</i>	Phillips, AR, 1962	Long-tailed Hermit	Oeste do México		
		<i>mexicanus</i>	Hartert, 1897		México		
	<i>malaris</i>	<i>superciliosus</i>	<i>superciliosus</i>	(Linnaeus, 1766)	Great-billed Hermit	Leste da Amazônia	
			<i>muelleri</i>	Hellmayr, 1911		Sul da Venezuela, Guianas e norte do Brasil	
		<i>malaris</i>	(Nordmann, 1835)	Norte do Brasil			
		<i>insolitus</i>	(Nordmann, 1835)	Amazônia e leste do Brasil			
		<i>moorei</i>	Zimmer, JT, 1950	Guianas e norte do Brasil			
		<i>ochraceiventris</i>	Lawrence, 1858	Leste da Colômbia, sul da Venezuela e norte do Brasil			
		<i>bolivianus</i>	Hellmayr, 1907	Leste da Colômbia, leste do Equador e norte do Peru			
	<i>syrrhatophorus</i>	<i>syrrhatophorus</i>	<i>margarettae</i>	Gould, 1852	Tawny-bellied Hermit	Nordeste do Peru e oeste do Brasil	
			<i>columbianus</i>	Ruschi, 1972		Sudeste do Peru, Bolívia e oeste do Brasil	
			<i>columbianus</i>	Gould, 1852		Leste do Brasil	
	<i>koepckeae</i>	<i>philippii</i>	<i>bourcierii</i>	<i>bourcierii</i>	Koepcke's Hermit	Colômbia ao Peru	
				<i>major</i>		Hinkelmann, 1989	Oeste da Colômbia e sudoeste do Equador
				<i>hyalinus</i>		Bangs, 1901	Leste da Colômbia, leste do Equador e norte do Peru
	<i>anthophilus</i>	<i>anthophilus</i>	<i>anthophilus</i>	(Bourcier, 1843)	Needle-billed Hermit	Peru	
			<i>anthophilus</i>	(Lesson, R, 1832)		Oeste da Amazônia	
	<i>eurynome</i>	<i>eurynome</i>	<i>paraguayensis</i>	Bertoni, M & Bertoni, AW, 1901	Straight-billed Hermit	Norte da Amazônia	
			<i>paraguayensis</i>	(Lesson, R & Delattre, 1839)		Leste da Colômbia, sul da Venezuela, Guianas, norte do Brasil e norte do Peru	
	<i>pretrei</i>	<i>pretrei</i>	<i>augusti</i>	(Bourcier, 1847)	Pale-bellied Hermit	Sul da Amazônia brasileira	
			<i>augusti</i>	(Lesson, R, 1832)		Panamá a Venezuela	
	<i>subochraceus</i>	<i>subochraceus</i>	<i>squalidus</i>	(Lesson, R, 1832)	Scale-throated Hermit	Panamá	
			<i>rupurumii</i>	Boucard, 1892		Panamá, norte da Colômbia e norte da Venezuela	
	<i>longuemareus</i>	<i>longuemareus</i>	<i>idaliae</i>	(Lesson, R, 1832)	Sooty-capped Hermit	Sudeste do Brasil	
			<i>nattereri</i>	von Berlepsch, 1887		Leste do Paraguai e nordeste da Argentina	
	<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	(Lesson, R & Delattre, 1839)	Planalto Hermit	Brasil a Bolívia, Paraguai e norte da Argentina	
			<i>stuarti</i>	(Bourcier, 1847)			
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>curiosus</i>	Wetmore, 1956	Sooty-capped Hermit	Nordeste da Colômbia		
		<i>augusti</i>	(Bourcier, 1847)		Leste da Colômbia e norte da Venezuela		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>incanescens</i>	(Simon, 1921)	Buff-bellied Hermit	Sul da Venezuela, oeste da Guiana e norte do Brasil		
		<i>incanescens</i>	Todd, 1915		Bolívia ao sudoeste do Brasil		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>subochraceus</i>	(Temminck, 1822)	Dusky-throated Hermit	Sudeste do Brasil		
		<i>squalidus</i>	Boucard, 1892		Norte e leste da Amazônia		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>rupurumii</i>	Boucard, 1892	Streak-throated Hermit	Leste da Colômbia, Venezuela, oeste da Guiana e noroeste do Brasil		
		<i>amazonicus</i>	Hellmayr, 1906		Brasil		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>amazonicus</i>	(Lesson, R, 1832)	Little Hermit	Nordeste da Venezuela e Guianas		
		<i>amazonicus</i>	(Bourcier & Mulsant, 1856)		Sudeste do Brasil		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>amazonicus</i>	von Berlepsch, 1887	Minute Hermit	Leste da Bolívia, sudoeste e leste do Brasil		
		<i>amazonicus</i>	(Linnaeus, 1758)		Ampla distribuição		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>amazonicus</i>	Gould, 1857	Reddish Hermit	Leste da Venezuela, Guiana e noroeste do Brasil		
		<i>amazonicus</i>	(Linnaeus, 1758)		Suriname e Guiana Francesa, Brasil ao sudeste do Peru e norte da Bolívia		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>amazonicus</i>	Lawrence, 1858	Cinnamon-throated Hermit	Leste da Colômbia e sudoeste da Venezuela e norte do Peru		
		<i>amazonicus</i>	von Berlepsch & Stolzmann, 1902		Sul do Peru		
<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	<i>stuarti</i>	Hartert, 1897	White-browed Hermit	Sudeste do Peru, Bolívia		

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição	
Phaethornis	atrimentalis		Lawrence, 1858	Black-throated Hermit	Colômbia ao norte do Peru Colômbia, Equador e norte do Peru Peru	
		atrimentalis riojae	Lawrence, 1858 von Berlepsch, 1889			
	aethopygus striigularis		Zimmer, JT, 1950	Tapajos Hermit Stripe-throated Hermit	Interflúvio Tapajós-Xingu no Brasil Sul do México a Venezuela e oeste do Equador Sul do México ao noroeste da Colômbia Oeste da Colômbia e oeste do Equador Norte da Colômbia e oeste da Venezuela Norte da Venezuela	
		saturatus subrufescens striigularis ignobilis	Ridgway, 1910 Chapman, 1917 Gould, 1854 Todd, 1913			
	griseogularis		Gould, 1851	Grey-chinned Hermit	Oeste e norte da Amazônia e noroeste do Peru Sul, leste (Colômbia), sul (Venezuela), noroeste (Brasil), ao leste (Equador), leste (Peru) Encosta leste andina no noroeste do Peru Encosta oeste andina no noroeste do Peru, sudoeste do Equador	
		griseogularis zonura porcullae	Gould, 1851 Gould, 1860 Carriker, 1935			
			Gould, 1863			
			Gould, 1863			
	Androdon	aequatorialis		Gould, 1847	Tooth-billed Hummingbird	Leste do Panamá ao noroeste do Equador
	Doryfera	ludovicae		(Bourcier & Mulsant, 1847)	Green-fronted Lancebill	Costa Rica a Venezuela e noroeste da Bolívia Costa Rica, oeste do Panamá Leste do Panamá, Colômbia e oeste da Venezuela ao noroeste da Bolívia
			veraguensis ludovicae	Salvin, 1867 (Bourcier & Mulsant, 1847)		
		johannae	johannae guianensis	(Bourcier, 1847) (Bourcier, 1847) (Boucard, 1893)	Blue-fronted Lancebill	Noroeste da Amazônia Sudeste da Colômbia, leste do Equador e nordeste do Peru Sul da Venezuela, sul da Guiana e norte do Brasil
	Phaeochroa	cuvierii		Gould, 1861	Scaly-breasted Hummingbird	Sudeste do México ao norte da Colômbia Sudeste do México ao nordeste da Costa Rica Encosta do Pacífico da Costa Rica Encosta do Pacífico do oeste do Panamá Panamá Leste e centro do Panamá Norte da Colômbia
roberti			(Delattre & Bourcier, 1846)			
maculicauda			(Salvin, 1861)			
furvescens			Griscom, 1932			
saturatior			Wetmore, 1967			
cuvierii			(Hartert, 1901)			
berlepschi			(Delattre & Bourcier, 1846)			
Campylopterus	curvipennis pampa excellens largipennis		Hellmayr, 1915	Curve-winged Sabrewing Wedge-tailed Sabrewing Long-tailed Sabrewing Grey-breasted Sabrewing	Sudeste do México ao norte da Colômbia Sudeste do México ao nordeste da Costa Rica Encosta do Pacífico da Costa Rica Encosta do Pacífico do oeste do Panamá Panamá Leste e centro do Panamá Norte da Colômbia	
		largipennis obscurus aequatorialis diamantinensis	Swainson, 1827 (Deppe, 1830) (Lesson, R, 1832) (Wetmore, 1941) (Boddaert, 1783) (Boddaert, 1783) Gould, 1848 Gould, 1861 Ruschi, 1963			
	calcirupicola rufus hyperythrus hemileucurus		Lopes, de Vasconcelos & Gonzaga, 2017	Dry-forest Sabrewing Rufous Sabrewing Rufous-breasted Sabrewing Violet Sabrewing	Leste do México Yucatán no México a Guatemala e Belize, nordeste de Honduras Sul do México Amazônia Leste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil Nordeste do Brasil Leste da Colômbia e noroeste do Brasil ao norte da Bolívia Sudeste do Brasil Leste do Brasil Sudoeste do México ao El Salvador Tepuis Sul do México ao Panamá Sul do México a Nicaragua Costa Rica, oeste do Panamá	
		hemileucurus mellitius	(Deppe, 1830) Bangs, 1902			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
Aphantochroa	<i>ensipennis</i>		(Swainson, 1822)	White-tailed Sabrewing	Nordeste da Venezuela
	<i>falcatus</i>		(Swainson, 1821)	Lazuline Sabrewing	Nordeste da Venezuela ao nordeste do Equador
	<i>phainopeplus</i>		Salvin & Godman, 1879	Santa Marta Sabrewing	Nordeste da Colômbia
	<i>villaviscensio</i>		(Bourcier, 1851)	Napo Sabrewing	Sul da Colômbia ao nordeste do Peru
	<i>duidae</i>		Chapman, 1929	Buff-breasted Sabrewing	Tepuis
		<i>duidae</i>	Chapman, 1929		Sul da Venezuela e norte do Brasil
		<i>guaiquinimae</i>	Zimmer, JT & Phelps, 1946		Sul da Venezuela
		<i>cirrochloris</i>	Gould, 1853		
			(Vieillot, 1818)	Sombre Hummingbird	Sudeste, leste do Brasil
			Gould, 1853		
Eupetomena	<i>macroura</i>		(Gmelin, JF, 1788)	Swallow-tailed Hummingbird	Guianas, norte, centro e sudeste do Brasil, Paraguai e nordeste da Argentina
		<i>macroura</i>	(Gmelin, JF, 1788)		Nordeste do Brasil
		<i>simoni</i>	Hellmayr, 1929		Sudeste do Brasil
		<i>cyanoviridis</i>	Grantsau, 1988		Leste do Peru
		<i>hirundo</i>	Gould, 1875		
Florisuga		<i>boliviana</i>	Zimmer, JT, 1950		Noroeste da Bolívia
			Bonaparte, 1850		
	<i>mellivora</i>		(Linnaeus, 1758)	White-necked Jacobin	Sul do México
Colibri		<i>mellivora</i>	(Linnaeus, 1758)		Sul do México a Bolívia e Brasil, Trinidad
		<i>flabellifera</i>	(Gould, 1846)		Tobago
	<i>fusca</i>		(Vieillot, 1817)	Black Jacobin	Sudeste do Brasil ao norte do Uruguai; leste do Paraguai e nordeste da Argentina
			von Spix, 1824		
	<i>delphinae</i>		(Lesson, R, 1839)	Brown Violetear	Guatemala; leste do Brasil
	<i>thalassinus</i>		(Swainson, 1827)	Mexican Violetear	Centro do México a Nicaragua
	<i>cyanotus</i>		(Bourcier, 1843)	Lesser Violetear	Costa Rica a Bolívia
Anthracothorax		<i>cabanidis</i>	(Heine, 1863)		Costa Rica, oeste do Panamá
		<i>cyanotus</i>	(Bourcier, 1843)		Colômbia, noroeste da Venezuela, Equador
		<i>kerdeli</i>	Aveledo & Perez, 1991		Nordeste da Venezuela
		<i>crissalis</i>	Todd, 1942		Peru e Bolívia
		<i>coruscans</i>	(Gould, 1846)	Sparkling Violetear	
		<i>coruscans</i>	(Gould, 1846)		Noroeste da Venezuela, Colômbia ao noroeste da Argentina
		<i>germanus</i>	(Salvin & Godman, 1884)		Sudeste da Venezuela, Guiana e norte do Brasil
	<i>serrirostris</i>		(Vieillot, 1816)	White-vented Violetear	Bolívia e norte da Argentina ao leste e sudeste do Brasil e leste do Paraguai
			Boie, F, 1831		
	<i>viridigula</i>		(Boddaert, 1783)	Green-throated Mango	Nordeste da Venezuela, Guianas e nordeste do Brasil
Anthracothorax	<i>prevostii</i>		(Lesson, R, 1832)	Green-breasted Mango	Leste do México
		<i>prevostii</i>	(Lesson, R, 1832)		Leste do México a Guatemala, Belize e El Salvador
		<i>gracilirostris</i>	Ridgway, 1910		El Salvador a Costa Rica
		<i>hendersoni</i>	(Cory, 1887)		San Andrés e Providência
		<i>viridicordatus</i>	Cory, 1913		Nordeste da Colômbia, norte da Venezuela
		<i>iridescens</i>	(Gould, 1861)		Oeste da Colômbia, sudoeste do Equador e noroeste do Peru
	<i>nigricollis</i>		(Vieillot, 1817)	Black-throated Mango	Oeste do Panamá ao nordeste da Argentina
	<i>veraguensis</i>		Reichenbach, 1855	Veraguan Mango	Panamá
	<i>dominicus</i>		(Linnaeus, 1766)	Antillean Mango	Hispaniola a Ilhas Virgens
		<i>dominicus</i>	(Linnaeus, 1766)		Hispaniola e ilhas próximas

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição	
Anthracothonax	<i>viridis</i>	<i>aurulentus</i>	(Audebert & Vieillot, 1801)		Porto Rico, Ilhas Virgens e ilhas próximas	
	<i>mango</i>		(Audebert & Vieillot, 1801)	Green Mango Jamaican Mango	Porto Rico Jamaica	
Avocettula	<i>recurvirostris</i>		(Linnaeus, 1758)			
Topaza	<i>pella</i>		Reichenbach, 1849			
			(Swainson, 1822)	Fiery-tailed Aowlbill	Brasil	
	<i>pyra</i>	<i>pella</i>	Gray, GR, 1840			
		<i>smaragdulus</i> <i>microrhyncha</i>	(Linnaeus, 1758)	(Linnaeus, 1758)	Crimson Topaz	Nordeste da Amazônia Leste da Venezuela, norte do Brasil, Guiana e Suriname Guiana Francesa e nordeste do Brasil (norte da Amazônia) Brasil (sul da Amazônia)
Eulampis	<i>jugularis</i> <i>holosericeus</i>	<i>pyra</i>	Butler, AL, 1926		Oeste da Amazônia	
		<i>pyra</i> <i>amaruni</i>	(Gould, 1846)	(Gould, 1846)	Fiery Topaz	Leste da Colômbia, sul da Venezuela e noroeste do Brasil Leste do Equador, nordeste do Peru
	<i>holosericeus</i> <i>chlorolaemus</i>		Hu, Joseph & Agro, 2000			
			Boie, F, 1831	(Linnaeus, 1766)	Purple-throated Carib	Pequenas Antilhas
Chrysolampis	<i>mosquitus</i>		(Linnaeus, 1758)	Green-throated Carib	Porto Rico, pequenas Antilhas Porto Rico e maior parte das pequenas Antilhas Sul das pequenas Antilhas	
			Boie, F, 1831			
Orthorhyncus	<i>cristatus</i>		(Linnaeus, 1758)	Ruby-topaz Hummingbird	Leste do Panamá, SA ao nordeste da Argentina	
		<i>exilis</i> <i>ornatus</i> <i>cristatus</i> <i>emigrans</i>	Lacépède, 1799			
	Klais	<i>guimeti</i>		(Linnaeus, 1758)	Antillean Crested Hummingbird	Porto Rico, pequenas Antilhas Porto Rico, pequenas Antilhas a Santa Lúcia Sul das pequenas Antilhas Sul das pequenas Antilhas Grenada e sul das pequenas Antilhas
			<i>merrittii</i> <i>guimeti</i> <i>pallidiventris</i>	(Gmelin, JF, 1788)		
Stephanoxis	<i>lalandi</i> <i>loddigesii</i>		Gould, 1861			
			(Linnaeus, 1758)			
Abeillia	<i>abeillei</i>		Lawrence, 1877			
		<i>abeillei</i> <i>aurea</i>	Reichenbach, 1854			
Lophornis	<i>ornatus</i> <i>gouldii</i> <i>magnificus</i> <i>brachylophus</i> <i>delattrei</i>		(Bourcier, 1843)	Violet-headed Hummingbird	Leste de Honduras ao oeste e norte da Amazônia Leste de Honduras ao leste do Panamá Leste da Colômbia e norte da Venezuela ao leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste do Brasil Leste do Peru e oeste da Bolívia	
			(Lawrence, 1861)			
			(Bourcier, 1843)			
			Stolzmann, 1926			
			Simon, 1897			
Stephanoxis	<i>lalandi</i> <i>loddigesii</i>		(Vieillot, 1818)	Green-crowned Plovercrest	Leste do Brasil	
			(Vigors, 1831)	Purple-crowned Plovercrest	Leste do Paraguai, sul do Brasil e nordeste da Argentina	
Abeillia	<i>abeillei</i>		Bonaparte, 1850	Emerald-chinned Hummingbird	Sudeste do México ao norte da Nicaragua Sudeste do México ao norte de Honduras Sul de Honduras ao norte de Nicaragua	
		<i>abeillei</i> <i>aurea</i>	(Lesson, R & Delattre, 1839)			
Lophornis	<i>ornatus</i> <i>gouldii</i> <i>magnificus</i> <i>brachylophus</i> <i>delattrei</i>		(Lesson, R & Delattre, 1839)			
		<i>abeillei</i> <i>aurea</i>	Miller, W & Griscom, 1925			
			Lesson, R, 1829			
			(Boddaert, 1783)	Tufted Coquette	Norte da Venezuela e Ilha de Trindade; centro da Venezuela, Guianas e nordeste do Brasil	
			(Lesson, R, 1832)	Dot-eared Coquette	Nordeste e centro do Brasil	
Lophornis	<i>ornatus</i> <i>gouldii</i> <i>magnificus</i> <i>brachylophus</i> <i>delattrei</i>		(Vieillot, 1817)	Friiled Coquette	Leste e sudeste do Brasil	
			Moore, RT, 1949	Short-crested Coquette	Sudoeste do México	
			(Lesson, R, 1839)	Rufous-crested Coquette	Oeste da Amazônia	
		<i>lessoni</i>	Simon, 1921		Sudoeste da Costa Rica ao centro da Colômbia	

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
Lophornis	<i>stictolophus</i> <i>chalybeus</i>	<i>delattrei</i>	(Lesson, R, 1839)	Spangled Coquette Festive Coquette	Leste do Peru e norte da Bolívia Oeste da Venezuela ao norte do Peru Oeste da Amazônia, sudeste do Brasil Colômbia, Bolívia e Brasil Sudeste da Venezuela Sudeste do Brasil
		<i>verreauxii</i>	Bourcier, 1853		
		<i>klagesi</i>	von Berlepsch & Hartert, 1902		
		<i>chalybeus</i>	(Temminck, 1821)		
		<i>pavoninus</i>	Salvin & Godman, 1882		
	<i>helenae</i> <i>adorabilis</i>	<i>pavoninus</i>	Salvin & Godman, 1882	Peacock Coquette	Tepuis Sudeste da Venezuela, Venezuela, Brasil e Guiana Sudeste da Venezuela
		<i>duidae</i>	Chapman, 1929		
		<i>helenae</i>	(Delattre, 1843)		
		<i>adorabilis</i>	Salvin, 1870		
			Bonaparte, 1850		
Discosura	<i>popelairii</i> <i>langsдорffi</i>		(Du Bus de Gisignies, 1846)	Wire-crested Thorntail Black-bellied Thorntail	Colômbia ao sudeste do Peru e noroeste da Bolívia Oeste da Amazônia, sudeste do Brasil
		<i>melanosternon</i> <i>langsdorffi</i>	(Gould, 1868)		
	<i>letitiae</i> <i>conversii</i> <i>longicaudus</i>		(Temminck, 1821)	Letitia's Thorntail Green Thorntail Racket-tailed Coquette	Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela ao leste do Equador, leste do Peru e noroeste do Brasil Leste do Brasil Nordeste da Bolívia Costa Rica ao oeste do Equador Centro e sul da Venezuela, norte do Brasil e Guianas, leste do Brasil
			(Bourcier & Mulsant, 1852)		
			(Bourcier & Mulsant, 1846)		
Trochilus	<i>polytmus</i> <i>scitulus</i>		(Gmelin, JF, 1788)	Red-billed Streamertail Black-billed Streamertail	Jamaica Jamaica
			Linnaeus, 1758		
Chlorestes	<i>notata</i>		Linnaeus, 1758	Blue-chinned Sapphire	Colômbia ao leste do Brasil. Amazônia Nordeste da Colômbia e Venezuela, Guianas ao leste do Brasil, Trindade e Tobago Noroeste do Brasil, sudeste da Colômbia e nordeste do Peru Nordeste do Peru (baixo Rio Ucayali)
		<i>notata</i>	(Reichenbach, 1854)		
		<i>notata</i>	(Reich, GC, 1793)		
Chlorostilbon	<i>auriceps</i> <i>forficatus</i> <i>canivetii</i>	<i>notata</i>	(Reich, GC, 1793)	Golden-crowned Emerald Cozumel Emerald Canivet's Emerald	Oeste e centro do México Península de Yucatan Sudeste do México a Costa Rica Sudeste do México a Belize, norte da Guatemala e Honduras Sudeste do México ao oeste da Nicaragua Oeste da Costa Rica Sudoeste da Costa Rica, Panamá
		<i>notata</i>	(Riley, 1913)		
		<i>puruensis</i>	Zimmer, JT, 1950		
		<i>obsoleta</i>	Gould, 1853		
			(Gould, 1852)		
	<i>assimilis</i> <i>mellisugus</i>	<i>canivetii</i>	(Lesson, R, 1832)	Garden Emerald Blue-tailed Emerald	Nordeste da Venezuela, Trindade, Antilhas Neerlandesas Sul da Venezuela Sul da Venezuela, Guiana e noroeste do Brasil Suriname, Guiana Francesa e nordeste do Brasil Amazônia Nordeste do Peru Sudeste do Peru, leste da Bolívia Oeste da Colômbia e oeste e centro do Equador Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>osberti</i>	Gould, 1860		
		<i>salvini</i>	(Cabanis & Heine, 1860)		
			Lawrence, 1861		
			(Linnaeus, 1758)		
	<i>melanorhynchus</i> <i>gibsoni</i>	<i>caribaeus</i> <i>duidae</i>	Lawrence, 1871	Western Emerald Red-billed Emerald	
		<i>subfurcatus</i>	Zimmer, JT & Phelps, 1952		
		<i>mellisugus</i>	von Berlepsch, 1887		
		<i>phoeopygus</i>	(Linnaeus, 1758)		
		<i>napensis</i>	(Tschudi, 1844)		
	<i>peruanus</i>	Gould, 1861			
		Gould, 1861			
		Gould, 1860			
		(Fraser, 1840)			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição	
<i>Chlorostilbon</i>		<i>gibsoni</i>	(Fraser, 1840)	Chiribiquete Emerald Glittering-bellied Emerald Gould's Emerald Brace's Emerald Cuban Emerald Hispaniolan Emerald Puerto Rican Emerald Coppery Emerald Narrow-tailed Emerald Green-tailed Emerald Short-tailed Emerald Fiery-throated Hummingbird White-tailed Emerald Coppery-headed Emerald Oaxaca Hummingbird White-tailed Hummingbird Stripe-tailed Hummingbird Black-bellied Hummingbird Pirre Hummingbird Violet-capped Hummingbird Dusky Hummingbird Broad-billed Hummingbird	Colômbia Norte da Colômbia Nordeste da Colômbia e noroeste da Venezuela Sudeste da Colômbia	
		<i>chrysogaster</i>	(Bourcier, 1843)			
		<i>nitens</i>	Lawrence, 1861			
	<i>olivaresi</i>	<i>lucidus</i>			Stiles, 1996	Leste do Brasil Bolívia, Paraguai, Brasil e noroeste da Argentina Sul do Brasil, Uruguai e nordeste da Argentina Jamaica ou Bahamas Norte das Bahamas Cuba, Bahamas Hispaniola Porto Rico Nordeste da Colômbia, noroeste da Venezuela Venezuela, Colômbia, nordeste do Equador Nordeste da Colômbia, noroeste da Venezuela e nordeste do Equador Noroeste da Venezuela Norte da Venezuela Colômbia, noroeste da Venezuela Leste da Colômbia e noroeste da Venezuela Colômbia
					(Shaw, 1812)	
			<i>pucherani</i>		(Bourcier & Mulsant, 1848)	
			<i>lucidus</i>		(Shaw, 1812)	
			<i>berlepschi</i>		Pinto, 1938	
					(Gould, 1860)	
	<i>elegans</i> †				(Lawrence, 1877)	
	<i>bracei</i> †				(Gervais, 1835)	
	<i>ricordii</i>				(Lesson, R, 1829)	
	<i>swainsonii</i>				(Audebert & Vieillot, 1801)	
	<i>maugaeus</i>				(Salvin & Godman, 1881)	
	<i>russatus</i>				(Cabanis & Heine, 1860)	
	<i>stenurus</i>		<i>stenurus</i>		(Cabanis & Heine, 1860)	
			<i>ignotus</i>		Todd, 1942	
<i>alice</i>	<i>poortmani</i>		(Bourcier & Mulsant, 1848)			
			(Bourcier, 1843)			
		<i>poortmani</i>	(Bourcier, 1843)			
		<i>euchloris</i>	(Reichenbach, 1854)			
<i>Panterpe</i>	<i>insignis</i>		Cabanis & Heine, 1860			
			Cabanis & Heine, 1860			
<i>Elvira</i>	<i>chionura</i>	<i>eisenmanni</i>	Stiles, 1985			
		<i>insignis</i>	Cabanis & Heine, 1860			
	<i>cupreiceps</i>		Mulsant, Verreaux J & Verreaux, E, 1866			
			(Gould, 1851)			
<i>Eupherusa</i>	<i>poliocerca</i>		(Lawrence, 1866)			
			Gould, 1857			
	<i>eximia</i>		Rowley, JS & Orr, 1964			
		<i>nelsoni</i>	Elliot, DG, 1871			
	<i>nigriventris</i>	<i>eximia</i>	(Delattre, 1843)			
		<i>egregia</i>	Ridgway, 1910			
<i>Goethalsia</i>	<i>bella</i>		(Delattre, 1843)			
			Sclater, PL & Salvin, 1868			
<i>Goldmania</i>	<i>violiceps</i>		Lawrence, 1868			
			Nelson, 1912			
<i>Cynanthus</i>	<i>sordidus</i>		Nelson, 1912			
			Nelson, 1911			
	<i>latirostris</i>		Nelson, 1911			
		<i>magicus</i>	Swainson, 1827			
		<i>propinquus</i>	(Gould, 1859)			
			Swainson, 1827			
			(Mulsant & Verreaux, J, 1872)			
			Moore, RT, 1939			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
Cynanthus	doubledayi	<i>latirostris</i>	Swainson, 1827	Doubleday's Hummingbird	Leste do México
		<i>lawrencei</i>	(von Berlepsch, 1887)		México
Cyanophaia	bicolor		Reichenbach, 1854	Blue-headed Hummingbird	Sul do México
Thalurania	ridgwayi		Gmelin, JF, 1788)	Mexican Woodnymph	Pequenas Antilhas
	colombica		Gould, 1848	Crowned Woodnymph	Oeste do México
	furcata	<i>townsendi</i>	Nelson, 1900	Fork-tailed Woodnymph	Guatemala ao Equador e noroeste do Peru
		<i>venusta</i>	(Bourcier, 1843)		Guatemala, Belize e Honduras
		<i>colombica</i>	Ridgway, 1888		Nicaragua ao Panamá
		<i>rostrifera</i>	(Gould, 1851)		Norte da Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>fannyae</i>	(Bourcier, 1843)		Noroeste da Venezuela
		<i>subtropicalis</i>	Phelps & Phelps Jr, 1956		Leste do Panamá ao oeste da Colômbia
		<i>verticeps</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Oeste e centro da Colômbia
		<i>hypochlora</i>	Griscom, 1932		Sudoeste da Colômbia e noroeste do Equador
		<i>refulgens</i>	(Gould, 1851)		Oeste do Equador e noroeste do Peru
		<i>furcata</i>	Gould, 1871		Distribuição ampla
		<i>fissilis</i>	(Gmelin, JF, 1788)		Nordeste da Venezuela
		<i>orenocensis</i>	Gould, 1853		Leste e centro da Venezuela, Guianas ao nordeste do Brasil
		<i>nigrofasciata</i>	(Gmelin, JF, 1788)		Sudeste da Venezuela, oeste e centro da Guiana e Roraima no Brasil
		<i>viridipectus</i>	von Berlepsch & Hartert, 1902		Sul da Venezuela
		<i>jelskii</i>	Hellmayr, 1921		Sudeste da Colômbia, sul da Venezuela e noroeste do Brasil
		<i>simoni</i>	(Gould, 1846)		Leste da Colômbia, leste do Equador e nordeste do Peru
		<i>balzani</i>	Gould, 1848		Leste do Peru e oeste do Brasil
		<i>furcatoides</i>	Taczanowski, 1874		Sudeste do Peru e sudoeste do Brasil
		<i>boliviana</i>	Hellmayr, 1906		Norte e centro do Brasil
		<i>baeri</i>	Simon, 1896		Leste do Brasil
<i>eriphile</i>	Gould, 1861	Sudeste do Peru, nordeste da Bolívia			
<i>watertonii</i>	Boucard, 1894	Nordeste e centro do Brasil ao sudeste da Bolívia e noroeste da Argentina			
<i>glaucopis</i>	Hellmayr, 1907	Sudeste do Brasil, Paraguai e nordeste da Argentina			
Juliomyia	julie		(Lesson, R, 1832)	Long-tailed Woodnymph	Leste do Brasil
			(Bourcier, 1847)	Violet-capped Woodnymph	Sudeste do Brasil ao leste do Paraguai, nordeste da Argentina e norte do Uruguai
			(Gmelin, JF, 1788)	Violet-bellied Hummingbird	Panamá ao noroeste do Peru
Lepidopyga	coeruleogularis		Bonaparte, 1854	Sapphire-throated Hummingbird	Centro do Panamá
		<i>panamensis</i>	(Bourcier, 1843)		Norte e centro da Colômbia
		<i>julie</i>	(von Berlepsch, 1884)		Sudoeste da Colômbia, oeste do Equador e noroeste do Peru
		<i>feliciana</i>	(Bourcier, 1843)		Panamá e Colômbia
		<i>lilliae</i>	(Lesson, R, 1844)		Sudeste da Costa Rica, oeste e centro do Panamá
	goudoti		Reichenbach, 1855	Sapphire-bellied Hummingbird	Leste do Panamá e noroeste da Colômbia
		<i>coeruleogularis</i>	(Gould, 1851)		Norte da Colômbia
		<i>confinis</i>	(Gould, 1851)		Norte e centro da Colômbia
		<i>coelina</i>	Griscom, 1932		Colômbia, noroeste da Venezuela
			(Bourcier, 1856)	Shining-green Hummingbird	Norte da Colômbia
		<i>luminosa</i>	Stone, 1917		
			(Bourcier, 1843)		
			(Lawrence, 1862)		

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Lepidopyga</i>		<i>goudoti</i>	(Bourcier, 1843)		Norte e centro da Colômbia
		<i>zuliae</i>	Cory, 1918		Nordeste da Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>phaeochroa</i>	Todd, 1942		Noroeste da Venezuela
<i>Hylocharis</i>	<i>eliciae</i>		Boie, F, 1831	Blue-throated Sapphire	Sul do México ao noroeste da Colômbia Sudeste do México ao sul da Costa Rica Oeste do Panamá ao noroeste da Colômbia
		<i>eliciae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		
		<i>earina</i>	Wetmore, 1967		
	<i>sapphirina</i>		(Gmelin, JF, 1788)	Rufous-throated Sapphire	Sudeste da Amazônia
	<i>cyanus</i>		(Vieillot, 1818)	White-chinned Sapphire	Sudeste da Amazônia Colômbia, sul da Venezuela, Guianas e norte do Brasil Leste do Peru, nordeste da Bolívia e oeste do Brasil Leste da Bolívia, norte do Paraguai e sudoeste do Brasil Leste do Brasil Sudeste do Brasil ao nordeste da Argentina
	<i>viridiventris</i>		von Berlepsch, 1880		Bolívia ao sudeste do Brasil, Uruguai e norte da Argentina
	<i>rostrata</i>		Boucard, 1895		Oeste da Colômbia, norte do Equador
	<i>conversa</i>		Zimmer, JT, 1950		Sudeste do Panamá ao noroeste do Equador
	<i>cyanus</i>		(Vieillot, 1818)		
	<i>griseiventris</i>		Grantsau, 1988		
	<i>chrysur</i>		(Shaw, 1812)	Gilded Sapphire	
<i>grayi</i>		(Delattre & Bourcier, 1846)	Blue-headed Sapphire		
<i>humboldtii</i>		(Bourcier & Mulsant, 1852)	Humboldt's Sapphire		
<i>Chrysuronia</i>	<i>oenone</i>		Bonaparte, 1850	Golden-tailed Sapphire	Oeste da Amazônia Leste (Colômbia) e norte e leste da Venezuela ao leste do Equador, nordeste (Peru) e oeste do Brasil Leste do Peru, norte da Bolívia
		<i>oenone</i>	(Lesson, R, 1832)		
		<i>josephinae</i>	(Lesson, R, 1832) (Bourcier & Mulsant, 1848)		
<i>Leucochloris</i>	<i>albicollis</i>		Reichenbach, 1854 (Vieillot, 1818)	White-throated Hummingbird	Sul do Brasil, leste do Paraguai, nordeste da Argentina e Uruguai
<i>Polytmus</i>	<i>guainumbi</i>		Brisson, 1760	White-tailed Goldenthrroat	Leste da Colômbia Venezuela, Guianas, norte do Brasil, Trinidad Leste da Bolívia ao leste do Paraguai, leste e centro do Brasil e nordeste da Argentina
		<i>andinus</i>	Simon, 1921		
		<i>guainumbi</i>	(Pallas, 1764)		
	<i>thaumantias</i>		(Linnaeus, 1766)		Tepui da Venezuela, Guiana e extremo norte do Brasil
	<i>milleri</i>		(Chapman, 1929)	Tepui Goldenthrroat	Nordste e oeste da Amazônia
<i>theresiaie</i>		(Da Silva Maia, 1843)	Green-tailed Goldenthrroat	Guianas, norte e centro do Brasil Leste da Colômbia e sul da Venezuela ao nordeste do Peru e noroeste do Brasil	
<i>Leucippus</i>	<i>theresiaie</i>	<i>theresiaie</i>	(Da Silva Maia, 1843)		
		<i>leucorrhous</i>	Sclater, PL & Salvin, 1867		
			Bonaparte, 1850		
		<i>fallax</i>	(Bourcier, 1843)	Buffy Hummingbird	Nordeste da Colômbia, noroeste da Venezuela
		<i>baeri</i>	Simon, 1901	Tumbes Hummingbird	Sudoeste do Equador, noroeste do Peru
<i>Taphrospilus</i>	<i>chlorocercus</i>	<i>taczanowskii</i>	(Sclater, PL, 1879)	Spot-throated Hummingbird	Norte e centro do Peru
		<i>chlorocercus</i>	Gould, 1866	Olive-spotted Hummingbird	Oeste da Amazônia
		<i>hypostictus</i>	Simon, 1910		
		<i>hypostictus</i>	(Gould, 1862)	Many-spotted Hummingbird	Equador a Bolívia, sudoeste do Brasil
<i>Amazilia</i>	<i>chionogaster</i>		Lesson, R, 1843	White-bellied Hummingbird	Norte do Peru ao noroeste da Argentina Norte e centro do Peru Sudeste do Peru, Bolívia, Paraguai, sudoeste do Brasil e noroeste da Argentina
		<i>chionogaster</i>	(Tschudi, 1846)		
		<i>hypoleuca</i>	(Tschudi, 1846) (Gould, 1846)		
	<i>viridicauda</i>		(von Berlepsch, 1883)	Green-and-white Hummingbird	Centro do Peru
	<i>rutila</i>		(Delattre, 1843)	Cinnamon Hummingbird	Noroeste do México a Costa Rica



BEIJA-FLOR-RAJADO

Ramphodon naevius. Visita plantas pelo percurso que faz e costuma defender com vigor suas fontes de néctar.

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição		
Amazilia	yucatanensis	<i>diluta</i>	van Rossem, 1938	Buff-bellied Hummingbird	Noroeste do México		
		<i>graysoni</i>	Lawrence, 1867		México		
		<i>rutila</i>	(Delattre, 1843)		Oeste e sudoeste do México		
		<i>corallirostris</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Sudeste do México ao oeste da Costa Rica		
			(Cabot, S, 1845)		Leste do México, talvez no sul dos Estados Unidos		
		<i>chalconota</i>	Oberholser, 1898		Sul do Texas nos Estados Unidos ao nordeste do México		
		<i>cerviniventris</i>	(Gould, 1856)		Leste e sul do México		
		<i>yucatanensis</i>	(Cabot, S, 1845)		Península de Yucatán (sudeste do México), noroeste da Guatemala e Belize		
		tzacatl			(de la Llave, 1833)	Rufous-tailed Hummingbird	Centro do México a Venezuela e oeste do Equador
			<i>tzacatl</i>		(de la Llave, 1833)		Leste e centro do México ao centro do Panamá
	<i>handleyi</i>		Wetmore, 1963	Panamá			
	<i>fuscicaudata</i>		(Fraser, 1840)	Norte da Colômbia e oeste da Venezuela			
	<i>brehmi</i>		Weller & Schuchmann, 1999	Sudoeste da Colômbia			
	castaneiventris	<i>jucunda</i>	(Heine, 1863)	Chestnut-bellied Hummingbird	Oeste da Colômbia e oeste do Equador		
			(Gould, 1856)		Norte e centro da Colômbia		
		<i>amazilia</i>	(Lesson, R & Garnot, 1827)		Equador e Peru		
		<i>alticola</i>	Gould, 1860		Sul do Equador		
		<i>azuay</i>	Krabbe & Ridgely, 2010		Sudoeste do Equador		
	leucogaster	<i>dumerilii</i>	(Lesson, R, 1832)	Plain-bellied Emerald	Oeste do Equador, noroeste do Peru		
		<i>leucophoea</i>	Reichenbach, 1854		Noroeste do Peru		
		<i>amazilia</i>	(Lesson, R & Garnot, 1827)		Oeste do Peru		
		<i>caeruleigularis</i>	Carriker, 1933		Sudoeste do Peru		
			(Gmelin, JF, 1788)		Versicolored Emerald	Leste da Venezuela, Guianas e nordeste do Brasil	
		<i>leucogaster</i>	(Gmelin, JF, 1788)			Leste do Brasil	
		<i>bahiae</i>	(Hartert, 1899)			Amazônia	
		versicolor				(Vieillot, 1818)	Leste da Colômbia e oeste da Venezuela, leste do Peru e noroeste do Brasil
			<i>millerii</i>			(Bourcier, 1847)	Sudeste da Venezuela
<i>hollandi</i>			(Todd, 1913)		Nordeste do Brasil		
<i>nitidifrons</i>	(Gould, 1860)		Sudeste do Brasil				
<i>versicolor</i>	(Vieillot, 1818)		Nordeste da Bolívia, leste do Paraguai, sudoeste do Brasil e nordeste da Argentina				
brevirostris	<i>kubtchecki</i>	Ruschi, 1959	White-chested Emerald	Norte da Bolívia e oeste e centro do Brasil			
	<i>rondoniae</i>	Ruschi, 1982					
		(Lesson, R, 1829)					
	<i>chionopectus</i>	(Gould, 1859)		Trindade			
	<i>brevirostris</i>	(Lesson, R, 1829)		Leste da Venezuela, Guiana, Suriname e norte e centro do Brasil			
franciae	<i>orienticola</i>	Todd, 1942	Andean Emerald	Guiana Francesa			
		(Bourcier & Mulsant, 1846)		Colômbia ao norte do Peru			
	<i>franciae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Noroeste e centro da Colômbia			
	<i>viridiceps</i>	(Gould, 1860)		Sudoeste da Colômbia e oeste do Equador			
	<i>cyanocollis</i>	(Gould, 1853)		Norte do Peru			
candida		(Bourcier & Mulsant, 1846)	White-bellied Emerald	Leste do México a Nicaragua			
	<i>genini</i>	(Meise, 1938)		Encosta do Caribe no sudeste do México			
	<i>candida</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Sudeste do México a Belize e Nicaragua			
cyanocephala	<i>pacifica</i>	(Griscom, 1929)	Azure-crowned Hummingbird	Sudeste do México ao sul da Guatemala			
		(Lesson, R, 1830)		Leste do México a Nicaragua			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Amazilia</i>	<i>violiceps</i>	<i>cyanocephala</i>	(Lesson, R, 1830)	Violet-crowned Hummingbird	Sudeste do México a leste de Honduras e norte e centro da Nicaragu
		<i>chlorostephana</i>	Howell, TR, 1965		Nordeste de Honduras e nordeste da Nicaragu
	<i>viridifrons</i>	<i>elliotti</i>	(von Berlepsch, 1889)	Green-fronted Hummingbird	Sudoeste dos Estados Unidos ao sudoeste do México
		<i>violiceps</i>	(Gould, 1859)		Sudoeste dos Estados Unidos ao noroeste e centro do México
	<i>wagneri</i>	<i>viridifrons</i>	(Elliot, DG, 1871)	Cinnamon-sided Hummingbird	Sudoeste do México
		<i>viridifrons</i>	(Elliot, DG, 1871)		Sul do México
	<i>fimbriata</i>	<i>villadai</i>	Peterson & Navarro, 2000	Glittering-throated Emerald	Sul do México
		<i>elegantissima</i>	Todd, 1942		Sudeste do México
	<i>lactea</i>	<i>fimbriata</i>	(Gmelin, JF, 1788)	Sapphire-spangled Emerald	Sul do México
		<i>apicalis</i>	(Gould, 1861)		Ampla distribuição
	<i>amabilis</i>	<i>fluviatilis</i>	(Gould, 1861)	Blue-chested Hummingbird	Nordeste da Colômbia, norte, oeste da Venezuela
		<i>laeta</i>	(Hartert, 1900)		Nordeste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil
	<i>decora</i>	<i>nigricauda</i>	(Elliot, DG, 1878)	Charming Hummingbird	Leste da Colômbia
		<i>tephrocephala</i>	(Vieillot, 1818)		Sudeste da Colômbia, leste do Equador
	<i>rosenbergi</i>	<i>lactea</i>	(Lesson, R, 1832)	Mangrove Hummingbird	Nordeste do Peru, oeste do Brasil
		<i>zimmeri</i>	(Gilliard, 1941)		Leste da Bolívia ao centro do Brasil
	<i>boucardi</i>	<i>lactea</i>	(Lesson, R, 1832)	Honduran Emerald	Sudeste do Brasil
		<i>bartletti</i>	(Gould, 1866)		Amazônia do sudeste da Venezuela ao nordeste da Argentina, norte da Bolívia
	<i>luciae</i>	<i>amabilis</i>	(Gould, 1853)	Purple-chested Hummingbird	Sudeste da Venezuela
		<i>saucerottei</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Centro e sul do Brasil e nordeste da Argentina
	<i>saucerottei</i>	<i>decora</i>	(Salvin, 1891)	Mangrove Hummingbird	Leste do Peru ao norte da Bolívia
		<i>rosenbergi</i>	(Boucard, 1895)		Nicaragu ao sul do Equador
	<i>edward</i>	<i>boucardi</i>	(Mulsant, 1877)	Steely-vented Hummingbird	Sudoeste da Costa Rica, oeste do Panamá
		<i>luciae</i>	(Lawrence, 1868)		Oeste da Colômbia, noroeste do Equador
	<i>edward</i>	<i>luciae</i>	(Lawrence, 1868)	Indigo-capped Hummingbird	Costa Rica
		<i>saucerottei</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Honduras
	<i>beryllina</i>	<i>warscewiczii</i>	(Cabanis & Heine, 1860)	Snowy-bellied Hummingbird	Norte da Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>saucerottei</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Noroeste da Colômbia
	<i>beryllina</i>	<i>braccata</i>	(Heine, 1863)	Berylline Hummingbird	Oeste da Venezuela
		<i>collata</i>	(Bourcier, 1843)		Colômbia
	<i>cyanura</i>	<i>edward</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)	Blue-tailed Hummingbird	Costa Rica e Panamá
		<i>niveoventer</i>	(Gould, 1851)		Sudoeste da Costa Rica e sudoeste do Panamá
	<i>cyanura</i>	<i>edward</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)	Berylline Hummingbird	Leste e centro do Panamá
<i>collata</i>		(Wetmore, 1952)	Centro do Panamá		
<i>cyanura</i>	<i>margaritarum</i>	(Griscom, 1927)	Berylline Hummingbird	Leste do Panamá e norte do Golfo do Panamá	
	<i>viola</i>	(Miller, W, 1905)		Noroeste do México a Honduras	
<i>cyanura</i>	<i>beryllina</i>	(Deppe, 1830)	Blue-tailed Hummingbird	Sudeste do Arizona nos Estados Unidos, oeste e noroeste do México	
	<i>lichtensteini</i>	(Moore, RT, 1950)		Sul do México	
<i>cyanura</i>	<i>sumichrasti</i>	(Salvin, 1891)	Blue-tailed Hummingbird	Sul do México	
	<i>devillei</i>	(Bourcier & Mulsant, 1848)		Sul do México	
<i>cyanura</i>	<i>guatemalae</i>	(Dearborn, 1907)	Blue-tailed Hummingbird	Guatemala, El Salvador e Honduras	
	<i>cyanura</i>	(Gould, 1859)		Sul do México a Costa Rica	
<i>cyanura</i>	<i>guatemalae</i>	(Dearborn, 1907)	Blue-tailed Hummingbird	Sul do México ao sul da Guatemala	
	<i>cyanura</i>	(Gould, 1859)		Sul de Honduras, El Salvador e noroeste da Nicaragu	

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
Amazilia	viridigaster	impatiens	(Bangs, 1906)	Blue-vented Hummingbird	Noroeste e centro da Costa Rica
		hoffmanni	(Cabanis & Heine, 1860)		
		viridigaster	(Bourcier, 1843)		
		viridigaster	(Bourcier, 1843)		
		iodura	(Reichenbach, 1854)		
		duidae	(Chapman, 1929)		
		cupreicauda	Salvin & Godman, 1884		
		laireti	(Phelps Jr & Aveledo, 1988)		
		pacaraimae	(Weller, 2000)		
		tobaci	(Gmelin, JF, 1788)		
	monticola	(Todd, 1913)			
	feliciae	(Lesson, R, 1840)			
	caudata	Zimmer, JT & Phelps, 1949			
	aliciae	Richmond, 1895			
	erythronotos	(Lesson, R, 1829)			
	tobaci	(Gmelin, JF, 1788)			
	caurensis	(von Berlepsch & Hartert, 1902)			
	Microchera	Gould, 1858	Snowcap	Honduras ao Panamá	
	albocoronata	(Lawrence, 1855)			
parvirostris	(Lawrence, 1865)				
		albocoronata	(Lawrence, 1855)		Oeste e centro do Panamá
Anthocephala	floriceps		Cabanis & Heine, 1860	Santa Marta Blossomcrown	Nordeste da Colômbia
		berlepschi	(Gould, 1853)		
Chalybura	buffonii		Salvin, 1893	White-vented Plumeleteer	Panamá a Venezuela, Colômbia
			Reichenbach, 1854		
			(Lesson, R, 1832)		
		micans	Bangs & Barbour, 1922		
		buffonii	(Lesson, R, 1832)		
	urochrysia	aeneicauda	Lawrence, 1865		
		caeruleogaster	(Gould, 1847)		
		intermedia	Hartert & Hartert, C, 1894		
			(Gould, 1861)		
			Salvin, 1865		
Lampornis	clemenciae	isaurae	(Gould, 1861)	Bronze-tailed Plumeleteer	Nicaragua ao sudoeste do Equador
		urochrysia	(Gould, 1861)		
			Swainson, 1827		
			(Lesson, R, 1830)		
			Oberholser, 1974		
	amethystinus	phasmorus	(Oberholser, 1918)		
		bessophilus	(Lesson, R, 1830)		
		clemenciae	(Lesson, R, 1830)		
			Swainson, 1827		
			Swainson, 1827		
		amethystinus	(Phillips, AR, 1966)	Amethyst-throated Mountaingem	Sudoeste dos Estados Unidos ao centro do México
		circumventus	(Salvin & Godman, 1889)		
		margaritae	(Ridgway, 1908)		
		salvini			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Lampornis</i>	<i>viridipallens</i>	<i>nobilis</i>	Griscom, 1932 (Bourcier & Mulsant, 1846)	Green-throated Mountaingem	Honduras Sul do México a El Salvador
		<i>amadoni</i>	Rowley, JS, 1968 (Brodkorb, 1939)		Sul do México Sul do México, noroeste da Guatemala
		<i>ovandensis</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Guatemala, norte de El Salvador e oeste de Honduras
		<i>viridipallens</i>	Dickey & van Rossem, 1929		El Salvador
		<i>nubivagus</i>	(Salvin & Godman, 1892)		Honduras, Nicaragua
		<i>sybillae</i>	(Salvin, 1865)		Costa Rica, Panamá
		<i>hemileucus</i>	(Salvin, 1865)		Sul da Nicaragua a oeste do Panamá
		<i>calolaemus</i>	<i>pectoralis</i> (Salvin, 1891)		Sul da Nicaragua, norte e centro da Costa Rica
			<i>calolaemus</i> (Salvin, 1865)		Centro da Costa Rica
			<i>homogenes</i> Wetmore, 1967		Sul da Costa Rica, oeste do Panamá
			<i>castaneiventris</i> (Gould, 1851)		Oeste do Panamá
			<i>cinereicauda</i> (Lawrence, 1867)		Sul da Costa Rica
<i>Basilinna</i>	<i>xantusii</i> <i>leucotis</i>		Boie, F, 1831 (Lawrence, 1861)	Xantus's Hummingbird White-eared Hummingbird	Sul de Baja California
		<i>borealis</i>	(Vieillot, 1818)		México a Nicaragua
		<i>leucotis</i>	(Griscom, 1929)		Sudeste do Arizona nos Estados Unidos, norte do México
		<i>pygmaea</i>	(Vieillot, 1818)		Centro e sul do México, Guatemala
<i>Lamprolaima</i>	<i>rhami</i>		Simon & Hellmayr, 1908	Garnet-throated Hummingbird	El Salvador, Hondura e Nicaragua
			Reichenbach, 1854 (Lesson, R, 1839)		Centro do México a Honduras
<i>Adelomyia</i>	<i>melanogenys</i>		Bonaparte, 1854 (Fraser, 1840)	Speckled Hummingbird	Venezuela ao noroeste da Argentina
		<i>cervina</i>	Gould, 1872		Oeste e centro da Colômbia
		<i>sabinae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Colômbia
		<i>connectens</i>	Meyer de Schauensee, 1945		Sul da Colômbia
		<i>melanogenys</i>	(Fraser, 1840)		Leste da Colômbia, oeste da Venezuela ao sul e centro do Peru
		<i>debellardiana</i>	Aveledo & Perez, 1994		Venezuela
		<i>aeneosticta</i>	Simon, 1889		Centro e norte da Venezuela
		<i>maculata</i>	Gould, 1861		Equador, norte do Peru
		<i>chlorospila</i>	Gould, 1872		Sudeste do Peru
		<i>inornata</i>	(Gould, 1846)		Bolívia, noroeste da Argentina
<i>Phlogophilus</i>	<i>hemileucurus</i> <i>harterti</i>		Gould, 1860	Ecuadorian Piedtail Peruvian Piedtail	Sul da Colômbia ao nordeste do Peru
			Gould, 1860		Centro e sudeste do Peru
<i>Clytolaema</i>	<i>rubricauda</i>		von Berlepsch & Stolzmann, 1901	Brazilian Ruby	Sudeste do Brasil
			Gould, 1853 (Boddaert, 1783)		
<i>Heliodoxa</i>	<i>xanthogonys</i>		Gould, 1850	Velvet-browed Brilliant	Tepuis
		<i>willardi</i>	Salvin & Godman, 1882		Sul da Venezuela
		<i>xanthogonys</i>	Weller & Renner, 2001		Leste da Venezuela, Guiana e norte e centro do Brasil
		<i>gularis</i>	Salvin & Godman, 1882		Noroeste da Amazônia
		<i>branickii</i>	(Gould, 1860)		Sudeste do Peru
	<i>schreibersii</i>	(Taczanowski, 1874) (Bourcier, 1847)	Black-throated Brilliant	Oeste da Amazônia	

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição	
<i>Heliodoxa</i>		<i>schreibersii</i>	(Bourcier, 1847)	Gould's Jewelfront Fawn-breasted Brilliant Green-crowned Brilliant Empress Brilliant Violet-fronted Brilliant Rivoli's Hummingbird Talamanca Hummingbird Scissor-tailed Hummingbird Violet-chested Hummingbird Rufous-gaped Hillstar Green-backed Hillstar Buff-tailed Coronet Chestnut-breasted Coronet Velvet-purple Coronet Shining Sunbeam Purple-backed Sunbeam White-tufted Sunbeam Black-hooded Sunbeam Ecuadorian Hillstar	Sudeste da Colômbia ao leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste do Brasil Leste do Peru Oeste e centro da Amazônia Colômbia ao Peru Centro e leste da Colômbia Oeste da Colômbia, oeste do Equador Leste do Equador, leste do Peru Costa Rica ao Equador Costa Rica ao oeste do Panamá Leste do Panamá, norte e centro da Colômbia Sudoeste da Colômbia, oeste do Equador Oeste e centro da Colômbia ao noroeste do Equador Venezuela ao noroeste da Bolívia Norte da Venezuela Norte, centro e sul da Colômbia, oeste da Venezuela Leste do Equador, norte do Peru Centro do Peru ao noroeste da Bolívia Sudoeste dos Estados Unidos a Honduras e Nicaragua Costa Rica ao oeste do Panamá Nordeste da Venezuela Norte da Venezuela Sudoeste da Colômbia ao noroeste do Equador Sul da Colômbia, leste do Equador e nordeste do Peru Venezuela ao Equador Colômbia, oeste da Venezuela Sudoeste da Colômbia, oeste do Equador Colômbia ao Peru Sudoeste da Colômbia ao noroeste do Equador Colômbia ao Peru Colômbia, Equador ao norte Peru Peru Norte do Peru Peru Centro do Peru Sul do Peru Bolívia Sul da Colômbia ao centro do Equador Sul da Colômbia, norte do Equador	
		<i>whitelyana</i>	(Gould, 1872)			
	<i>aurescens</i>	<i>rubinoides</i>				(Gould, 1846)
			<i>rubinoides</i>			(Bourcier & Mulsant, 1846)
	<i>jacula</i>		<i>aequatorialis</i>			(Bourcier & Mulsant, 1846)
			<i>cervinigularis</i>			(Gould, 1860)
	<i>imperatrix</i>	<i>leadbeateri</i>				(Salvin, 1892)
			<i>henryi</i>			Gould, 1850
			<i>jacula</i>			Lawrence, 1867
			<i>jamersoni</i>			Gould, 1850
	<i>leadbeateri</i>					(Bourcier, 1851)
			<i>leadbeateri</i>			(Gould, 1856)
<i>parvula</i>			(Bourcier, 1843)			
<i>sagitta</i>			(Bourcier, 1843)			
<i>otero</i>			von Berlepsch, 1888			
			(Reichenbach, 1854)			
<i>Eugenes</i>			(Tschudi, 1844)			
			Gould, 1856			
<i>fulgens</i>			Gould, 1856			
			(Swainson, 1827)			
<i>spectabilis</i>			(Lawrence, 1867)			
			Gould, 1873			
<i>Hylonympha</i>			Gould, 1873			
			Gould, 1873			
<i>macrocerca</i>			Gould, 1858			
			(Gould, 1846)			
<i>Sternoclyta</i>			Gould, 1856			
			(Bourcier, 1851)			
<i>Urochroa</i>			Lawrence, 1864			
			Reichenbach, 1854			
<i>Boissonneaua</i>			(Loddiges, 1832)			
			(Loddiges, 1832)			
<i>flavescens</i>			Oberholser, 1902			
			(Bourcier, 1847)			
<i>matthewsii</i>			(Bourcier, 1851)			
			Gould, 1848			
<i>jardini</i>			(Bourcier, 1843)			
			(Bourcier, 1843)			
<i>Aglaeactis</i>			Gould, 1848			
			(Bourcier, 1843)			
<i>cupripennis</i>			(Bourcier, 1843)			
			Gould, 1848			
<i>aliciae</i>			Salvin, 1896			
			(Bourcier & Mulsant, 1848)			
<i>castelnaudii</i>			Zimmer, JT, 1951			
			(Bourcier & Mulsant, 1848)			
<i>regalis</i>			(Bourcier & Mulsant, 1848)			
			(d'Orbigny, 1838)			
<i>pamela</i>			Gould, 1847			
			(Delattre & Bourcier, 1846)			
<i>Oreotrochilus</i>			Jardine, 1849			
<i>chimborazo</i>						
<i>jamesonii</i>						



BEIJA-FLORES-DE-VESTES-NEGRAS

Passaredo foi construído no CECFLORA com patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição		
<i>Oreotrochilus</i>	<i>estella</i>	<i>soderstromi</i>	Lönnberg, 1922	Andean Hillstar	Centro do Equador		
		<i>chimborazo</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Centro do Equador		
	<i>stolzmanni</i> <i>cyanolaemus</i> <i>leucopleurus</i> <i>melanogaster</i> <i>adela</i>	<i>estella</i>	(d'Orbigny, 1838)		Green-headed Hillstar	Sudoeste do Peru ao noroeste da Argentina	
		<i>bolivianus</i>	Boucard, 1893		Blue-throated Hillstar	Sudoeste do Peru, noroeste da Bolívia ao norte do Chile e noroeste da Argentina	
			Salvin, 1895		White-sided Hillstar	Centro da Bolívia	
			Somoza-Molina et al, 2018		Black-breasted Hillstar	Sul do Equador, norte e centro do Peru	
			Gould, 1847		Wedge-tailed Hillstar	Sudoeste do Equador	
			Gould, 1847			Sul da Bolívia ao sul da Argentina e Chile	
			(d'Orbigny, 1838)			Centro do Peru	
			Bonaparte, 1850			Centro da Bolívia ao noroeste da Argentina	
<i>Lafresnaya</i>	<i>lafresnayi</i>		(Boissonneau, 1840)	Mountain Velvetbreast	Oeste da Venezuela ao centro do Peru		
		<i>lirioppe</i>	Bangs, 1910		Nordeste da Colômbia		
		<i>longirostris</i>	Schuchmann, Weller & Wulfmeyer, 2003		Oeste e centro da Colômbia		
		<i>greenewalti</i>	Phelps & Phelps Jr, 1961		Noroeste da Venezuela		
		<i>lafresnayi</i>	(Boissonneau, 1840)		Centro e leste da Colômbia, noroeste da Venezuela		
		<i>saul</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Sudoeste da Colômbia, Equador e norte do Peru		
		<i>orestes</i>	Zimmer, JT, 1951		Norte do Peru		
		<i>rectirostris</i>	von Berlepsch & Stolzmann, 1902		Centro do Peru		
		<i>Coeligena</i>	<i>coeligena</i>		Lesson, R, 1833	Bronzy Inca	Norte da Venezuela ao sudeste da Bolívia
				<i>ferruginea</i>	(Lesson, R, 1833)		Oeste e centro da Colômbia
<i>columbiana</i>	(Chapman, 1917)			Leste e centro Colômbia, noroeste da Venezuela			
<i>coeligena</i>	(Elliot, DG, 1876)			Norte da Venezuela			
<i>zuliana</i>	(Lesson, R, 1833)			Nordeste da Colômbia e oeste da Venezuela			
<i>obscura</i>	Phelps & Phelps Jr, 1953			Sul da Colômbia, Equador e Peru			
<i>boliviana</i>	(von Berlepsch & Stolzmann, 1902)			Centro e sudeste da Bolívia			
<i>wilsoni</i>	(Gould, 1861)			Oeste da Colômbia ao oeste do Equador			
<i>prunellei</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)			Norte e centro da Colômbia			
<i>torquata</i>	(Bourcier, 1843)			Oeste da Venezuela e Colômbia a Bolívia			
<i>phalerata</i> <i>bonapartei</i>	<i>conradii</i>		(Boissonneau, 1840)	Collared Inca	Leste da Colômbia, noroeste da Venezuela		
	<i>torquata</i>		(Boissonneau, 1840)		Colômbia, noroeste da Venezuela, leste do Equador e norte do Peru		
	<i>fulgidigula</i>		(Gould, 1854)		Oeste do Equador		
	<i>margaretae</i>		Zimmer, JT, 1948		Norte do Peru		
	<i>eisenmanni</i>		Weske, 1985		Sul do Peru		
	<i>insectivora</i>		(Tschudi, 1844)		Centro do Peru		
	<i>omissa</i>		Zimmer, JT, 1948		Sudeste do Peru		
	<i>inca</i>		(Gould, 1852)		Bolívia		
	<i>phalerata</i>		(Bangs, 1898)	White-tailed Starfrontlet	Nordeste da Colômbia		
	<i>bonapartei</i>		(Boissonneau, 1840)	Golden-bellied Starfrontlet	Leste da Colômbia a oeste da Venezuela		
<i>orina</i> <i>helianthea</i>	<i>consita</i>	Wetmore & Phelps Jr, 1952		Nordeste da Colômbia e oeste da Venezuela			
	<i>bonapartei</i>	(Boissonneau, 1840)		Leste da Colômbia			
	<i>eos</i>	(Gould, 1848)		Oeste da Venezuela			
	<i>orina</i>	Wetmore, 1953	Dusky Starfrontlet	Norte e centro da Colômbia			
	<i>helianthea</i>	(Lesson, R, 1839)	Blue-throated Starfrontlet	Nordeste da Colômbia, oeste da Venezuela			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Coeligena</i>	<i>lutetiae</i>	<i>helianthea</i>	(Lesson, R, 1839)	Buff-winged Starfrontlet Violet-throated Starfrontlet Rainbow Starfrontlet Sword-billed Hummingbird Great Sapphirewing Giant Hummingbird Green-backed Firecrown Juan Fernandez Firecrown Orange-throated Sunangel Amethyst-throated Sunangel Longuemare's Sunangel Merida Sunangel	Norte e leste da Colômbia Oeste da Venezuela Colômbia ao Peru Colômbia e Equador Noroeste do Equador Sul do Equador ao noroeste da Bolívia Sul do Equador ao norte, centro e oeste do Peru Sul do Peru Sudeste do Peru Noroeste da Bolívia Equador, Peru Sul e centro do Equador Sul do Equador, norte do Peru Noroeste do Peru Noroeste do Peru Noroeste do Peru Norte do Peru Oeste da Venezuela ao nordeste da Bolívia Colômbia ao norte da Bolívia Norte e centro da Colômbia Centro e sul da Colômbia Equador, Peru e norte da Bolívia Sul da Colômbia ao centro do Chile Sudoeste da Colômbia ao norte do Chile e noroeste da Argentina Centro e sul do Chile, oeste e centro da Argentina Centro e sul do Chile, centro e oeste da Argentina Jua Fernandez Archipelago Robinso Crusoe I. Alejandro Selkirk I. Colômbia, Venezuela Sul do Equador ao noroeste da Bolívia Sul do Equador e norte do Peru Centro do Peru Sudeste do Peru Sul do Peru e noroeste da Bolívia Leste da Colômbia e oeste da Venezuela Nordeste da Colômbia e oeste da Venezuela Nordeste da Colômbia e noroeste da Venezuela Leste da Colômbia e oeste da Venezuela Noroeste da Venezuela
		<i>tamai</i>	Berlioz & Phelps, 1953		
		<i>albimaculata</i>	Sanchez Oses, 2006		
	<i>violifer</i>	<i>lutetiae</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		
		<i>dichrourea</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		
		<i>albicaudata</i>	Schuchmann & Zuchner, 1998		
	<i>iris</i>	<i>osculans</i>	(Gould, 1871)		
		<i>violifer</i>	(Gould, 1846)		
		<i>iris</i>	(Gould, 1853)		
		<i>hesperus</i>	(Gould, 1865)		
		<i>iris</i>	(Gould, 1853)		
		<i>aurora</i>	(Gould, 1853)		
		<i>flagrans</i>	Zimmer, JT, 1951		
	<i>ensifera</i>	<i>eva</i>	(Salvin, 1897)		
		<i>fulgidiceps</i>	(Simon, 1921)		
<i>ensifera</i>		Lesson, R, 1843			
<i>Pterophanes</i>	<i>ensifera</i>		(Boissonneau, 1840)		
	<i>cyanopterus</i>		Gould, 1849		
		<i>cyanopterus</i>	(Fraser, 1840)		
<i>Patagona</i>	<i>gigas</i>	<i>caeruleus</i>	Zimmer, JT, 1951		
		<i>peruvianus</i>	Boucard, 1895		
			Gray, GR, 1840		
<i>Sephanoides</i>	<i>fernandensis</i>	<i>gigas</i>	(Vieillot, 1824)		
		<i>peruviana</i>	Boucard, 1893		
		<i>gigas</i>	(Vieillot, 1824)		
<i>Heliangelus</i>	<i>amethysticollis</i>		Gray, GR, 1840		
		<i>sephaniodes</i>	(Lesson, R & Garnot, 1827)		
	<i>clarisse</i>	<i>fernandensis</i>	(King, PP, 1831)		
		<i>leyboldi</i> †	(King, PP, 1831)		
			(Gould, 1870)		
	<i>spencei</i>		Gould, 1848		
		<i>mavors</i>	Gould, 1848		
		<i>amethysticollis</i>	(d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)		
		<i>laticlavus</i>	Salvin, 1891		
		<i>decolor</i>	Zimmer, JT, 1951		
<i>clarisse</i>	<i>apurimacensis</i>	Weller, 2009			
	<i>amethysticollis</i>	(d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)			
		(Longuemare, 1841)			
<i>spencei</i>	<i>violiceps</i>	Phelps & Phelps Jr, 1953			
	<i>verdiscutus</i>	Phelps & Phelps Jr, 1955			
	<i>clarisse</i>	(Longuemare, 1841)			
<i>spencei</i>		(Bourcier, 1847)			

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Heliangelus</i>	<i>strophianus</i>		(Gould, 1846)	Gorgeted Sunangel	Sudoeste da Colômbia, noroeste do Equador
	<i>exortis</i>		(Fraser, 1840)	Tourmaline Sunangel	Colômbia, noroeste do Equador
	<i>micraster</i>		Gould, 1872	Flame-throated Sunangel	Equador, Peru
		<i>micraster</i>	Gould, 1872		Sudeste do Equador e norte do Peru
		<i>cutervensis</i>	(Simon, 1921)		Noroeste do Peru
		<i>viola</i>	Gould, 1853	Purple-throated Sunangel	Equador, Peru
<i>Eriocnemis</i>	<i>regalis</i>		Fitzpatrick, Willard & Terborgh, 1979	Royal Sunangel	Norte do Peru
		<i>johnsoni</i>	Graves, GR, Lane, O'Neill & Valqui, 2011		Norte do Peru
		<i>regalis</i>	Fitzpatrick, Willard & Terborgh, 1979		Norte do Peru
			Reichenbach, 1849		
	<i>nigrivestis</i>		(Bourcier & Mulsant, 1852)	Black-breasted Puffleg	Noroeste do Equador
	<i>isabellae</i>		Cortés-Diago, <i>et al</i> ; 2007	Gorgeted Puffleg	Sudoeste da Colômbia
	<i>vestita</i>		(Lesson, R, 1839)	Glowing Puffleg	Noroeste da Venezuela ao norte do Peru
		<i>paramillo</i>	(Chapman, 1917)		Noroeste da Colômbia
		<i>vestita</i>	(Lesson, R, 1839)		Leste da Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>smaragdinipectus</i>	Gould, 1868		Sudoeste da Colômbia e leste do Equador
		<i>arcosae</i>	Schuchmann, Weller & Heynen, 2001		Sul do Equador e norte do Peru
	<i>derbyi</i>		(Delattre & Bourcier, 1846)	Black-thighed Puffleg	Colômbia, noroeste do Equador
<i>godini</i>		(Bourcier, 1851)	Turquoise-throated Puffleg	Noroeste do Equador	
<i>cupreovertris</i>		(Fraser, 1840)	Coppery-bellied Puffleg	Colômbia, Venezuela	
<i>luciani</i>		(Bourcier, 1847)	Sapphire-vented Puffleg	Sudoeste da Colômbia ao oeste do Equador	
		<i>meridae</i>	Schuchmann, Weller & Heynen, 2001		Noroeste da Venezuela
		<i>luciani</i>	(Bourcier, 1847)		Sudoeste da Colômbia e norte do Equador
		<i>baptistae</i>	Schuchmann, Weller & Heynen, 2001		Centro e sul do Equador
		<i>catharina</i>	Salvin, 1897		Norte do Peru
		<i>saphiropygia</i>	Taczanowski, 1874		Centro e sul do Peru
	<i>mosquera</i>		(Delattre & Bourcier, 1846)	Golden-breasted Puffleg	Oeste da Colômbia ao noroeste do Equador
	<i>glaucopoides</i>		(d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)	Blue-capped Puffleg	Centro da Bolívia ao noroeste da Argentina
	<i>mirabilis</i>		Meyer de Schauensee, 1967	Colorful Puffleg	Oeste da Colômbia
	<i>aline</i>		(Bourcier, 1843)	Emerald-bellied Puffleg	Colômbia ao centro do Peru
		<i>aline</i>	(Bourcier, 1843)		Leste da Colômbia e leste do Equador
		<i>dybowskii</i>	Taczanowski, 1882		Norte e centro do Peru
<i>Haplophaedia</i>	<i>aureliae</i>		Simon, 1918		
			(Bourcier & Mulsant, 1846)	Greenish Puffleg	Leste do Panamá, Colômbia e Equador
		<i>floccus</i>	(Nelson, 1912)		Leste do Panamá, noroeste da Colômbia
		<i>galindoi</i>	Wetmore, 1967		Leste do Panamá
		<i>caucensis</i>	(Simon, 1911)		Oeste da Colômbia
		<i>aureliae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Centro e leste da Colômbia
		<i>russata</i>	(Gould, 1871)		Norte e centro do Equador
		<i>cutucuensis</i>	Schuchmann, Weller & Heynen, 2000		Sudeste do Equador
	<i>assimilis</i>		(Elliot, DG, 1876)	Buff-thighed Puffleg	Peru, Bolívia
		<i>affinis</i>	(Taczanowski, 1884)		Norte e centro do Peru
	<i>assimilis</i>	(Elliot, DG, 1876)		Sudeste do Peru e oeste da Bolívia	
<i>Urosticte</i>	<i>lugens</i>		(Gould, 1852)	Hoary Puffleg	Sudoeste da Colômbia ao noroeste do Equador
			Gould, 1853		

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Urosticte</i>	<i>benjamini</i>		(Bourcier, 1851)	Purple-bibbed Whitetip	Colômbia ao nordeste do Peru
	<i>ruficrissa</i>		Lawrence, 1864	Rufous-vented Whitetip	Colômbia, Equador
<i>Ocreatus</i>			Gould, 1846		
	<i>underwoodii</i>		(Lesson, R, 1832)	White-booted Racket-tail	Venezuela e Equador
		<i>polystictus</i>	Todd, 1942		Norte da Venezuela
		<i>discifer</i>	(Heine, 1863)		Nordeste da Colômbia e noroeste da Venezuela
		<i>underwoodii</i>	(Lesson, R, 1832)		Leste da Colômbia
		<i>incommodus</i>	(Kleinschmidt, O, 1943)		Oeste e centro da Colômbia
		<i>melanantherus</i>	(Jardine, 1851)		Centro e oeste do Equador
	<i>peruanus</i>		(Gould, 1849)	Peruvian Racket-tail	Leste do Equador e nordeste do Peru
	<i>addae</i>		(Bourcier, 1846)	Rufous-booted Racket-tail	Centro do Peru a Bolívia
		<i>annae</i>	(von Berlepsch & Stolzmann, 1894)		Centro e sul do Peru
		<i>addae</i>	(Bourcier, 1846)		Bolívia
<i>Lesbia</i>			Lesson, R, 1833		
	<i>victoriae</i>		(Bourcier & Mulsant, 1846)	Black-tailed Trainbearer	Nordeste da Colômbia ao sudeste do Peru
		<i>victoriae</i>	(Bourcier & Mulsant, 1846)		Norte, centro e sul da Colômbia, Equador
		<i>juliae</i>	(Hartert, 1899)		Sul do Equador, norte e centro do Peru
		<i>berlepschi</i>	(Hellmayr, 1915)		Sudeste do Peru
	<i>nuna</i>		(Lesson, R, 1832)	Green-tailed Trainbearer	Nordeste da Colômbia ao norte da Bolívia
		<i>gouldii</i>	(Loddiges, 1832)		Colômbia, oeste da Venezuela
		<i>gracilis</i>	(Gould, 1846)		Norte e centro do Equador
		<i>aureliae</i>	Weller & Schuchmann, 2004		Sul do Equador
		<i>pallidiventris</i>	(Simon, 1902)		Norte do Peru
		<i>huallagae</i>	Weller & Schuchmann, 2004		Centro do Peru
		<i>nuna</i>	(Lesson, R, 1832)		Sudoeste do Peru e norte da Bolívia
<i>Sappho</i>			Reichenbach, 1849		
	<i>sparganurus</i>		(Shaw, 1812)	Red-tailed Comet	Norte da Bolívia ao centro do Chile
		<i>sparganurus</i>	(Shaw, 1812)		Norte e centro da Bolívia
		<i>sappho</i>	(Lesson, R, 1828)		Sul da Bolívia, norte e oeste da Argentina e leste e centro do Chile
<i>Polyonymus</i>			Heine, 1863		
	<i>caroli</i>		(Bourcier, 1847)	Bronze-tailed Comet	Centro e sul do Peru
<i>Ramphomicron</i>			Bonaparte, 1850		
	<i>dorsale</i>		Salvin & Godman, 1880	Black-backed Thornbill	Nordeste da Colômbia
	<i>microrhynchum</i>		(Boissonneau, 1840)	Purple-backed Thornbill	Norte da Venezuela a Bolívia
		<i>andicola</i>	Simon, 1921		Oeste da Venezuela
		<i>microrhynchum</i>	(Boissonneau, 1840)		Colômbia, Equador e noroeste do Peru
		<i>albiventre</i>	Carriker, 1935		Centro do Peru
		<i>bolivianum</i>	Schuchmann, 1984		Centro da Bolívia
<i>Oreonympha</i>			Gould, 1869		
	<i>nobilis</i>		Gould, 1869	Bearded Mountaineer	Centro do Peru
		<i>albolimbata</i>	Berlioz, 1938		Oeste e centro do Peru
		<i>nobilis</i>	Gould, 1869		Sul e centro do Peru
<i>Oxypogon</i>			Gould, 1848		
	<i>guerinii</i>		(Boissonneau, 1840)	Green-bearded Helmetcrest	Leste da Colômbia
	<i>cyanolaemus</i>		Salvin & Godman, 1880	Blue-bearded Helmetcrest	Nordeste da Colômbia

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição		
<i>Oxypogon</i>	<i>lindenii</i>		(Parzudaki, 1845)	White-bearded Helmetcrest	Noroeste da Venezuela		
	<i>stuebelii</i>		Meyer, AB, 1884	Buffy Helmetcrest	Centro da Colômbia		
<i>Metallura</i>	<i>tyrianthina</i>		Gould, 1847	Tyrian Metaltail	Norte da Venezuela ao norte da Bolívia		
		<i>districta</i>	Bangs, 1899		Nordeste da Colômbia		
		<i>chloropogon</i>	(Cabanis & Heine, 1860)		Norte da Venezuela		
		<i>oreopola</i>	Todd, 1913		Oeste da Venezuela		
		<i>tyrianthina</i>	(Loddiges, 1832)		Centro da Colômbia, nordeste da Venezuela ao leste e sul do Equador e norte do Peru		
		<i>quitensis</i>	Gould, 1861		Noroeste do Equador		
		<i>septentrionalis</i>	Hartert, 1899		Norte do Peru		
		<i>smaragdinicollis</i>	(d'Orbigny & Lafresnaye, 1838)		Centro e sul do Peru, noroeste da Bolívia		
		<i>iracunda</i>			Wetmore, 1946	Perija Metaltail	Norte da Colômbia, Venezuela
			<i>williami</i>		(Delattre & Bourcier, 1846)		Centro da Colômbia ao sul do Equador
		<i>recisa</i>	Wetmore, 1970	Viridian Metaltail	Norte e centro da Colômbia		
		<i>primolina</i>	Bourcier, 1853		Norte do Equador e sul da Colômbia		
		<i>atrigularis</i>	Salvin, 1893		Sul do Equador		
	<i>baroni</i>		Salvin, 1893	Violet-throated Metaltail	Sul e centro do Equador		
	<i>odomae</i>		Graves, GR, 1980		Nebolina Metaltail		
	<i>theresia</i>		Simon, 1902		Coppery Metaltail		
			<i>parkeri</i>	Graves, GR, 1981	Coppery Metaltail	Norte do Peru	
<i>theresia</i>			Simon, 1902	Nordeste do Peru			
<i>eupogon</i>	<i>aeneocauda</i>		(Cabanis, 1874)	Fiery-throated Metaltail	Peru		
			(Gould, 1846)		Peru, Bolívia		
<i>Chalcostigma</i>		<i>aeneocauda</i>	(Gould, 1846)	Scaled Metaltail	Sudeste do Peru e noroeste da Bolívia		
		<i>malagae</i>	von Berlepsch, 1897		Centro da Bolívia		
	<i>phoebe</i>		(Lesson, R & Delattre, 1839)	Black Metaltail	Peru		
			Reichenbach, 1854				
	<i>ruficeps</i>	<i>olivaceum</i>		(Gould, 1846)	Rufous-capped Thornbill	Sudeste do Equador ao oeste e centro da Bolívia	
				(Lawrence, 1864)		Oeste e centro do Peru ao oeste e centro da Bolívia	
			<i>pallens</i>	Carriker, 1935	Blue-mantled Thornbill	Centro do Peru	
			<i>olivaceum</i>	(Lawrence, 1864)		Sudeste do Peru ao centro da Bolívia	
			<i>stanleyi</i>	(Bourcier, 1851)		Equador ao oeste e centro da Bolívia	
			<i>stanleyi</i>	(Bourcier, 1851)	Blue-mantled Thornbill	Equador	
<i>versigulare</i>			Zimmer, JT, 1924	Norte do Peru			
<i>vulcani</i>			(Gould, 1852)	Sul do Peru ao oeste e centro da Bolívia			
<i>heteropogon</i>	<i>herrani</i>		(Boissonneau, 1840)	Bronze-tailed Thornbill	Venezuela e Colômbia		
			(Delattre & Bourcier, 1846)		Colômbia ao norte do Peru		
		<i>tolimae</i>	Kleinschmidt, O, 1927	Rainbow-bearded Thornbill	Oeste e centro da Colômbia		
		<i>herrani</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Sul da Colômbia ao norte do Peru		
<i>Opisthoprora</i>			Cabanis & Heine, 1860				
<i>Taphrolesbia</i>	<i>euryptera</i>		(Loddiges, 1832)	Mountain Avocetbill	Colômbia ao norte do Peru		
			Simon, 1918				
<i>Agelaiocercus</i>	<i>griseiventris</i>		(Taczanowski, 1883)	Grey-bellied Comet	Noroeste do Peru		
			Zimmer, JT, 1930				
	<i>kingii</i>		(Lesson, R, 1832)	Long-tailed Sylph	Venezuela ao oeste e centro da Bolívia		

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Agelaiocercus</i>		<i>margarethae</i>	(Heine, 1863)		Norte e centro da Venezuela
		<i>caudatus</i>	(von Berlepsch, 1892)		Norte da Colômbia e oeste da Venezuela
		<i>emmae</i>	(von Berlepsch, 1892)		Centro e oeste da Colômbia, noroeste do Equador
		<i>kingii</i>	(Lesson, R, 1832)		Leste da Colômbia
		<i>mocoa</i>	(Delattre & Bourcier, 1846)		Sul da Colômbia, Equador e norte do Peru
		<i>smaragdinus</i>	(Gould, 1846)		Centro do Peru ao centro da Bolívia
		<i>berlepschi</i>	(Hartert, 1898)	Venezuelan Sylph	Nordeste da Venezuela
		<i>coelestis</i>	(Gould, 1861)	Violet-tailed Sylph	Colômbia, Equador
		<i>coelestis</i>	(Gould, 1861)		Oeste da Colômbia ao centro do Equador
		<i>aethereus</i>	(Chapman, 1925)		Sudoeste do Equador
<i>Augastes</i>	<i>scutatus</i>		Gould, 1849	Hyacinth Visorbearer	Sudeste do Brasil
		<i>scutatus</i>	(Temminck, 1824)		Sudeste do Brasil
		<i>ilseae</i>	Grantsau, 1967		Sudeste do Brasil
		<i>soaresi</i>	Ruschi, 1963		Sudeste do Brasil
<i>Schistes</i>	<i>lumachella</i>		(Lesson, R, 1839)	Hooded Visorbearer	Leste do Brasil
	<i>geoffroyi</i>		Gould, 1852	Geoffroy's Wedgebill	Leste da Colômbia, norte da Venezuela ao leste do Peru, centro da Bolívia
		<i>geoffroyi</i>	(Bourcier, 1843)		Leste da Colômbia e norte da Venezuela ao leste do Peru
		<i>chapmani</i>	Berlioz, 1941		Centro da Bolívia
	<i>albogularis</i>		Gould, 1852	White-throated Wedgebill	Oeste da Colômbia, oeste do Equador
<i>Heliothryx</i>	<i>barroti</i>		Boie, F, 1831	Purple-crowned Fairy	Sudeste do México ao sudoeste do Equador
	<i>auritus</i>		(Bourcier, 1843)	Black-eared Fairy	Amazônia
		<i>auritus</i>	(Gmelin, JF, 1788)		Sudeste da Colômbia e leste do Equador, Venezuela, Guianas e norte do Brasil
		<i>phainolaemus</i>	Gould, 1855		Norte e centro do Brasil
		<i>auriculatus</i>	(Nordmann, 1835)		Leste do Peru ao centro da Bolívia e centro e leste do Brasil
<i>Heliactin</i>	<i>bilophus</i>		Boie, F, 1831	Horned Sungem	Sul do Suriname, norte, leste e sudeste do Brasil, ao leste da Bolívia
<i>Loddigesia</i>	<i>mirabilis</i>		(Temminck, 1820)	Marvelous Spatuletail	Norte do Peru
<i>Heliomaster</i>	<i>constantii</i>		Bonaparte, 1850	Plain-capped Starthroat	
		<i>pinicola</i>	(Bourcier, 1847)		Noroeste do México
		<i>leocadiae</i>	Bonaparte, 1850		Oeste do México ao oeste da Guatemala
		<i>constantii</i>	(Delattre, 1843)		El Salvador, Nicaragua a Costa Rica
		<i>longirostris</i>	(Audebert & Vieillot, 1801)	Long-billed Starthroat	Sul do México ao leste da Bolívia e nordeste do Brasil
		<i>pallidiceps</i>	Gould, 1861		Sul do México a Nicaragua
		<i>longirostris</i>	(Audebert & Vieillot, 1801)		Costa Rica a Bolívia e Brasil, Ilha de Trindade
	<i>albicrissa</i>	Gould, 1871		Oeste do Equador, noroeste do Peru	
<i>Rhodopis</i>	<i>squamosus</i>		(Temminck, 1823)	Stripe-breasted Starthroat	Leste e sudeste do Brasil
	<i>furcifer</i>		(Shaw, 1812)	Blue-tufted Starthroat	Bolívia, sudoeste e sudeste do Brasil ao norte da Argentina, Uruguai
	<i>vesper</i>		Reichenbach, 1854	Oasis Hummingbird	Noroeste do Peru ao norte do Chile
		<i>koepckeae</i>	(Lesson, R, 1829)		Noroeste do Peru
			Berlioz, 1975		

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	Espécie em Inglês	Distribuição
<i>Rhodopis</i>		<i>vesper</i> <i>atacamensis</i>	(Lesson, R, 1829) (Leybold, 1869)		Oeste do Peru ao norte do Chile Norte do Chile
<i>Thaumastura</i>	<i>cora</i>		Bonaparte, 1850 (Lesson, R & Garnot, 1827)	Peruvian Sheartail Sparkling-tailed Woodstar	Noroeste do Peru ao norte do Chile Centro do México a Nicaragua
<i>Tilmatura</i>	<i>dupontii</i>		(Lesson, R, 1832) Reichenbach, 1854		
<i>Doricha</i>	<i>enicura</i> <i>eliza</i>		(Vieillot, 1818) (Lesson, R & Delattre, 1839)	Slender Sheartail Mexican Sheartail	Sul do México a El Salvador Sudeste do México
<i>Calliphlox</i>	<i>amethystina</i> <i>evelynae</i> <i>lyrura</i> <i>bryantae</i> <i>mitchellii</i>		Boie, F, 1831 (Boddaert, 1783) (Bourcier, 1847) (Gould, 1869) (Lawrence, 1867) (Bourcier, 1847)	Amethyst Woodstar Bahama Woodstar Inagua Woodstar Magenta-throated Woodstar Purple-throated Woodstar	widespread Bahama e Caico Is Great Inagua I. Costa Rica, Panamá Leste do Panamá ao oeste do Equador
<i>Microstilbon</i>	<i>burmeisteri</i>		Todd, 1913 (Sclater, PL, 1888)	Slender-tailed Woodstar	Centro da Bolívia ao noroeste da Argentina
<i>Calothorax</i>	<i>lucifer</i> <i>pulcher</i>		Gray, GR, 1840 (Swainson, 1827) Gould, 1859	Lucifer Sheartail Beautiful Sheartail	Sudoeste dos Estados Unidos ao centro do México Sul e centro do México
<i>Mellisuga</i>	<i>minima</i>	<i>minima</i> <i>vielloti</i>	Brisson, 1760 (Linnaeus, 1758) (Linnaeus, 1758) (Shaw, 1812)	Vervain Hummingbird	Hispaniola, Jamaica Jamaica Hispaniola e ilhas próximas Cuba
<i>Archilochus</i>	<i>helenae</i> <i>colubris</i> <i>alexandri</i>		(Lembeye, 1850) Reichenbach, 1854 (Linnaeus, 1758) (Bourcier & Mulsant, 1846)	Bee Hummingbird Ruby-throated Hummingbird Black-chinned Hummingbird	Sul, centro e sudeste do Canada, centro e leste dos Estados Unidos Sudoeste do Canada, oeste dos Estados Unidos, norte e noroeste do México
<i>Calypte</i>	<i>anna</i> <i>costae</i>		Gould, 1856 (Lesson, R, 1829) (Bourcier, 1839)	Anna's Hummingbird Costa's Hummingbird	Sudoeste do Canada, oeste dos Estados Unidos, noroeste do México Estados Unidos e México
<i>Atthis</i>	<i>heloisa</i> <i>elliotti</i>	<i>margarethae</i> <i>heloisa</i>	Reichenbach, 1854 (Lesson, R & Delattre, 1839) Moore, RT, 1937 (Lesson, R & Delattre, 1839)	Bumblebee Hummingbird	México Noroeste do México Nordeste, centro e sul do México
<i>Myrtis</i>	<i>fanny</i>	<i>elliotti</i> <i>selasphoroides</i>	Ridgway, 1878 Griscom, 1932 Reichenbach, 1854	Wine-throated Hummingbird	Sul do México a Honduras Sul do México e Guatemala Honduras
<i>Eulidia</i>	<i>yarrellii</i>	<i>fanny</i> <i>megalura</i>	(Lesson, R, 1838) (Lesson, R, 1838) Zimmer, JT, 1953	Purple-collared Woodstar	Equador, Peru Oeste e sudeste do Equador, oeste do Peru Norte do Peru
<i>Myrmia</i>			Mulsant, 1877 (Bourcier, 1847) Mulsant, 1876	Chilean Woodstar	Sul do Peru, norte do Chile

Gênero	Espécie	Subespécie	Determinador	
Myrmia Chaetocercus	<i>micrura</i>		(Gould, 1854)	
			Gray, GR, 1855	
			(Bourcier, 1843)	
			Gould, 1871	
			(Bourcier, 1840)	
		<i>heliodor</i>	(Bourcier, 1840)	
		<i>heliodor</i>	<i>cleavesi</i>	Moore, RT, 1934
		<i>astreans</i>		(Bangs, 1899)
		<i>berlepschi</i>		Simon, 1889
		<i>jourdanii</i>		(Bourcier, 1839)
Selasphorus	<i>platycercus</i>		Phelps & Phelps Jr, 1949	
			(Bourcier & Mulsant, 1846)	
		<i>rosae</i>	(Bourcier, 1839)	
		<i>jourdanii</i>	Swainson, 1832	
			(Swainson, 1827)	
			(Gmelin, JF, 1788)	
			(Lesson, R, 1829)	
			(Lesson, R, 1829)	
			<i>sedentarius</i>	Grinnell, 1929
			<i>flammula</i>	Salvin, 1865
	<i>flammula</i>	Salvin, 1865		
	<i>simoni</i>	Carriker, 1910		
	<i>torridus</i>	Salvin, 1870		
	<i>ardens</i>	Salvin, 1870		
	<i>scintilla</i>	(Gould, 1851)		
	<i>calliope</i>	(Gould, 1847)		

Espécie em Inglês	Distribuição
Short-tailed Woodstar	Oeste do Equador, noroeste do Peru
White-bellied Woodstar	Colômbia ao centro da Bolívia
Little Woodstar	Sudoeste da Colômbia ao norte e centro do Peru
Gogeted Woodstar	Venezuela ao oeste do Equador
	Oeste do Equador ao noroeste da Venezuela
	Nordeste do Equador
Santa Marta Woodstar	Nordeste da Colômbia
Esmeraldas Woodstar	Oeste do Equador
Rufous-shafted Woodstar	Norte da Venezuela, norte da Colômbia
	Nordeste da Colômbia, oeste da Venezuela
	Norte da Venezuela
	Nordeste da Venezuela, Ilha de Trindade
Broad-tailed Hummingbird	Oeste e centro dos Estados, México, oeste da Guatemala
Rufous Hummingbird	Sudeste do Alaska, oeste do Canadá e noroeste dos Estados Unidos
Allen's Hummingbird	
	Estados Unidos
	Estados Unidos
Volcano Hummingbird	Costa Rica, oeste do Panamá
	Costa Rica
	Costa Rica
	Costa Rica, oeste do Panamá
Glow-throated Hummingbird	Oeste e centro do Panamá
Scintillant Hummingbird	Norte e centro da Costa Rica, oeste do Panamá
Calliope Hummingbird	Sudoeste do Canadá, oeste dos e Estados Unidos

Observações: Tabela Beija-flores do mundo

1. *Phaethornis malaris moorei* – Segundo CBRO moorei é subespécie de *Phaethornis superciliosus*.
2. *Phaethornis malaris ochraceiventris* – Segundo CBRO *ochraceiventris* é subespécie de *Phaethornis superciliosus*.
3. *Phaethornis superciliosus* – O CBRO também considera a subespécie *insignis*.
4. *Phaethornis ruber* – CBRO também considera a subespécie *pygmaeus*.
5. *Phaethornis* – CBRO considera a espécie *maranhaensis*
6. *Phaethornis malaris* – CBRO lista 6 subespécies
7. *Phaethornis malaris margarettae* – CBRO considera *margarettae* uma espécie com duas subespécies (*camargoi* e *margarettae*)
8. *Colibri delphinae* – segundo CBRO é monotípico.
9. *Thalurania furcata* – CBRO também considera a subespécie *rupicola*.
10. *Amazilia fimbriata* – CBRO também considera a subespécie *alia*.



ESPÉCIES E SUBESPÉCIES

Beija-flores do Brasil



Subfamília Florisuginae – topázios e afins

Englobam as duas espécies do gênero *Florisuga* e duas *Topaza*.

Gênero *Florisuga* 2 espécies

Com grande mancha nugal branca ou uma faixa nugal de penas brancas com pontas escuras ou todo preto; cauda com as retrizes brancas, marginadas na ponta de preto.

Florisuga mellivora (Linnaeus, 1758)

Nome em português: Beija-flor-azul-de-rabo-branco

Nome em inglês: White-necked Jacobin

Tamanho: 11 cm

Morfologia: Macho com a cabeça e peito azul-brilhante; nuca com grande mancha branca; lado dorsal verde; centro da barriga e infracaudais brancas; as retrizes laterais brancas com as bordas nas pontas pretas; fêmea com a cabeça marrom-bronzeada-escura; as penas da garganta marginadas de branco dando aspecto escamoso; centro da barriga e pontas das retrizes laterais brancas; penas da faixa nugal brancas com bordas escuras.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil, *Florisuga mellivora mellivora*

Distribuição e biogeografia: Sul do México até Panamá e Colômbia para o sul até oeste do Equador, sudeste do Peru e norte da Bolívia e para o leste até Venezuela, Trinidad, Guianas e Amazônia do norte do Brasil para o sul até o Maranhão e Mato Grosso. Estados Brasileiros: Amazonas; Pará, Amapá, Maranhão e Mato Grosso.

Habitat: FG, FC, TF, MV, MT, MI, MR, FP, T, IF

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Florisuga fusca (Vieillot, 1817)

Nome em português: Beija-flor-preto •

Nome em inglês: Black Jacobin

Tamanho: 12-13 cm

Morfologia: Adulto preto com retrizes laterais brancas na ponta e bordas pretas; juvenil com região malar marrom-avermelhado.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Sudeste do Paraguai, norte do Uruguai, nordeste da Argentina e nordeste, sudeste e sul do Brasil desde Pernambuco e Minas Gerais para o sul até o Rio Grande do Sul. Estados Brasileiros: Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Habitat: FA, FM, FS, R

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Topaza* 2 espécies

Gênero com as maiores espécies do Brasil; macho com duas retrizes estreitas e alongadas com o dobro do comprimento das demais, cruzando-se no meio; fêmeas verdes com a garganta avermelhada.

Topaza pella (Linnaeus, 1758)

Nome em português: Beija-flor-brilho-de-fogo

Nome em inglês: Crimson Topaz

Tamanho: 21-22 cm

Morfologia: Quem possui mais de 12 cm não tem as retrizes alongadas; macho com o bico e a cabeça frontalmente pretos; garganta verde-ouro-alaranjada-brilhante; lado ventral vermelho-brilhante; pés com calções brancos; fêmea verde-bronze-dourada com uma mancha gular avermelhada.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Três subespécies no Brasil: *Topaza pella pella*, *Topaza pella smaragdulus* e *Topaza pella microrhyncha*

Distribuição e biogeografia: *Topaza p. pella* ocorre no sudeste da Venezuela, Guianas e Brasil no Amapá, Pará, Roraima, Rondônia, Amazonas, ao norte do Rio Amazonas. *Topaza p. microrhyncha* ocorre no nordeste da Amazônia brasileira, na margem sul do baixo rio Amazonas no estado do Pará, na Ilha de Marajó até o leste do Rio Tocantins. *Topaza p. smaragdulus* ocorre na Guiana Francesa e norte do Brasil, no Amapá e região central do estado do Pará do rio Tapajós até o rio Xingu.

Habitat: MI, MR, IF, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Topaza pyra (Gould, 1846)

Nome em português: Topázio-de-fogo

Nome em inglês: Fiery Topaz

Tamanho: 21-22 cm

Morfologia: Quem tem mais de 12 cm, não apresenta as retrizes alongadas; macho semelhante ao *T. pella*, mas mais escuro; cabeça preta com a garganta ouro-brilhante; lado ventral vermelho-brilhante; cauda com as retrizes laterais púrpurea-enebrecidas; calções branco e preto; fêmea verde-dourada com a mancha gular avermelhada; cauda com as retrizes laterais púrpurea-enebrecidas.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil *Topaza pyra pyra*

Distribuição e biogeografia: Noroeste do Brasil no lado norte do rio Amazonas. Sudeste da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru, sul da Venezuela. Estados: Amazonas.

Habitat: MI, MR, CA, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Subfamília Phaethornithinae – os ermitões

Apresentam plumagem discreta, comumente em tons de marrom, cinza e cor de ferrugem.

Gênero *Ramphodon* 1 espécie

Comprimento do bico quase duas vezes o comprimento da cabeça, com ponta do gancho mais ou menos fortemente curvado (macho); cúlmen comprimido na base; cauda bastante arredondada; sem partes plumárias de brilho intensa; sexos muito semelhantes.

Ramphodon naevius (Dumont, 1818)

Nome em português: Beija-flor-rajado •

Nome em inglês: Saw-billed Hermit

Tamanho: 13-16 cm

Morfologia: Lado dorsal marrom-escuro com brilho de cobre; lado ventral rajado branco ou ocre-pálido e preto; lados do pescoço ocre-avermelhados; retrizes com largas pontas ocre.

Status e sazonalidade: Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Sudeste e sul do Brasil desde o Espírito Santo e Minas Gerais para o sul até o Rio Grande do Sul. Estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Habitat: FA, R, AA

Conservação: Mundial: NT Brasil: LC

Gênero *Glaucis* 2 espécies

Bico comprido e curvado para baixo; cauda arredondada; lado dorsal verde-bronzeado; lado ventral marrom-avermelhado; sexos iguais.

Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852)

Nome em português: Balança-rabo-canela •

Nome em inglês: Hook-billed Hermit

Tamanho: 13-14 cm

Morfologia: Lado dorsal verde-bronze; lado ventral canela; cauda verde-bronze com pontas brancas.

Status e sazonalidade: Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica

Taxonomia: Monotípico.

Distribuição e biogeografia: Sudeste do Brasil desde o sul da Bahia até o Rio de Janeiro. Estados: Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Habitat: FA

Conservação: Mundial e Brasil: EN

Glaucis hirsutus (Gmelin, JF, 1788)

Nome em português: Balança-rabo-de-bico-torto •

Nome em inglês: Rufous-breasted Hermit

Tamanho: 11-13 cm

Morfologia: Lado dorsal verde-bronze; lado ventral marrom-avermelhado; cauda com retrizes centrais verde-escuras com ponta branca, as laterais marrom-avermelhadas com faixa subterminal preta e nas pontas brancas.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil, *Glaucis hirsutus hirsutus*

Distribuição e biogeografia: *Glaucis h. hirsutus* ocorre no Panamá, Colômbia a oeste dos Andes, norte e leste da Venezuela, Guianas, centro da Bolívia e a maior parte do Brasil para o sul até o Mato Grosso e São Paulo.

Habitat: FA, FC, TF, MV, MT, MI, MR, FP, PA

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Threnetes* 2 espécies

Bico comprido e levemente curvado para baixo; cauda arredondada e um pouco recortada; mento com mancha preta; plumagem sem parte de brilho forte; sexos semelhantes.

Threnetes niger (Linnaeus, 1758)

Nome em português: Balança-rabo-escuro

Nome em inglês: Sooty Barbthroat

Tamanho: 12 cm

Morfologia: Lado dorsal pardo-escuro com leve brilho verde-bronze; lados da cabeça e garganta pretas separadas por uma faixa malar esbranquiçada; lado ventral fumaça-escuro; cauda uniformemente preto-bronzeada; maxila e ponta da mandíbula preta; resto da mandíbula esbranquiçada; pés marrom-claros.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil, *Threnetes niger loehkeni*

Distribuição e biogeografia: Extremo norte do Brasil no nordeste do Pará e Amapá

Habitat: TF

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Threnetes leucurus (Linnaeus, 1766)**Nome em português:** Balança-rabo-de-garganta-preta**Nome em inglês:** Pale-tailed Barbthroat**Tamanho:** 11-13 cm**Morfologia:** Lado dorsal, lados do pescoço e flancos verde-bronze; região auricular e peito marrom-escuro; mento preto; garganta ocre-avermelhada; barriga marrom-cinza lavada de ocre; retrizes centrais verde-bronze com as pontas brancas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Três subespécies no Brasil: *Threnetes leucurus cervinicauda*, *Threnetes leucurus leucurus* e *Threnetes leucurus medianus***Distribuição e biogeografia:** *Threnetes l. cervinicauda* ocorre no leste da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste do Brasil. Estados: Amazonas. *Threnetes l. leucurus* ocorre no sul da Venezuela, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Roraima e Pará. *Threnetes l. medianus* ocorre no norte do Brasil ao sul do Rio Amazonas. Estados: Pará e Maranhão.**Habitat:** TF, MV, MT**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Anopetia* 1 espécieDevido ao formato da cauda e a maxila serem diferentes, o rabo-branco-de-cauda-larga é tratado neste gênero, mas outras características como seu ninho, indica que provavelmente deva ser incluído aos *Phaethornis*.***Anopetia gounellei*** (Boucard, 1891)**Nome em português:** Rabo-branco-de-cauda-larga**Nome em inglês:** Broad-tipped Hermit**Tamanho:** 11-12,6 cm**Morfologia:** Maxila alargada na base encobrindo toda a mandíbula. Consta que o macho exibe a cor amarela do bico somente no período reprodutivo.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico.**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no nordeste do Brasil. Estados: Ceará, sul do Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, oeste da Bahia e nordeste de Minas Gerais. Único beija-flor que ocorre exclusivamente na Caatinga.**Habitat:** FM, CAA**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Phaethornis*

18 espécies no Brasil

Bico mais do que duas vezes o comprimento da cabeça, quase reto ou curvado para baixo, fêmea tem o bico mais curvado do que o macho; cauda graduada com as retrizes centrais, às vezes, alongadas; sexos semelhantes; plumagem sem brilho forte.

Phaethornis hispidus (Gould, 1846)**Nome em português:** Rabo-branco-cinza**Nome em inglês:** White-bearded Hermit**Tamanho:** 14-15 cm**Morfologia:** Faixa superciliar, malar, jugular e as penas da garganta esbranquiçadas; pontas das retrizes laterais brancas; lado ventral cinza com o centro da barriga esbranquiçado; lados da garganta mais escuros; mandíbula amarela.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico.**Distribuição e biogeografia:** Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, nordeste da Bolívia e oeste do Brasil ao sul do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Acre, Rondônia e Mato Grosso.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, B, C, CA, CE, AA, PA, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis superciliosus*** (Linnaeus, 1766)**Nome em português:** Rabo-branco-de-bigodes**Nome em inglês:** Long-tailed Hermit**Tamanho:** 15 cm**Morfologia:** Lado ventral ocre forte, lados da garganta e do pescoço lavados cinza e as infracaudais esbranquiçadas; pés carne-escuros.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Cinco subespécies no Brasil: *Phaethornis s. superciliosus*, *Phaethornis s. muelleri*, *Phaethornis s. moorei*, *Phaethornis s. ochraceiventris* e *Phaethornis s. insignis*. *Phaethornis s. superciliosus* canta uma sequência de notas estaladas; *muelleri* canta repetindo uma nota mais assobiada; *moorei* tem o canto com notas duplas ou triplas, mais graves e moduladas; *insignis* emite uma nota com uma terminação vibrada e rouca e *ochraceiventris* repete uma nota grave e limpa, com modulação descendente na metade final.**Distribuição e biogeografia:** *Phaethornis s. superciliosus* ocorre no sul da Venezuela, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amapá, Pará e Roraima. *Phaethornis s. muelleri* ocorre no norte do Brasil ao sul da Amazônia no norte do Pará e Maranhão. *Phaethornis s. moorei* ocorre no noroeste amazônico (oeste do Rio Negro), *Phaethornis s. ochraceiventris* ocorre no oeste do rio Madeira e *Phaethornis s. insignis* ocorre entre os rios Madeira e Tapajós.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Phaethornis philippii (Bourcier, 1847)**Nome em português:** Rabo-branco-amarelo**Nome em inglês:** Needle-billed Hermit**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Bico reto ou quase reto com maxila cor de carne-amarelada; lado ventral e as retrizes laterais com pontas ocreas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Leste do Peru, norte da Bolívia e oeste do Brasil ao sul do Rio Amazonas até a margem oeste do Rio Tapajós. Estados: Amazonas.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis bourcieri*** (Lesson, R, 1832)**Nome em português:** Rabo-branco-de-bico-reto**Nome em inglês:** Straight-billed Hermit**Tamanho:** 13-14 cm**Morfologia:** Bico reto ou quase reto com maxila amarelo-alaranjada; lado ventral cinza lavado de ocre nos flancos; retrizes laterais com as pontas esbranquiçadas ou ocráceas muito pálidas. A cor da mandíbula de *Phaethornis bourcieri major* é vermelho-carmim e seu canto é uma sequência de notas curtas alternadas e de alta amplitude, uma forte, outra mais discreta. O canto de *Phaethornis bourcieri bourcieri* é uma repetição de frases complexas de diferentes notas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil: *Phaethornis bourcieri bourcieri* e *Phaethornis bourcieri major***Distribuição e biogeografia:** Desde o sudeste da Colômbia até as Guianas e para o sul até o nordeste do Peru e Amazônia do norte do Brasil. Estados: Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.**Habitat:** TF, MT**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis eurynome*** (Lesson, R, 1832)**Nome em português:** Rabo-branco-de-garganta-rajada •**Nome em inglês:** Scale-throated Hermit**Tamanho:** 14-14,5 cm**Morfologia:** Penas da garganta escuras marginadas esbranquiçadas lembrando escamas; peito cinza e barriga ocre; retrizes com as pontas brancas; mandíbula amarela.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil: *Phaethornis eurynome eurynome* e *Phaethornis eurynome paraguayensis***Distribuição e biogeografia:** *Phaethornis e. eurynome* ocorre no sudeste e sul do Brasil desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. Estados: Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. *Phaethornis e. paraguayensis* ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina, e extremo sul do Brasil. Estados: Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, MA, FS**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis pretrei*** (Lesson, R & Delattre, 1839)**Nome em português:** Rabo-branco-acanelado •**Nome em inglês:** Planalto Hermit**Tamanho:** 14-17 cm**Morfologia:** Lado ventral ocre-avermelhado-claro; supracaudais marrom-avermelhadas; lados do pescoço marrom-cinzentos; pontas das retrizes branco-puras. É confundido com o rabo-branco-de-garganta-rajada em regiões que colonizou da Mata Atlântica, porém tem a mandíbula vermelha, o uropígio (ferrugíneo) e as costas (verdes) se contrastam e a cauda quando aberta tem formato de leque e as penas da cauda são mais marcadas de branco.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico.**Distribuição e biogeografia:** Leste da Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e centro-leste do Brasil. Tem expandido sua distribuição por causa do desmatamento, tendo chegado ao Rio Grande do Sul e Pará.**Habitat:** FM, FG, FC, MA, FS, R, C, B, CAA, CE, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Phaethornis augusti (Bourcier, 1847)**Nome em português:** Rabo-branco-cinza-claro**Nome em inglês:** Sooty-capped Hermit**Tamanho:** 15-17 cm**Morfologia:** Alto da cabeça e lados do pescoço marrom-cinzentos; dorso verde-bronze; as penas do uropígio e supra-caudais com largas bordas marrom-avermelhadas; superciliar e estria malar brancas; lado ventral cinza-claro; pontas das retrizes brancas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Phaethornis augusti incanescens***Distribuição e biogeografia:** Ocorre nas montanhas isoladas no sul da Venezuela, oeste da Guiana britânica e extremo norte do Brasil em Roraima (Serra do Tepequem). Estados: Roraima.**Habitat:** T, C, CA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis subochraceus*** Todd, 1915**Nome em português:** Rabo-branco-de-barriga-fulva**Nome em inglês:** Buff-bellied Hermit**Tamanho:** 11-12 cm**Morfologia:** Faixas superciliar e malar brancas como todas as pontas das retrizes; lado ventral ocre cor de areia com a garganta mais escura; maxila amarela.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico.**Distribuição e biogeografia:** Nordeste da Bolívia e sudoeste do Brasil. Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.**Habitat:** FM, PA**Conservação:** Mundial: LC Brasil: DD***Phaethornis squalidus*** (Temminck, 1822)**Nome em português:** Rabo-branco-pequeno •**Nome em inglês:** Dusky-throated Hermit**Tamanho:** 10-11 cm**Morfologia:** Lado ventral ferrugíneo-sujo; mento escamado enegrecido; faixa superciliar e malar ocre-esbranquiçadas; os dois pares externos das retrizes com as pontas marrom-avermelhadas-pálidas; o restante com as pontas brancas; maxila amarela.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico.**Distribuição e biogeografia:** Sudeste e sul do Brasil desde Minas Gerais e Espírito Santo para o sul até Santa Catarina. Estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.**Habitat:** FA, MA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis rupurumii*** Boucard, 1892**Nome em português:** Rabo-branco-rupununi**Nome em inglês:** Streak-throated Hermit**Tamanho:** 10-11 cm**Morfologia:** Semelhante ao *P. squalidus*, mas com a barriga esbranquiçada e faixa superciliar e malar ocre; supracaudais com largas bordas ocre-avermelhadas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil: *Phaethornis rupurumii rupurumii* e *Phaethornis rupurumii amazonicus***Distribuição e biogeografia:** *Phaethornis r. rupurumii* ocorre no leste da Colômbia, centro e leste da Venezuela, oeste da Guiana britânica e extremo norte do Brasil. Estados: Roraima. *Phaethornis r. amazonicus* ocorre no norte do Brasil, no vale do baixo Rio Amazonas (ambas as margens) no Pará e Amapá. Estados: Amazonas, Pará e Amapá.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, FP, T**Conservação:** Mundial: LC



TOPETINHO-VDERDE

Pesando cerca de 3 gramas o *Lophornis chalybeus*
vive em florestas úmidas e bordas de matas.

Phaethornis idaliae (Bourcier & Mulsant, 1856)**Nome em português:** Rabo-branco-mirim •**Nome em inglês:** Minute Hermit**Tamanho:** 8-9 cm**Morfologia:** Faixas superciliar e malar ocre-claras; lados da cabeça e mento marrom-enebrecidos; garganta castanho-escuro; restante do lado ventral cinza; infracaudais esbranquiçadas; cauda arredondada, verde-bronze-escuro com as retrizes laterais com estreita margem branca; maxila amarela; fêmea com o lado ventral ocre; cauda mais comprida e coniforme; as retrizes centrais as mais compridas e largas com as pontas brancas e laterais com as pontas ocre-esbranquiçadas.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Sudeste do Brasil desde o sul da Bahia e leste de Minas Gerais para o sul até o Rio de Janeiro. Estados: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.**Habitat:** FA, R**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis nattereri*** Berlepsch, 1887**Nome em português:** Besourão-de-sobre-amarelo**Nome em inglês:** Cinnamon-throated Hermit**Tamanho:** 11 cm**Morfologia:** Semelhante ao *P. maranhaoensis*, mas com o mento mais claro do que o peito; supracaudais com as bordas marrom-avermelhadas-claras; cauda com as penas centrais alongadas com largas pontas brancas; os pares laterais com largas pontas ocre-avermelhadas; maxila amarela.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Leste da Bolívia e sudoeste do Brasil. Estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.**Habitat:** FM, MT, C, CE**Conservação:** Mundial: LC Brasil: DD***Phaethornis ruber*** (Linnaeus, 1758)**Nome em português:** Rabo-branco-rubro •**Nome em inglês:** Reddish Hermit**Tamanho:** 9 cm**Morfologia:** Faixa superciliar, garganta e centro da barriga ocre-claro; restante do lado ventral e uropígio marrom-avermelhados; peito com pequenas manchas pretas; cauda marrom-escuro com as retrizes nas pontas e barba externa ocre.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há quatro subespécies no Brasil: *Phaethornis ruber episcopus*, *Phaethornis ruber ruber*, *Phaethornis ruber nigricinctus* e *Phaethornis ruber pygmaeus***Distribuição e biogeografia:** *Phaethornis r. ruber* ocorre no Suriname, Guiana Francesa, sudeste do Peru, norte da Bolívia e norte e nordeste do Brasil nos seguintes estados: Amazonas, Pará, Amapá, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo. *Phaethornis r. episcopus* ocorre no leste e sul da Venezuela, Guiana Britânica e noroeste do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Roraima. *Phaethornis r. pygmaeus* ocorre no sudeste e sul do Brasil desde o Espírito Santo até o Paraná. Estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. *Phaethornis r. nigricinctus* ocorre no leste e sul da Colômbia, extremo sudoeste da Venezuela para o leste do Equador, nordeste do Peru e noroeste do Brasil.**Habitat:** FA, FM, FC, R, TF, MV, MT, MI, MR, FP, T, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis aethopygus*** Zimmer, 1950**Nome em português:** Rabo-branco-do-tapajós**Nome em inglês:** Tapajos Hermit**Tamanho:** 9,5-9,8 cm**Morfologia:** Faixa superciliar branca; lado ventral marrom-avermelhado-escuro com a garganta preta ou quase preta; retrizes laterais com a barba externa na parte basal brancas formando duas faixas brancas laterais na cauda fechada; fêmea com o lado ventral mais claro, garganta cinza.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no norte do Brasil no Rio Tapajós desde o Rio Cururu até Santarém no Pará. Estados: Pará.**Habitat:** MI, MR, IF, H,O**Conservação:** Mundial e Brasil: VU

Phaethornis griseogularis Gould, 1851**Nome em português:** Rabo-branco-de-garganta-cinza**Nome em inglês:** Grey-chinned Hermit**Tamanho:** 9 cm**Morfologia:** Mento cinza; lado ventral ocre-claro; peito com uma pequena mancha preta; retrizes laterais quase pretas com as pontas marginadas de marrom-ocre-claro; as centrais verde-bronzeadas-enegrecidas com pontas branco-acinzentadas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há uma subespécie no Brasil *Phaethornis griseogularis griseogularis***Distribuição e biogeografia:** Ocorre na Colômbia, Equador, norte do Peru, sul e sudeste da Venezuela e extremo norte do Brasil em Roraima. Estados: Roraima.**Habitat:** T**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis maranhaoensis*** Grantsau, 1968**Nome em português:** Rabo-branco-do-maranhão**Nome em inglês:** Maranhao Hermit**Tamanho:** 11 cm**Morfologia:** Faixas superciliar e malar e centro da barriga ocre pálidos; restante do lado ventral ocre com o mento mais escuro do que o peito; supracaudais verde-bronzeadas com estreitas bordas marrom-avermelhadas; cauda com as retrizes iguais graduadas; as pontas dos dois pares centrais brancas e das laterais ocre-avermelhadas-escuras; maxila amarela.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no norte do Brasil no Maranhão, Tocantins e extremo norte de Mato Grosso.**Habitat:** CE, CAA, FC**Conservação:** Brasil: LC***Phaethornis malaris*** (Nordmann, 1835)**Nome em português:** Besourão-de-bico-grande**Nome em inglês:** Great-billed Hermit**Tamanho:** 16-18 cm**Morfologia:** Maior espécie do gênero com o bico maior que 44 mm e com a mandíbula vermelha; lado dorsal verde-bronzado com as penas borradas escuras; penas do uropígio e supracaudais com bordas ocre; faixas superciliar, malar e barriga ocre-pálidas; estria do mento esbranquiçada e estreita; lados do mento e da garganta enegrecidos; infra-caudais ocre com estria central escura; retrizes laterais com as bordas da ponta ocre; pés marrom-amarelados.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no Suriname, Guiana Francesa e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas no Amazonas, Pará e Amapá.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Phaethornis margarettae*** Ruschi, 1972**Nome em português:** Rabo-branco-de-margarette •**Nome em inglês:** Margaretta's Hermit**Tamanho:** 17 cm**Morfologia:** Ambos os sexos possuem plumagem semelhantes. Faixa superciliar, malar, jugular, barriga, infra-caudais e as pontas das retrizes laterais fortemente ocre-avermelhados; maxila vermelha. *Phaethornis margarettae camargoi* tem coloração mais pálida.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica**Taxonomia:** Há duas subespécies no Brasil: *Phaethornis margarettae camargoi* e *Phaethornis margarettae margarettae***Distribuição e biogeografia:** Sua descrição ocorreu originalmente no Espírito Santo, porém pode estar extinto nesse estado. Registros recentes somente nas florestas de baixada do litoral baiano e de maneira disjunta na Mata Atlântica de Alagoas e Pernambuco.**Habitat:** FA**Conservação:** Brasil: EN

Subfamília Polytminae - os mangos

Reúnem principalmente os beija-flores campestres (*Augastes*, *Colibri*, *Polytmus*, *Heliactin* e em parte, *Chrysolampis*) e alguns florestais e de bordas (*Heliathryx*, *Avocettula* e *Anthracothorax*).

Gênero *Doryfera* 1 espécie

Bico comprido mais de duas vezes o comprimento da cabeça, pontiagudo e reto; cauda curta e arredondada; cores do corpo opacas, com leve brilho no lado dorsal; cabeça com a fronte fortemente brilhante.

Doryfera johannae (Bourcier, 1847)

Nome em português: Bico-de-lança

Nome em inglês: Blue-fronted Lancebill

Tamanho: 9,5-10 cm

Morfologia: Macho com escudo frontal azul fortemente brilhante; lado ventral preto com vislumbre azulado; cauda azul-aço com pontas mais claras; fêmea com escudo frontal verde-azulado; lado ventral verde-sujo até verde-oliva-acinzentado.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil *Doryfera johannae guianensis*

Distribuição e biogeografia: Ocorre no sudeste da Venezuela, sul da Guiana Britânica e extremo norte do Brasil no extremo norte de Roraima.

Habitat: T

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Colibri* 3 espécies

Todas as espécies desse gênero têm nos lados do pescoço penas brilhantes em azul, violeta ou violeta-avermelhada; a garganta verde-brilhante com centro escuro nas penas; bico forte, nitidamente serrilhado na ponta.

Colibri delphinae (Lesson, R, 1839)

Nome em português: Beija-flor-marrom •

Nome em inglês: Brown Violetear

Tamanho: 11-12 cm

Morfologia: Plumagem geral pardo-amarronzada, penas da garganta verde-brilhante e “orelhas” azul-violeta. Machos e fêmeas são quase idênticos, porém os machos são um pouco maiores e a fêmea tem coloração um pouco mais pálida.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: *Colibri delphinae delphinae* e *Colibri delphinae greenewalti*

Distribuição e biogeografia: Apresenta um dos padrões mais singulares de distribuição geográfica entre todos os beija-flores. *Colibri d. delphinae* ocorre na Guatemala e Belize até Colômbia então para o sul até oeste do Equador, leste do Peru e norte da Bolívia e para o leste até a Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana Britânica e extremo norte do Brasil em Roraima. *Colibri d. greenewalti* ocorre no leste do Brasil no centro-sul da Bahia na Serra do Sincorá na Chapada Diamantina.

Habitat: T, C

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Colibri coruscans (Gould, 1846)

Nome em português: Sparkling Violetear

Nome em inglês: Beija-flor-violeta

Tamanho: 13-14 cm

Morfologia: Verde-brilhante com o mento, lados do pescoço e a barriga azul-violeta-brilhante; infra-caudais verdes.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Uma subespécie no Brasil *Colibri coruscans germanus*

Distribuição e biogeografia: Norte do Brasil no lado norte do Rio Amazonas. Ocorre no sul da Venezuela, sudoeste da Guiana Britânica e extremo norte do Brasil, em Roraima.

Habitat: T, C

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Colibri serrirostris (Vieillot, 1816)

Nome em português: Beija-flor-de-orelha-violeta •

Nome em inglês: White-vented Violetear

Tamanho: 11-12,5 cm

Morfologia: Apresenta “orelhas” violetas e branco no baixo ventre e no crisso. A fêmea é mais pálida que o macho, e as penas pós-auriculares apresentam destaque menor.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Leste da Bolívia, centro do Paraguai, norte da Argentina e sudoeste, sudeste e sul do Brasil. Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Habitat: FM, FG, FC, MA, FS, B, C, CA, CE, AA, PA, IF, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Anthracothorax* 2 espécies

Bico quase o dobro do comprimento da cabeça e levemente curvado; a cauda tem mais ou menos a metade do comprimento da asa, larga e um pouco recortada; machos com a barriga preta; fêmea com o lado ventral branco com larga faixa mediana preta.

***Anthracothorax viridigula* (Boddaert, 1783)**

Nome em português: Beija-flor-de-veste-verde

Nome em inglês: Green-throated Mango

Tamanho: 11-12,5 cm

Morfologia: Macho é semelhante ao *A. nigracollis*, mas com a garganta verde-luminosa; peito e centro da barriga pretos; fêmea semelhante a fêmea de *A. nigracollis*, porém com quatro pares de retrizes laterais com púrpura-avermelhada.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Ocorre no nordeste da Venezuela, Trinidad, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas no Amapá, norte do Pará e norte do Maranhão.

Habitat: MI, MR, M, IF, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

***Anthracothorax nigracollis* (Vieillot, 1817)**

Nome em português: Beija-flor-de-veste-preta •

Nome em inglês: Black-throated Mango

Tamanho: 11,6-11,7 cm

Morfologia: Macho com o lado dorsal verde-bronze-dourado; lado ventral preto; retrizes laterais vermelho-escuras com brilho violeta e as pontas com bordas azul-azul-escurecidas; fêmea com o lado ventral branco com uma faixa larga preta do mento até o crisso; os três pares externos de retrizes com marrom-avermelhado.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Ocorre no oeste do Panamá e Colômbia para leste até Trinidad e Tobago e Guianas e para o sul até Peru, leste da Bolívia, Paraguai, nordeste da Argentina e em todo o Brasil.

Habitat: FA, FM, FG, FC, MA, FS, R, MR, T, B, C, CA, CE, AA, PA, M, IF, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Avocettula* 1 espécie

Espécie pequena com a ponta do bico curvado para cima; cauda arredondada.

***Avocettula recurvirostris* (Swainson, 1822)**

Nome em português: Beija-flor-de-bico-virado

Nome em inglês: Fiery-tailed Aowlbill

Tamanho: 9-10 cm

Morfologia: Macho com coloração semelhante ao *Anthracothorax* com a garganta verde-brilhante e a cauda vermelho-brilhante; fêmea semelhante à fêmea de *Anthracothorax*, porém com a cauda ventralmente preto brilhando azul-azul com as pontas brancas.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Ocorre no sudeste da Venezuela, Guianas, leste do Equador e Amazônia do norte e nordeste do Brasil. Estados: Amapá, Pará, Roraima, Maranhão e Piauí.

Habitat: FC, R, TF, MR, T, CE, IF

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Chrysolampis* 1 espécie

Bico quase reto; plumagem da frente estende-se até a metade do cúlmen, cobrindo as narinas; cauda arredondada com retrizes largas.

***Chrysolampis mosquitus* (Linnaeus, 1758)**

Nome em português: Beija-flor-vermelho •

Nome em inglês: Ruby-topaz Hummingbird

Tamanho: 9-10 cm

Morfologia: Macho com o alto da cabeça vermelho-rubi-brilhante; garganta até alto do peito ouro-avermelhada até topázio brilhante; corpo marrom-escuro; cauda marrom-avermelhada com as pontas das retrizes marginadas escuras; fêmea sem partes brilhantes, com lado ventral cinza; cauda com vermelho-castanho com faixa subterminal preta e pontas brancas.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Leste do Panamá e oeste, norte e centro da Colômbia para leste através da Venezuela até as Guianas e para o sul através do nordeste e centro do Brasil até leste da Bolívia; também ocorre nas Ilhas ao longo da costa norte desde Aruba, Curaçao e Bonaire para leste até Trinidad e Tobago. Estados brasileiros: Amapá, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Tocantins, Goiás, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Habitat: FM, FG, FC, R, B, C, CA, CAA, CE, AA, PA

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Polytmus* 2 espécies

Bico ligeiramente curvado para baixo; cauda fortemente arredondada; cores predominantemente verde ou verde-ouro brilhante.

Polytmus guainumbi (Pallas, 1764)

Nome em português: Beija-flor-de-bico-curvo •

Nome em inglês: White-tailed Goldenthrout

Tamanho: 11-12 cm

Morfologia: Todo verde-brilhante com a garganta e peito mais cintilantes; as retrizes com a barba externa e as pontas brancas.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Duas subespécies no Brasil *Polytmus guainumbi guainumbi* e *Polytmus guainumbi thaumantias*

Distribuição e biogeografia: *Polytmus g. guainumbi* ocorre no sul da Venezuela, Guianas, Trinidad e extremo norte do Brasil em Roraima e Amapá. *Polytmus g. thaumantias* ocorre no leste da Bolívia, leste do Paraguai, nordeste da Argentina e nordeste, centro-oeste e sudeste do Brasil em Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Habitat: B, C, CAA, CE, AA, PA, M, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Polytmus theresiae (Da Silva Maia, 1843)

Nome em português: Beija-flor-verde

Nome em inglês: Green-tailed Goldenthrout

Tamanho: 9,9-10 cm

Morfologia: Lado dorsal verde-bronze-brilhante; lado ventral verde-grama-brilhante-luminoso; cauda dorsalmente e infracaudais verde-ouro-brilhantes; com frequência as retrizes centrais com parte da ponta azul, cauda ventralmente verde-esmeralda de brilho intenso; asa púrpura-enegrecida; mandíbula preta, maxila cor de carne com ponta escura; pés marrons. Fêmea possui as penas do lado ventral margeadas de branco. Infracaudais de *Polytmus theresiae leucorrhous* com branco puro.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Há duas subespécies no Brasil *Polytmus theresiae theresiae* e *Polytmus theresiae leucorrhous*

Distribuição e biogeografia: *Polytmus t. theresiae* ocorre nas Guianas e Amazônia do norte do Brasil. Estados: Amazonas, Pará e Amapá. *Polytmus t. leucorrhous* ocorre no leste da Colômbia, nordeste do Peru e noroeste do Brasil. Estados: Amazonas e Roraima.

Habitat: MV, MI, MR, C, CA, M, IF, H₂O

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Heliathryx* 1 espécie

Bico pontiagudo e lateralmente comprimido na metade da ponta; lado ventral e as retrizes laterais branco-puros; macho com mancha azul na região auricular; fêmea com a cauda mais comprida do que o macho e as retrizes laterais com faixa preta.

Heliathryx auritus (Gmelin, JF, 1788)

Nome em português: Beija-flor-de-bochecha-azul •

Nome em inglês: Black-eared Fairy

Tamanho: 11-13,5 cm

Morfologia: O ventre é quase completamente branco, incluindo as penas laterais da cauda. Ao contrário da fêmea, o macho apresenta mancha auricular azul-escuro, nem sempre visível em campo e a garganta é coberta de verde-iridescente em extensão variável, de acordo com a subespécie/população. O jovem possui pequenas marcas escuras no peito.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Três subespécies no Brasil *Heliathryx auritus auritus*, *Heliathryx auritus phainolaemus* e *Heliathryx auritus auriculatus*

Distribuição e biogeografia: *Heliathryx a. auritus* ocorre no sudeste da Colômbia, leste do Equador, nordeste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. *Heliathryx a. phainolaemus* ocorre no norte e nordeste do Brasil ao sul do Rio Amazonas no Pará e Maranhão. Estados: Pará, Maranhão, Tocantins e Pernambuco. *Heliathryx a. auriculatus* ocorre no leste do Peru, centro da Bolívia e norte, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil desde o alto Rio Amazonas, Goiás e Bahia para o sul até o Mato Grosso e Paraná. Estados: Mato Grosso, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Habitat: FA, FM, FG, FC, MA, TF, MV, MT, MI, MR, FP, T, CA, AA, PA, IF

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Gênero *Heliactin* 1 espécie

Cauda coniforme, barriga branca, e o macho com tufos brilhantes na região superciliar.

Heliactin bilophus (Temminck, 1820)

Nome em português: Chifre-de-ouro

Nome em inglês: Horned Sungem

Tamanho: 8-11 cm

Morfologia: Macho com o alto da cabeça azul; região superciliar com tufos vermelho-ouro-brilhantes; garganta preta; restante do lado ventral branco; fêmea sem partes coloridas; garganta marrom-cinza-pálida; retrizes com uma faixa preta.

Status e sazonalidade: Residente

Taxonomia: Monotípico

Distribuição e biogeografia: Ocorre no sul do Suriname, leste da Bolívia e norte, nordeste, centro-oeste e sudeste do Brasil. Estados: Acre, Amapá, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Pernambuco, Bahia e São Paulo.

Habitat: B, C, CAA, CE, PA

Conservação: Mundial e Brasil: LC

Augastes scutatus (Temminck, 1824)

2 espécies no Brasil

Nome em português: Beija-flor-de-gravata-verde •**Nome em inglês:** Hyacinth Visorbearer**Tamanho:** 8,3-9,6 cm dependendo da subespécie**Morfologia:** O macho apresenta “gravata” verde, faixa peitoral rosada, barriga azul e a cauda verde. Fêmea possui faixa peitoral esbranquiçada, barriga cinza-azulada e retrizes externas de ponta acinzentada. *Augastes scutatus ilseae* é menor e tem a barriga roxa, partes superiores verde-azuladas.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica**Taxonomia:** Três subespécies no Brasil *Augastes scutatus scutatus*, *Augastes scutatus ilseae* e *Augastes scutatus soaresi***Distribuição e biogeografia:** *Augastes s. scutatus* ocorre em altas altitudes no centro e leste de Minas Gerais. *Augastes s. ilseae* ocorre em altitudes moderadas de Minas Gerais na Serra do Caraça e Diamantina. *Augastes s. soaresi* ocorre na Bacia do Rio Piracicaba, próximo a Santa Bárbara, em Minas Gerais.**Habitat:** C**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Augastes lumachella*** (Lesson, 1838)**Nome em português:** Beija-flor-de-gravata-vermelha •**Nome em inglês:** Hooded Visorbearer**Tamanho:** 9-10 cm**Morfologia:** Macho com fronte e garganta verde-dourado-brilhantes; a garganta na parte inferior com um alongamento de vermelho-brilhante; alto e os lados da cabeça pretos; corpo verde-dourado; cauda ventralmente vermelho-brilhante; fêmea semelhante ao macho, mas é mais pálida e menos brilhante.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica.**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no nordeste e centro da Bahia (Chapada Diamantina) e Minas Gerais.**Habitat:** C, CE**Conservação:** Mundial: NT Brasil: EN

Subfamília Lesbiinae – Tribo Lesbiini – os coquetes

Espécies com plumagem extravagante, comumente com penas ornamentais. As espécies brasileiras são os topetinhos e afins (*Lophornis* e *Discosura*).Gênero *Lophornis* 5 espécies

Beija-flores muito pequenos; bico curto e reto; cauda arredondada; baixo dorso com uma faixa transversal branca ou ocre; macho com penas ornamentais alongadas nos lados do pescoço.

Lophornis ornatus (Boddaert, 1783)**Nome em português:** Beija-flor-de-leque-canela**Nome em inglês:** Tufted Coquette**Tamanho:** 7 cm**Morfologia:** Macho com a fronte e a garganta formando um escudo verde-brilhante; alto da cabeça com topete marrom-avermelhado; penas ornamentais alongadas do pescoço marrom-ocre com pontas verde-enebecido-brilhantes; fêmea sem penas brilhantes; com a fronte, garganta e peito marrom-avermelhados.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste da Venezuela, Trinidad e Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amapá e Pará.**Habitat:** TF, MT, T**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Lophornis gouldii*** (Lesson, R, 1832)**Nome em português:** Topetinho-do-brasil-central**Nome em inglês:** Dot-eared Coquette**Tamanho:** 7 cm**Morfologia:** Macho semelhante ao *L. ornatus*, mas com as penas ornamentais alongadas brancas com as pontas escuras; fêmea sem penas brilhantes e com a garganta esbranquiçada e pintas esverdeadas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste da Bolívia e norte e centro-oeste do Brasil ao sul do Rio Amazonas no Mato Grosso, Tocantins, Goiás, Pará e Maranhão.**Habitat:** FM, TF, MT, C, CE**Conservação:** Mundial e Brasil: VU



Foto: Viviane Rodrigues Reis/Pick-upau

BEIJA-FLOR-TESOURA

No detalhe ninho do *Eupetomena macroura*.

Lophornis magnificentus (Vieillot, 1817)**Nome em português:** Topetinho-vermelho •**Nome em inglês:** Frilled Coquette**Tamanho:** 7 cm**Morfologia:** Macho semelhante ao *L. gouldii*, mas com as penas ornamentais alongadas nas pontas alargadas e com faixa terminal preto-verde e as penas curtas ocre; fêmea sem penas brilhantes e com a fronte e garganta marrom-avermelhadas. Os jovens são semelhantes à fêmea, mas apresentam as penas auriculares foscas e acinzentadas e geralmente possuem a fronte marcada por tons ferrugem.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no centro-oeste, sudeste e sul do Brasil ao sul do Rio Amazonas no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FC, MA, R, AA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Lophornis chalybeus*** (Temminck, 1821)**Nome em português:** Topetinho-verde •**Nome em inglês:** Festive Coquette**Tamanho:** 7,6 - 8,5 cm**Morfologia:** As duas subespécies possuem as penas dos tufos laterais verdes com pequenas pontas brancas, porém *Lophornis c. verreauxii* possui um topete alongado e algumas diferenças entre o colorido da plumagem. As fêmeas distinguem-se entre si pelo padrão ventral que é bastante manchado de branco e canela na forma atlântica e quase completamente cinza na forma amazônica.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Lophornis chalybeus verreauxii* e *Lophornis chalybeus chalybeus***Distribuição e biogeografia:** *Lophornis c. chalybeus* ocorre no norte da Argentina e sudeste e sul do Brasil. Estados: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. *Lophornis c. verreauxii* ocorre ao longo da porção sul da Amazônia brasileira, nos estados do Pará e Amazonas, desde o vale do Araguaia e estendendo-se para oeste até a Colômbia.**Habitat:** FA, FC, R, TF, MV, MT, T, AA**Conservação:** Mundial: NT Brasil: LC***Lophornis pavoninus*** Salvin & Godman, 1882**Nome em português:** Topetinho-pavão**Nome em inglês:** Peacock Coquette**Tamanho:** 8,5 cm**Morfologia:** Alto da cabeça verde-dourado-cintilante; penas ornamentais alongadas, largas, verdes e com pontas grandes pretas; barriga verde-escura; cauda verde-bronze e levemente recortada.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Lophornis pavoninus pavoninus***Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste da Venezuela, Guiana Britânica e extremo norte do Brasil em Roraima.**Habitat:** TF, MV, MT, T**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Discosura* 2 espécies

Macho com as retrizes laterais compridas, providas de raquetes; fêmea com a garganta preta; ambos os sexos com faixa branca no baixo dorso.

Discosura langsdorffi (Temminck, 1821)**Nome em português:** Rabo-de-espinho •**Nome em inglês:** Black-bellied Thorntail**Tamanho:** 7-12,5 cm fêmea e 12,5 cm macho**Morfologia:** Macho de *Discosura langsdorffi langsdorffi* com a frente da cabeça e garganta verde-brilhantes; lado dorsal e coberteiras das asas de brilho cobre e bronze-esverdeado; faixa transversal do uropígio e flancos brancos; uropígio verde e bronze-avermelhado-brilhante; faixa entre a garganta e o peito vermelho-escuro até vinho; barriga preta; asa púrpura-enegrecida; retrizes laterais muito compridas e terminando em pontas finas, o par central muito curto, azul-aço e com pontas brancas; bico e pés pretos. Fêmea tem o lado dorsal, peito e coberteiras das asas verde-bronze com brilho de cobre; faixa transversal do uropígio e flancos brancos; barriga preta; lados da cabeça desenhados em branco e preto, garganta frequentemente com algumas penas verdes; asa púrpura-enegrecida; cauda azul-aço, as retrizes laterais com pontas brancas; bico e pés pretos. Macho de *Discosura langsdorffi melanosternon* é parecido com *Discosura l. langsdorffi*, porém com faixa vermelha-cobre entre a garganta e o peito; o dorso mais escuro-avermelhado; as retrizes curtas inteiramente escuras; flancos cinza. Fêmea com vértice verde-escuro; dorso com pouco brilho dourado; garganta preta, debruada de branco lateralmente; flancos cinza; bico e pés pretos.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Discosura langsdorffi melanosternon* e *Discosura langsdorffi langsdorffi***Distribuição e biogeografia:** *Discosura l. melanosternon* ocorre no sul da Venezuela, sudeste da Colômbia, sul e leste do Equador, leste do Peru e oeste do Brasil (rios Madeira, Guaporé, Negro e oeste do Mato Grosso). *Discosura l. langsdorffi* ocorre no sudeste da Bahia, Espírito Santo e leste do Rio de Janeiro.

Originalmente também ocorria no Rio de Janeiro e Espírito Santo, porém provavelmente está extinto nestes estados.

Habitat: TF, MV, MT, MI, MR, C, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Discosura longicaudus (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Bandeirinha •**Nome em inglês:** Racket-tailed Coquette**Tamanho:** 7,8-10,5 cm fêmea e 10,5 cm macho com a cauda**Morfologia:** Macho com a frente e a garganta verde-capim-cintilante; mento preto; penas do peito verde-claras, marginadas de branco; alto ventre cobre-brilhante; cauda bifurcada purpúrea-enegrecida, penas com raques brancas e par externo com ponta alargada em forma de raquete; fêmea sem cores brilhantes e com a cauda curta; lado ventral branco com a garganta preta e o peito escuro.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sul da Venezuela, Guianas, norte, nordeste e sudeste do Brasil. Estados: Amazonas, Amapá, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo.**Habitat:** FA, MT, MR, T, C, AA, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Subfamília Lesbiinae – Tribo Heliantheini – os brilhantes

Reúnem muitas espécies com plumagem mais reluzente dentre os beija-flores, às vezes a plumagem toda ou partes do corpo como cabeça e pescoço. Englobam as espécies do gênero *Heliodoxa*.Gênero *Heliodoxa*

4 espécies no Brasil

Gênero com quatro espécies bem diferentes; macho com mancha gular brilhante, ou preto; fêmea com barriga branca e garganta ou peito manchado de verde ou marrom-avermelhado-claro.

Heliodoxa xanthogonys Salvin & Godman, 1882**Nome em português:** Brilhante-veludo**Nome em inglês:** Velvet-browed Brilliant**Tamanho:** 12-13 cm**Morfologia:** O macho tem o vértice ouro-brilhante, o restante do alto da cabeça é preto; lado dorsal e coberteiras das asas verde-bronze; garganta e peito ouro-brilhante; mancha gular azul e restante do lado ventral verde-escuro; retrizes centrais verde-escuras e laterais pretas; bico preto, mandíbula amarela. Fêmea menos colorida com o lado dorsal, coberteiras das asas e barriga verde-cobre; penas do ventre bem marcadas de branco; maxila cor de laranja na base.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Heliodoxa xanthogonys willardi* e *Heliodoxa xanthogonys xanthogonys***Distribuição e biogeografia:** *Heliodoxa x. xanthogonys* ocorre no sul e leste da Venezuela, Guiana Britânica e extremo norte do Brasil em Roraima. *Heliodoxa x. willardi* ocorre no sul da Venezuela e norte do Brasil na Serra da Neblina no estado do Amazonas.**Habitat:** T**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Heliodoxa schreibersii*** (Bourcier, 1847)**Nome em português:** Brilhante-de-garganta-preta**Nome em inglês:** Black-throated Brilliant**Tamanho:** 12,6 cm**Morfologia:** Macho com lado dorsal e flancos verde-brilhantes; garganta preta com mancha central lilás-cintilante; peito com faixa verde; barriga preta; fêmea mais pálida e com a barriga cinza-escuro.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Heliodoxa schreibersii schreibersii***Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru e extremo noroeste do Brasil no alto Rio Negro. Estados: Amazonas.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, CA, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Heliodoxa aurescens*** (Gould, 1846)**Nome em português:** Beija-flor-estrela**Nome em inglês:** Gould's Jewelfront**Tamanho:** 11-11,5 cm**Morfologia:** Macho com lado dorsal verde-dourado-brilhante; frente e peito verde-grama-cintilante; mento preto; retrizes laterais marrom-avermelhadas com bordas verde-bronze nas barbas externas; fêmea com mento preto e partes cintilantes.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre na Colômbia, sul da Venezuela, leste do Equador, leste do Peru, norte da Bolívia e norte e oeste do Brasil no Amazonas e sul do Pará provavelmente até o Rio Madeira e norte do Mato Grosso.**Habitat:** TF, MV, MT, MI, MR, FP, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Heliodoxa rubricauda (Boddaert, 1783)**Nome em português:** Beija-flor-rubi •**Nome em inglês:** Brazilian Ruby**Tamanho:** 10-11,5 cm**Morfologia:** Macho com o lado dorsal e barriga verde-escuro; frente e peito verde-grama-brilhante; mancha gular vermelho-brilhante; cauda marrom-avermelhada com bordas das retrizes nas barbas externas verde-bronze; mancha pós-ocular branca; fêmea com o lado ventral marrom-avermelhado-claro.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste e sul do Brasil. Estados: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FC, MA, AA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Subfamília Trochilinae – Tribo Lampornithini – gemas das montanhas

Englobam as espécies de bicos-retos no Brasil (*Heliomaster*), sem associação com terras altas.Gênero *Heliomaster*

3 espécies

Bico cerca de 30 mm de comprimento; macho com a garganta vermelha e violeta brilhante.

Heliomaster longirostris (Audebert & Vieillot, 1801)**Nome em português:** Bico-reto-cinzento**Nome em inglês:** Long-billed Starthroat**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Macho tem o alto da cabeça verde-azulado-brilhante; garganta vermelho-púrpura-brilhante; lado ventral cinza; fêmea semelhante ao macho, porém sem partes brilhantes, sem o vértice colorido e garganta com mancha central preta.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Heliomaster longirostris longirostris***Distribuição e biogeografia:** Ocorre na Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela, Trinidad, Guianas, Peru, Bolívia e norte do Brasil. É o representante do gênero dentro da Amazônia, apesar de ocorrer nas margens na transição para o Cerrado. Ocorre no estados do Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Acre, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.**Habitat:** FM, FG, FC, R, T, B, C, CAA, CE, AA, PA, H₂O**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Heliomaster squamosus*** (Temminck, 1823)**Nome em português:** Bico-reto-de-banda-branca •**Nome em inglês:** Stripe-breasted Starthroat**Tamanho:** 12,4 cm**Morfologia:** Macho com o alto da cabeça azul-esverdeado-brilhante; garganta vermelho-violeta-brilhante; lado ventral verde-azulado-escuro com faixa mediana branca; fêmea sem partes brilhantes; com o lado ventral cinza e garganta com penas escuras formando escamas.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no nordeste, sudeste e sul do Brasil. Estados: Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.**Habitat:** FM, FG, FC, MA, FS, MT, B, C, CE, CA, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Heliomaster furcifer*** (Shaw, 1812)**Nome em português:** Bico-reto-azul •**Nome em inglês:** Blue-tufted Starthroat**Tamanho:** 12,6 cm**Morfologia:** Macho com o alto da cabeça verde-esmeralda-brilhante; garganta vermelho-violeta-brilhante; lados da cabeça e lado ventral azul-brilhante; fêmea sem penas brilhantes; lado ventral cinza-claro; garganta, às vezes, com algumas penas escuras.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no centro e leste da Bolívia, Paraguai, Uruguai, norte da Argentina e centro-oeste e sul do Brasil. Estados: Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.**Habitat:** C, CE, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Subfamília Trochilinae – Tribo Mellisugini – os abelhas

Reúnem muitos dos menores beija-flores existentes (são as menores aves). No Brasil há uma espécie que é o estrelinha-ametista.

Gênero *Calliphlox*

1 espécie

Espécies muito pequenas com a cauda fortemente bifurcada e a garganta brilhante nos machos; as fêmeas com cauda arredondada e flancos marrom-avermelhados.

Calliphlox amethystina (Boddaert, 1783)**Nome em português:** Estrelinha-ametistai •**Nome em inglês:** Amethyst Woodstar**Tamanho:** 7-8,5 cm macho e 7 cm fêmea**Morfologia:** Macho com lado dorsal e flancos verde-bronze-escuros; garganta vermelho-violeta-brilhante; fêmea sem garganta brilhante e com os flancos marrom-avermelhados.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru, norte da Bolívia, sul da Venezuela, Guianas, Paraguai, nordeste da Argentina e em todo o Brasil. É uma das espécies com mais ampla distribuição no Brasil, mas pode frequentar algumas regiões apenas como migrante.**Habitat:** R, MR, T, B, C, CAA, CE, AA, PA, M, IF, H₂O**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Subfamília Trochilinae – Tribo Trochilini – os esmeraldas

Grande parte das espécies está nesse grupo. Predomina os tons de verde e azul/roxo, às vezes com tom de branco e cinza (principalmente no ventre e em fêmeas).

Gênero *Campylopterus* 3 espécies

Beija-flores grandes; macho com as raques das três primárias externas alargadas; as espécies brasileiras têm o lado ventral cinza ou ocre; cauda reta ou arredondada.

Campylopterus largipennis (Boddaert, 1783)**Nome em português:** Asa-de-sabre-cinza**Nome em inglês:** Grey-breasted Sabrewing**Tamanho:** 12,5-15 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-bronzeado-escuro; lado ventral cinza; retrizes preto-azul-aço com pontas brancas ou cinza.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Quatro subespécies no Brasil *Campylopterus largipennis largipennis*, *Campylopterus largipennis obscurus*, *Campylopterus largipennis aequatorialis* e *Campylopterus largipennis diamantinensis***Distribuição e biogeografia:** *Campylopterus l. largipennis* ocorre no leste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil nos estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, ao norte do Rio Amazonas. *Campylopterus l. obscurus* ocorre no norte do Brasil ao sul do Rio Amazonas no leste do Pará e Maranhão. *Campylopterus l. aequatorialis* ocorre no leste da Colômbia, leste do Equador, leste do Peru, norte da Bolívia e no estado do Amazonas no Brasil ao sul do Rio Amazonas. *Campylopterus l. diamantinensis* ocorre no sudeste do Brasil em Minas Gerais na Serra do Espinhaço.**Habitat:** FM, FG, FC, TF, MV, MT, MI, MR**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Campylopterus hyperythrus*** Cabanis, 1849**Nome em português:** Asa-de-sabre-canela**Nome em inglês:** Rufous-breasted Sabrewing**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-brilhante; lado ventral cobre-avermelhado; os três pares externos das retrizes ocre.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste da Venezuela, Guiana Britânica e extremo norte do Brasil em Roraima.**Habitat:** T, C**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Campylopterus duidae*** Chapman, 1929**Nome em português:** Asa-de-sabre-de-peito-camurça**Nome em inglês:** Buff-breasted Sabrewing**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-dourado; lado ventral cinza-avermelhado; flancos e lados do pescoço dourados; retrizes laterais bicolores com as pontas largamente ocre.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Campylopterus duidae duidae***Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sul da Venezuela e norte do Brasil na Serra da Neblina. Estados: Amazonas e Roraima.**Habitat:** T, C**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Gênero *Aphantochroa*

1 espécie

Única espécie brasileira quase uniformemente cinza com leve brilho bronzeado no dorso; esverdeado nos lados da garganta e pescoço; lados da cabeça com mancha pós-ocular branca.

Aphantochroa cirrochloris (Vieillot, 1818)**Nome em português:** Beija-flor-cinza •**Nome em inglês:** Sombre Hummingbird**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-bronze-sombrio; lado ventral cinzento com leve brilho verde na garganta e nos lados do pescoço; lados da cabeça com mancha pós-ocular branca.**Status e sazonalidade:** Residente, endêmico do Brasil e quase endêmico da Mata Atlântica.**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no nordeste, sudeste, centro-oeste e sul do Brasil, nos estados de Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FC, MA, AA**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Eupetomena*

1 espécie

De porte grande com a cauda mais comprida do que o corpo e profundamente bifurcada; macho com raques das primárias externas levemente alargadas.

Eupetomena macroura (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-tesoura •**Nome em inglês:** Swallow-tailed Hummingbird**Tamanho:** 15-16 cm**Morfologia:** Cabeça azul-brilhante; corpo verde; cauda azul-aço, comprida e profundamente bifurcada.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há três subespécies no Brasil *Eupetomena macroura macroura*, *Eupetomena macroura simoni* e *Eupetomena macroura cyanoviridis***Distribuição e biogeografia:** *Eupetomena m. macroura* ocorre nas Guianas, Paraguai e norte e centro-oeste e sudeste do Brasil. Estados: Mato Grosso, Pará, Roraima, Amapá, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. *Eupetomena m. simoni* ocorre no nordeste e centro do Brasil. Estados: Goiás, Piauí, Ceará, Alagoas e Bahia.*Eupetomena m. cyanoviridis* ocorre no sudeste e sul do Brasil na Serra do Mar. Estados: São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FG, FC, MA, FS, R, MR, B, C, CE, CAA, AA, PA, M, IF, H,O**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Stephanoxis*

2 espécies

Macho com topete verde ou azul-brilhante e uma pena fina de mais ou menos 30 mm preta; lado ventral azul-escuro; fêmea de lado ventral cinza.

Stephanoxis lalandi (Vieillot, 1818)**Nome em português:** Beija-flor-de-topete-verde •**Nome em inglês:** Green-crowned Plovercrest**Tamanho:** 8-9 cm**Morfologia:** O topete longo é característico do gênero e sua cor verde é o principal diagnóstico em relação à *Stephanoxis loddigesii*. A coloração da fêmea é bem mais discreta, o ventre é cinza e não tem o topete e o colorido do macho.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil e da Mata Atlântica.**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste do Brasil, em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.**Habitat:** FA, MA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Stephanoxis loddigesii*** (Vigors, 1831)**Nome em português:** Beija-flor-de-topete-azul •**Nome em inglês:** Purple-crowned Plovercrest**Tamanho:** 8,5 cm**Morfologia:** Espécie brasileira com o mais longo topete, um pouco maior que a do Beija-flor-de-topete-verde. Somente o macho apresenta plumagem vistosa, enquanto as fêmeas lembram de modo superficial as do gênero *Thalurania*.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste do Paraguai, nordeste da Argentina e sudeste e sul do Brasil em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FC**Conservação:** Mundial: LC

Gênero *Chlorestes*

1 espécie

Uma espécie com cauda fortemente arredondada e infra-caudais verdes.

Chlorestes notata (Reich, GC, 1793)**Nome em português:** Beija-flor-de-garganta-azul •**Nome em inglês:** Blue-chinned Sapphire**Tamanho:** 9-10 cm**Morfologia:** Muito parecido com aqueles do gênero *Chlorostilbon*, mas a diferença é que possui a cauda “reta” na ponta, sem qualquer bifurcação. O bico preto com a base da mandíbula avermelhada lembra alguns *Amazilia*. A fêmea tem o crisco formado por penas verdes metálicas, ao contrário das similares fêmeas de *Chlorostilbon*, *Hylocharis* e alguns *Amazilia*. Macho verde-brilhante com a garganta azul; fêmea possui garganta e barriga brancas; garganta com pintas verdes; peito e flancos verde-dourados; infra-caudais verdes.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Chlorestes notata notata* e *Chlorestes notata puruensis***Distribuição e biogeografia:** *Chlorestes n. notata* ocorre no nordeste da Colômbia, norte e leste da Venezuela, Guianas, Trinidad e Tobago e norte e nordeste do Brasil e na Mata Atlântica do limite norte de distribuição do domínio até o norte do Rio de Janeiro. *Chlorestes n. puruensis* ocorre no sudeste da Colômbia, Amazônia do nordeste do Peru e no estado do Amazonas no Brasil ao norte do Rio Amazonas.**Habitat:** FA, MI**Conservação:** Mundial: LCGênero *Chlorostilbon*

2 espécies

Macho com todo o corpo verde-dourado-cintilante; fêmea com lado ventral cinza claro e uma faixa pós-ocular esbranquiçada.

Chlorostilbon mellisugus (Linnaeus, 1758)**Nome em português:** Esmeralda-de-cauda-azul**Nome em inglês:** Blue-tailed Emerald**Tamanho:** 7,3-8 cm**Morfologia:** Bico preto; macho verde-brilhante; cauda azul-aço; fêmea com o lado ventral cinza-claro e as pontas das retrizes laterais cinza.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Três subespécies no Brasil *Chlorostilbon mellisugus subfurcatus*, *Chlorostilbon mellisugus mellisugus* e *Chlorostilbon mellisugus phoeopygus***Distribuição e biogeografia:** *Chlorostilbon m. subfurcatus* ocorre no leste e sul da Venezuela, Guiana Britânica e norte do Brasil em Roraima. *Chlorostilbon m. mellisugus* ocorre no Suriname, Guiana Francesa e no Brasil nos estados do Amapá, Pará, Maranhão e Tocantins. *Chlorostilbon m. phoeopygus* ocorre no leste da Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e oeste do Brasil no Amazonas.**Habitat:** MT, MR, T, B, CA, CE, AA, M, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Chlorostilbon lucidus*** (Shaw, 1812)**Nome em português:** Besourinho-de-bico-vermelho •**Nome em inglês:** Glittering-bellied Emerald**Tamanho:** 7,5-10,5 cm macho; 7,5-8,5 cm fêmea.**Morfologia:** Macho verde-brilhante com reflexos variando do dourado ao azulado; bico quase inteiramente vermelho. A fêmea é mais pálida, o ventre é acinzentado e tem uma faixa branca marcante que desce atrás do olho.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Três subespécies no Brasil *Chlorostilbon lucidus pucherani*, *Chlorostilbon lucidus lucidus* e *Chlorostilbon lucidus berlepschi***Distribuição e biogeografia:** *Chlorostilbon l. lucidus* ocorre na Bolívia, Paraguai, centro-oeste do Brasil e noroeste da Argentina. *Chlorostilbon l. berlepschi* ocorre no Rio Grande do Sul, Uruguai e nordeste da Argentina. *Chlorostilbon l. pucherani* ocorre no leste do Brasil, do Maranhão e Ceará até o Paraná.**Habitat:** FG, FC, MA, C, CAA, CE, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Thalurania*

3 espécies

Bico pouco mais comprido do que a cabeça, ligeiramente curvado e preto; cauda bifurcada; macho com o lado ventral verde ou azul brilhante; fêmea com o lado ventral cinza.

Thalurania furcata (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-tesoura-verde**Nome em inglês:** Fork-tailed Woodnymph**Tamanho:** 9,5-10-5 cm**Morfologia:** Macho com garganta verde-brilhante; barriga azul-escuro-brilhante; cauda azul-aço furcada; o colorido do dorso e do crisco e o comprimento da cauda variam de acordo com a população. Fêmea com lado ventral cinza; lados da cabeça sem mancha ou estria branca; retrizes laterais com pontas brancas; Apresentam o mesmo padrão das outras *Thalurania* brasileiras.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há doze subespécies no Brasil *Thalurania furcata furcata*, *Thalurania furcata fissilis*, *Thalurania furcata orenocensis*, *Thalurania furcata nigrofasciata*, *Thalurania furcata jelskii*, *Thalurania furcata simoni*, *Thalurania furcata balzani*, *Thalurania furcata furcatoides*, *Thalurania furcata boliviana*, *Thalurania furcata baeri*, *Thalurania furcata eriphile* e *Thalurania furcata rupicola***Distribuição e biogeografia:** Ocorrem de maneira ampla pela Amazônia e Brasil central. Também no nordeste.**Habitat:** FA, FM, FG, FC, MV, MT, MI, MR, FP, B, CA, AA, PA, M, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Thalurania watertonii (Bourcier, 1847)**Nome em português:** Beija-flor-de-costas-violeta •**Nome em inglês:** Long-tailed Woodnymph**Tamanho:** 10-13 cm**Morfologia:** Macho com o alto dorso largamente azul-violeta-escuro; todo lado ventral verde-brilhante; fêmea com o lado ventral cinza.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre na Guiana Britânica e nos estados brasileiros do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Bahia.**Habitat:** FA**Conservação:** Mundial e Brasil: EN***Thalurania glaucopis*** (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-de-fronte-violeta •**Nome em inglês:** Violet-capped Woodnymph**Tamanho:** 9,5-11 cm**Morfologia:** Macho com todo o lado ventral verde-brilhante; fronte azul-violeta; fêmea com o lado ventral cinza.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina e sudeste e sul do Brasil. Estados: Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FC, MA, FS**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Hylocharis*

3 espécies

Espécies de porte médio, de cerca de 9,6 cm de comprimento; cauda arredondada com leve recorte; bico vermelho com ponta escura, largo na base e mole.

Hylocharis sapphirina (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-safira •**Nome em inglês:** Rufous-throated Sapphire**Tamanho:** 8,4-9,2 cm**Morfologia:** Macho com o bico vermelho e ponta escura; mento e infracaudais marrom-avermelhados; garganta e peito azul-violeta-escuro; cauda marrom-avermelhado-púrpura com bordas escuras; fêmea com o lado ventral cinza, garganta e peito com pintas azuis.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste da Colômbia, sul da Venezuela, leste do Equador, nordeste do Peru, Guianas, nordeste da Bolívia, Paraguai, nordeste da Argentina e norte, nordeste, sudeste e sul do Brasil. Estados: Amazonas, Pará, Amapá, Mato Grosso, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Paraná.**Habitat:** FA, FM, FG, FC, TF, MV, MT, MI, MR, FP, AA, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Hylocharis cyanus*** (Vieillot, 1818)**Nome em português:** Beija-flor-roxo •**Nome em inglês:** White-chinned Sapphire**Tamanho:** 8,4-8,9 cm**Morfologia:** O macho destaca-se pelo colorido que possui na cabeça e dorso. Cabeça, garganta e peito do macho tem coloração azul-arroxeadas; mento esbranquiçado. Fêmea possui partes superiores verdes e inferiores branco-acinzentadas. Detalhes do colorido ventral dos machos podem ser diferentes entre as subespécies e o padrão de marcações na garganta das fêmeas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há cinco subespécies no Brasil *Hylocharis cyanus viridiventris*, *Hylocharis cyanus rostrata*, *Hylocharis cyanus conversa*, *Hylocharis cyanus cyanus* e *Hylocharis cyanus griseiventris***Distribuição e biogeografia:** *Hylocharis c. viridiventris* ocorre no norte e leste da Colômbia, oeste e sul da Venezuela, Guianas e norte do Brasil no baixo Rio Amazonas até norte do Maranhão. Estados: Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Maranhão e Mato Grosso. *Hylocharis c. rostrata* ocorre no leste do Peru, nordeste da Bolívia e no Brasil, no Acre e Mato Grosso. *Hylocharis c. conversa* ocorre no leste da Bolívia, norte do Paraguai e sudoeste do Brasil no oeste do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. *Hylocharis c. cyanus* ocorre no nordeste e sudeste do Brasil no litoral desde Pernambuco até o Rio de Janeiro. Estados: Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. *Hylocharis c. griseiventris* ocorre no nordeste da Argentina (Buenos Aires) e nos estados brasileiros de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FC, R, TF, MV, MT, MI, MR, FP, B, PA, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Hylocharis chrysura (Shaw, 1812)**Nome em português:** Beija-flor-dourado •**Nome em inglês:** Gilded Sapphire**Tamanho:** 9,5-10 cm**Morfologia:** Verde-dourado-brilhante com a garganta marrom-avermelhado-pálida; cauda latão até ouro-avermelhado-brilhante intenso.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no nordeste e centro-sul da Bolívia, Paraguai, Uruguai, norte da Argentina e sudoeste, sudeste e sul do Brasil. Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FM, FC, MA, FS, C, CE, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Chrysuronia*

1 espécie

Semelhante ao gênero *Hylocharis*, mas com o bico mais duro e escuro; retrizes laterais não mais curtas que o par subsequente.***Chrysuronia oenone*** (Lesson, R, 1832)**Nome em português:** Beija-flor-de-cauda-dourada**Nome em inglês:** Golden-tailed Sapphire**Tamanho:** 9,5 cm**Morfologia:** Apresenta plumagem cintilante com gradiente de cores que vai do azul-intenso do alto da cabeça até o cobre-avermelhado da cauda. A fêmea é mais pálida e menos colorida, quase sem o azul da cabeça e com o ventre esbranquiçado. Os indivíduos jovens são similares as fêmeas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Chrysuronia oenone oenone* e *Chrysuronia oenone josephinae***Distribuição e biogeografia:** *Chrysuronia o. oenone* ocorre no leste da Colômbia, norte e leste da Venezuela, leste do Equador, nordeste do Peru e em Pará no Brasil. *Chrysuronia o. josephinae* ocorre na Amazônia do Peru, Bolívia e no Brasil, em Mato Grosso.**Habitat:** TF, MT, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Leucochloris*

1 espécie

Cauda com as retrizes laterais encurtadas e estreitas; uma espécie de coloração verde e branco.

Leucochloris albicollis (Vieillot, 1818)**Nome em português:** Beija-flor-de-papo-branco •**Nome em inglês:** White-throated Hummingbird**Tamanho:** 11-12 cm**Morfologia:** Todo lado dorsal, peito e flancos verdes-brilhantes; garganta, mancha pós-ocular e barriga brancas.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no leste da Bolívia, leste do Paraguai, Uruguai, norte da Argentina e sudoeste, sudeste e sul do Brasil. Estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**Habitat:** FA, FM, FC, MA, FS, R, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LCGênero *Leucippus*

1 espécie

Beija-flores com o lado dorsal verde-bronze e o lado ventral branco ou cinza; cauda arredondada e pés emplumados.

Leucippus chlorocercus Gould, 1866**Nome em português:** Beija-flor-pintado**Nome em inglês:** Olive-spotted Hummingbird**Tamanho:** 12 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-bronze; lado ventral cinza; garganta com máculas esverdeadas; infracaudais marrom-cinzentas-escuras com margens brancas; pequena mancha pós-ocular branca; cauda verde; as retrizes laterais com faixa subterminal escura e pontas cinza.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Ocorre no sudeste da Colômbia, leste do Equador, nordeste do Peru e extremo noroeste do Brasil, no estado do Amazonas.**Habitat:** MR, IF**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Gênero *Amazilia*

8 espécies no Brasil

Espécies de porte médio, com bico reto ou levemente curvado e um pouco mais comprido do que a cabeça; a coloração é predominantemente verde com branco, azul ou marrom; cauda reta ou ligeiramente arredondada.

Amazilia chionogaster (Tschudi, 1846)**Nome em português:** Beija-flor-verde-e-branco**Nome em inglês:** White-bellied Hummingbird**Tamanho:** 9,6 cm

Morfologia: Lado dorsal verde-brilhante; lado ventral branco; asa púrpura-enebecida; retrizes centrais verde-azuladas, retrizes laterais com barba interna cinza e ponta esbranquiçada; mandíbula preta, maxila cor de carne-pálida; pés marrom-escuros. Macho e fêmea semelhantes, mas o macho tem bico um pouco mais comprido (24 mm).

Status e sazonalidade: Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Amazilia chionogaster hypoleuca*

Distribuição e biogeografia: Talvez seja a única espécie brasileira de beija-flor que ocorre sazonalmente no país. Existe um registro controverso para Cáceres no Mato Grosso e aparentemente um segundo para o sul de Rondônia.

Habitat: FM, MT, B, C, CE**Conservação:** Mundial: LC Brasil: NA***Amazilia leucogaster*** (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-de-barriga-branca •**Nome em inglês:** Plain-bellied Emerald**Tamanho:** 9,8-11 cm

Morfologia: Lado dorsal verde-brilhante; fronte e lados do pescoço verde-ouro-cintilante; lado ventral branco; retrizes centrais verdes, as laterais azul-aço-enebecidas.

Status e sazonalidade: Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Amazilia leucogaster leucogaster* e *Amazilia leucogaster bahiae*

Distribuição e biogeografia: *Amazilia l. leucogaster* ocorre no leste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil, em Roraima, Amapá, Pará, Maranhão, Piauí e Ceará. *Amazilia l. bahiae* ocorre no nordeste do Brasil, em Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Habitat: R, M, H₂O**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Amazilia versicolor*** (Vieillot, 1818)**Nome em português:** Beija-flor-de-banda-branca •**Nome em inglês:** Versicolored Emerald**Tamanho:** 9,2-9,5 cm

Morfologia: O principal diagnóstico do grupo é a cauda bronze com tênue faixa subterminal escura nos pares laterais. A garganta das subespécies varia do branco puro ao verde. Também se diferenciam pela distribuição e pelos tons das penas cintilantes do pescoço e cabeça. Há um grande polimorfismo de plumagem no sudeste do Brasil que dependendo do autor considera uma variação entre indivíduos, outros interpretam como evidência da presença de pelo menos duas (sub)espécies. Machos de garganta completamente verde tendem a apresentar cauda mais profundamente bifurcada.

Status e sazonalidade: Residente**Taxonomia:** Há quatro subespécies no Brasil *Amazilia versicolor millerii*, *Amazilia versicolor nitidifrons*, *Amazilia versicolor versicolor* e *Amazilia versicolor kubtchecki*

Distribuição e biogeografia: *Amazilia v. versicolor* ocorre na Bolívia, norte da Argentina e sudeste e sul do Brasil. Estados: Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. *Amazilia v. millerii* ocorre no leste da Colômbia, leste do Peru, centro da Venezuela, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. *Amazilia v. nitidifrons* ocorre no norte e centro-oeste do Brasil. Estados: Pará, Tocantins, Goiás e Mato Grosso. *Amazilia versicolor kubtchecki* ocorre no nordeste da Bolívia, leste do Paraguai, extremo nordeste da Argentina e sudoeste do Brasil.

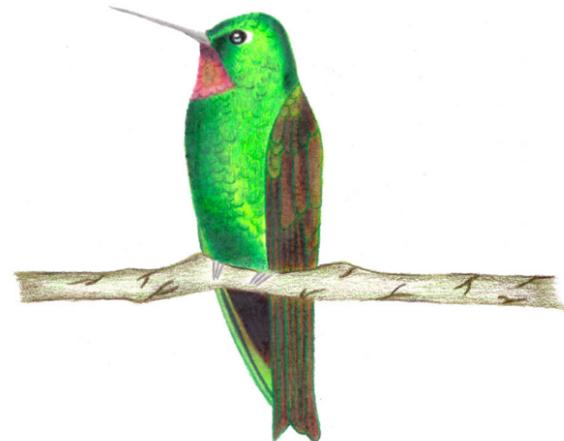
Habitat: FA, FM, FG, MA, R, MI, MR, B, C, CE, AA, PA, M, IF, H₂O**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Amazilia brevirostris*** (Lesson, R, 1829)**Nome em português:** Beija-flor-de-bico-preto**Nome em inglês:** White-chested Emerald**Tamanho:** 9-9,5 cm

Morfologia: Semelhante ao *Amazilia versicolor millerii*, mas com o bico e pés pretos; lado ventral branco puro e com os flancos verde-bronzeados.

Status e sazonalidade: Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Amazilia brevirostris brevirostris*

Distribuição e biogeografia: Ocorre no leste da Venezuela, Guiana Britânica, Suriname e extremo norte do Brasil em Roraima.

Habitat: FA, R**Conservação:** Mundial e Brasil: LC

Amazilia fimbriata (Gmelin, JF, 1788)**Nome em português:** Beija-flor-de-garganta-verde •**Nome em inglês:** Glittering-throated Emerald**Tamanho:** 9,8-10-5 cm**Morfologia:** Verde com a garganta verde-brilhante e as retrizes laterais preto-azul-aço. As diferentes subespécies se diferenciam por detalhes da cor do crisso, brilho da garganta e/ou tamanho.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Há cinco subespécies no Brasil *Amazilia fimbriata alia*, *Amazilia fimbriata fimbriata*, *Amazilia fimbriata laeta*, *Amazilia fimbriata nigricauda* e *Amazilia fimbriata tephrocephala***Distribuição e biogeografia:** *Amazilia f. alia* ocorre no norte do Brasil ao sul do Rio Amazonas no Pará. *Amazilia f. fimbriata* ocorre no nordeste da Venezuela, Guianas e norte do Brasil ao norte do Rio Amazonas. Estados: Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. *Amazilia f. laeta* ocorre no nordeste do Peru e no estado do Amazonas no Brasil, no Rio Solimões. *Amazilia f. tephrocephala* ocorre na baixada litorânea entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul. *Amazilia f. nigricauda* ocorre no Brasil central.**Habitat:** FA, R, TF, MV, MT, MI, MR, FP, B, C, CE, AA, PA, M, IF, H₂O**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Amazilia lactea*** (Lesson, R, 1832)**Nome em português:** Beija-flor-de-peito-azul •**Nome em inglês:** Sapphire-spangled Emerald**Tamanho:** 9,2-9,7 cm**Morfologia:** Lado dorsal verde-bronze-escuro; garganta azul-escuro.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Duas subespécies no Brasil *Amazilia lactea lactea* e *Amazilia lactea bartletti***Distribuição e biogeografia:** *Amazilia l. lactea* ocorre no sudeste e sul do Brasil entre a Bahia e o Paraná. Estados: Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. *Amazilia l. bartletti* ocorre no leste e sudeste do Peru, norte da Bolívia e na Amazônia, do Acre ao sudoeste do Amazonas.**Habitat:** FG, FC, MA, MT, B, C, CA, CE, AA, PA**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Amazilia viridigaster*** (Bourcier, 1843)**Nome em português:** Beija-flor-de-barriga-verde**Nome em inglês:** Green-bellied Hummingbird**Tamanho:** 9,5 cm**Morfologia:** O corpo é bicolor, verde na região ventral e vermelho-bronze na região da cauda. Sem dimorfismo sexual.**Status e sazonalidade:** Residente**Taxonomia:** Uma subespécie no Brasil *Amazilia viridigaster cupreicauda***Distribuição e biogeografia:** Ocorre em Roraima e no Amazonas, principalmente ao longo da fronteira com a Venezuela.**Habitat:** T**Conservação:** Mundial e Brasil: LC***Amazilia rondoniae*** Ruschi, 1982**Nome em português:** Beija-flor-de-cabeça-azul**Nome em inglês:** Blue-green Emerald**Tamanho:** 9,2 cm**Morfologia:** As partes metalizadas das penas da cabeça, principalmente a fronte, garganta, alto e lados da cabeça, tem o tom puramente azulado. A fêmea difere por apresentar mais branco na garganta.**Status e sazonalidade:** Residente e endêmico do Brasil**Taxonomia:** Monotípico**Distribuição e biogeografia:** Sudoeste da Amazônia brasileira, entre os rios Madeira e, aparentemente, o rio Tapajós.**Habitat:** MR, C, CE, IF**Conservação:** Brasil: DD

Legenda de Habitat: FA – Floresta Atlântica; FG – Floresta de Galeria; MA – Mata de Araucária; R – Restinga; FM – Floresta Mesófila; FC – Floresta Ciliar; FS – Floresta Subtropical; TF – Mata de Terra Firme; MV – Mata de Várzea; MT – Mata de Transição; MI – Mata de Igapó; MR – Mata Ripária Ribeirinha; FP – Floresta Paludosa Amazônica; T – Tepuis; B – Buritizais e Matas de Galeria; C – Campos e Campinaranas; CA – Caatinga Amazônica ou Lavrados; CAA – Caatinga; CE – Cerrado; AA – Áreas Antrópicas; PA – Pantanal; M – Manguezais; IF – Ilhas Fluviais; H₂O – Ambiente Aquático e Áreas Alagadas.

Legenda de Conservação: CR – Em Perigo Crítico; EN – Em Perigo; VU – Vulnerável; NT – Quase Ameaçado; LC – Pouco Preocupante; DD – Dados Deficientes.

- Espécies que ocorrem no domínio da Mata Atlântica.

Ilustrações

Página 8 – Beija-flor-rajado – *Ramphodon naevius*Página 24 – Ninho de *Amazilia versicolor* com base no livro Beija-flores de Augusto RuschiPágina 39 – Beija-flor-tesoura – *Eupetomena macroura*Página 90 – Beija-flor-preto – *Florisuga fusca*Página 138 – Beija-flor-rubi macho – *Heliodoxa rubricauda*

Nas profundezas do pré-sal ou no frio extremo da Antártida, estamos sempre em movimento para inovar.

A Petrobras é parceira do Programa Antártico Brasileiro há 30 anos. Criamos um combustível especial para as regiões geladas, ajudando no sucesso das pesquisas da estação. E os dados gerados por lá contribuem diretamente na exploração do pré-sal.

Petrobras. Energia para transformar.

petrobras.com.br/nossaenergia



7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério do Meio Ambiente – MMA – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**: Volume III – Aves. 1. ed.– Brasília, DF : ICMBio/MMA, 2018. 709 p.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente – MMA – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO. **Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção**. Portaria No – 444, de 17 de dezembro de 2014. Diário Oficial da União Nº 245, quinta-feira, 18 de dezembro de 2014.

Gill, F & Donsker, D. (Eds). IOC World Bird List (v 8.1). 2019. Disponível em: <<http://www.worldbirdnames.org/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2019.

Grantsau, R. K. H. **Guia completo para identificação das Aves do Brasil**. v. 1. São Carlos. Vento Verde, 2010. 624p.

Grantsau, R. **Os Beija-flores do Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988. 233p.

IUCN 2020. The IUCN Red List of Threatened Species. **Version 2019-3**. Disponível em: <<https://www.iucn-redlist.org>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

Moreira-Lima, L. **Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição, status, endemismos e conservação**. São Paulo, 2013. Volume I. 513p. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Zoologia) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, 2013.

Piacentini, V. Q. *et al.* Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee/Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 23(2), 91-298, 2015.

Piacentini, V. Q. **Beija-flores do Brasil**. São Paulo: Aves & Fotos Editora, 2017. 200p.

Ruschi, A. Beija-flores. In: Carvalho, José Candido de Melo. **Atlas da Fauna Brasileira**. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1995. 140p.

São Paulo (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente – SVMA. Lista preliminar da Fauna Silvestre do Município de São Paulo. In: **Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo 2018**. Divisão de Fauna Silvestre – Secretaria do Verde e do Meio Ambiente – SVMA. 2018.

Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1997. 912p.

Sigrist, T. **Avifauna Brasileira - Guia de Campo Avis Brasilis**. Vinhedo/SP: Avisbrasilis editora, 2014. 4ª ed. 608 p.



8. Quem Somos

Sobre a Pick-upau

A Agência Ambiental Pick-upau é uma organização não governamental sem fins lucrativos de caráter ambientalista 100% brasileira, fundada em 1999, por três ex-integrantes do Greenpeace-Brasil. Originalmente criada no Cerrado brasileiro, tem sua sede, próxima a uma das últimas e mais importantes reservas de Mata Atlântica da cidade de São Paulo, o PE das Fontes do Ipiranga.

Por tratar-se de uma organização sobre Meio Ambiente, sem uma bandeira única, a Agência Ambiental Pick-upau possui e desenvolve projetos em diversas áreas ambientais. Desde a educação e o jornalismo ambiental, através do Portal Pick-upau – Central de Educação e Jornalismo Ambiental; passando por programas de produção florestal de espécies nativas de biomas brasileiros; reflorestamento de áreas degradadas e recuperação de fragmentos florestais; políticas públicas, através da atuação em conselhos; neutralização de gases de efeito estufa e mitigação às mudanças climáticas, através do plantio de mudas e créditos de carbono; até a pesquisa científica sobre biodiversidade da fauna e flora.

Saiba mais: www.pick-upau.org.br

Sobre o CECFLORA

O Centro de Estudos e Conservação da Flora – CECFLORA foi criado em 2014 pela Pick-upau para o desenvolvimento de pesquisas científicas sobre biodiversidade nas áreas de produção florestal de espécies nativas; experimentos com plantas ornamentais, epífitas e sementes; além de estudos com avifauna. Abriga também coleções científicas como exsicatas, sementes, madeiras, fungos e insetos, além de ser um espaço destinado à realização de cursos e ações de educação ambiental.

Saiba mais: www.cecflora.org.br

Sobre o Projeto Darwin

O Projeto Darwin tem como principais características conhecer e divulgar os atributos naturais e culturais dos biomas brasileiros, incluindo áreas particulares, Unidades de Conservação. Lançado em 2009, durante as comemorações de 200 anos do nascimento de Charles Robert Darwin, o projeto de pesquisa científica da Agência Ambiental Pick-upau realiza inventários biológicos de espécies predominantes da fauna e da flora, mantém coleções científicas, desenvolve estudos sobre produção florestal, recuperação de áreas degradadas, mudanças climáticas, entre outras áreas. O projeto tem o compromisso de sensibilizar o maior número de pessoas possíveis para tornar viável o desenvolvimento socioeconômico e a preservação do ambiente das regiões pesquisadas.

Saiba mais: www.darwin.org.br

Sobre o Projeto Aves

Criado pela Pick-upau em 2014, durante uma viagem a São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, o Projeto Aves era a oportunidade para a Organização iniciar suas atividades com a fauna, uma vez que a Pick-upau se especializou, ao longo dos anos em estudos sobre a flora e a restauração de habitats. A partir de 2015, o Projeto Aves passou a ser patrocinado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental, e desde então realiza atividades voltadas ao estudo e conservação desses animais. Pesquisas científicas como levantamentos quantitativos e qualitativos, pesquisas sobre frugivoria, dispersão de sementes e polinização de flores são publicadas na Darwin Society Magazine; o projeto mantém ainda a produção e plantio de espécies vegetais, além de atividades socioambientais com crianças, jovens e adultos, sobre a importância em atuar na conservação das aves.

Saiba mais: www.projetoaves.org.br



SOBRE

O **Projeto Aves** realiza diversas atividades voltadas ao estudo e conservação desses animais. Pesquisas científicas como levantamentos quantitativos e qualitativos, pesquisas sobre frugivoria e dispersão de sementes, polinização de flores, são publicadas na Darwin Society Magazine; produção e plantio de espécies vegetais, além de atividades socioambientais com crianças, jovens e adultos, sobre a importância da conservação das comunidades de avifauna. O Projeto Aves é patrocinado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental, desde 2015.

Darwin Society Magazine é uma publicação científica da Agência Ambiental Pick-upau que tem o objetivo de divulgar atividades e pesquisas realizadas pela equipe técnica da organização, através de seus projetos institucionais sobre conservação da biodiversidade e meio ambiente em geral.

Beija-flores do Brasil
Riqueza, Distribuição e Status de Conservação

Agência Ambiental Pick-upau
Programa Petrobras Socioambiental

Série Científica v.33, n.33 - Janeiro de 2020
ISSN 2316-106X

Beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*)



Magazine
Darwin Society
Ciência para todos

Realização



Patrocínio

